

Coleção **Automação e Trabalho** (já publicados)

- Introdução à Informática
- A Fábrica Automática e a Organização do Trabalho
- As Negociações Trabalhistas e a Introdução de Inovações Tecnológicas na Europa
- O Sujeito Frente à Inovação Tecnológica
- Desafio Tecnológico e Inovação Social: Condições de Vida e de Trabalho
- Aplicações da Informática na Indústria Mecânica

A versão original italiana da coleção, com título "Homens, Máquinas, Sociedade", compreende:

- Piero Mussio. **INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA.**
- Angelo Dina. **A FÁBRICA AUTOMÁTICA E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO**
- Piercarlo Maggolini. **AS NEGOCIAÇÕES TRABALHISTAS E A INTRODUÇÃO DE INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NA EUROPA.**
- Roberto Bennati. **APLICAÇÕES DA INFORMÁTICA NA INDÚSTRIA MECÂNICA. MANUAL.**
- Pino Ferraris. **DESAFIO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO SOCIAL: SISTEMA ECONÔMICO, CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO.**
- Emilio Rebecchi. **O SUJEITO FRENTE À INOVAÇÃO TECNOLÓGICA.**
- Francesco Graziani. **OS OBJETOS DA TECNOLOGIA INFORMÁTICA.**
- F. Graziani, B. Liverani, P. Mussio, P. Pelizzari. **INFORMÁTICA OPERACIONAL PARA O USUÁRIO. GLOSSÁRIO.**
- Antonio T. Lombardo. **AUTOMAÇÃO, IDEOLOGIA TECNOCRÁTICA E MOVIMENTO OPERÁRIO NOS ANOS 50.**

Biografia do autor de *O Sujeito Frente à Inovação Tecnológica*

Emilio Rebecchi nasceu em Bolonha (Itália), em 1941. É médico e psicanalista, dirige o departamento psiquiátrico do hospital S. Orsola de Bolonha e ensina psiquiatria social.

Junto com o prof. Alberto Merini, dirigiu uma pesquisa (L'altra faccia della luna) a pedido da FLM (Federação de Trabalhadores Metalúrgicos) de Bolonha, no Instituto de Psiquiatria "Otonello" da Universidade de Bolonha, sobre as experiências dos operários frente à automação.

No início dos anos 70 participou de uma pesquisa-participativa sobre os problemas da saúde e da insalubridade nas fábricas bolonhesas. Os resultados desta pesquisa foram publicados no volume *Rapporto dalle fabbriche*.

EMILIO REBECCHI

O SUJEITO FRENTE À INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Tradução de

Raffaella de Filippis



Petrópolis

em co-edição com o Instituto Brasileiro
de Análises Sociais e Econômicas
(IBASE)
1990

© 1985 FIOM/CGIL e Rosenberg e Selier-editores de Turim
FIOM: Federação dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica, filiada à
CGIL
CGIL: Confederação Geral Italiana de Trabalhadores
Curso Trieste, 36
00198 - ROMA - ITÁLIA

Organização geral da obra:
Sandro Bianchi e Bruno Sacerdoti

Direitos de tradução, reprodução, adaptação, total ou parcial, através de qual-
quer meio, inclusive microfímes, reservados em todos os países.

Versão Portuguesa

Direitos de publicação. Editora Vozes Ltda./IBASE

Organização editorial: Fernanda Lopes de Carvalho (IBASE)

Sérgio Ferreira (IBASE)

Tradução: Raífaela de Filippis

Revisão de originais: Carmen da Matta

Revisão final: Fernanda Lopes de Carvalho.

65.111.56
Aut. 582 L

Universidade de São Paulo
Biblioteca da Escola Politécnica

65035

ÍNDICE

- 1- A posição do trabalhador frente à automação: uma primeira avaliação
subjetiva - 11
 - 2- Efeitos na organização do trabalho - 15
 - 3- Mudanças no profissionalismo. Transformação/perda do trabalho e do
significado do trabalho - 19
 - 4- Perda da autonomia - 26
 - 5- A identificação com o trabalho - 29
 - 6- Fantasias sobre as próteses. Antropomorfização - 35
 - 7- Depressão e perseguição. Perda de autonomia - 41
 - 8- Pseudo-adaptação/adaptação. Mecanismos de defesa - 47
 - 9- O sindicato, a vida em grupo - 62
 - 10- Efeitos sobre a sociedade. O que fazer - 68
 - 11- Bibliografia - 79
- Anexos - 81

DEDALUS - Acervo - EPRO



32100002219

APRESENTAÇÃO

A informática é a técnica propulsora do processo de transformação tecnológica e cultural que hoje muda, e continuará mudando, a realidade subjetiva e social, mas ela é apenas a parte imersa do *iceberg*. Isso se deve ao fato de que, enquanto o uso de palavras, como *basic*, *software*, *hardware* é apresentado como meta a ser alcançada na corrida à “alfabetização”, as características e os efeitos da introdução das novas tecnologias parecem estar cada vez mais reservados ao conhecimento de poucos. O processo em ato requer uma visão global, unitária, uma observação que, ao contrário do que vem ocorrendo, seja fruto de diversas abordagens disciplinares e científicas.

“Os trabalhadores nas inovações tecnológicas: homens, máquinas, sociedade”, é uma obra que rompe os esquemas das especializações e constrói um novo enfoque interdisciplinar para o problema. Um especialista em informática, outro em tecnologia, outro em sistemas de informação, um sociólogo e um psicólogo oferecem, através desta obra, um instrumento de informação, de estudo e de trabalho. Os autores propõem um material didático introdutório mas completo, portanto adequado a um público de especialistas e de não especialistas. O tema escolhido para conduzir essa observação é o trabalho industrial, um dos setores mais avançados nas aplicações dos processos de automação e de elaboração das informações.

Publicada pela primeira vez na Itália em 1986, esta obra nasceu da colaboração entre um grupo de professores universitários e um dos sindicatos italianos mais importantes e antigos, a FIOM-CGIL*, fundada em 1901. Essa organização, que tem cerca de meio milhão de operários, empregados e técnicos, representa a maioria dos trabalhadores no setor industrial metalúrgico. De inspiração classista, a FIOM-CGIL organiza trabalhadores de tendências políticas e culturais diversas e mantém há muitos anos relações de amizade e solidariedade com os sindicatos brasileiros mais combativos.

Esta obra encerra em vários fascículos o fruto de um trabalho de pesquisa e experimentação que durou quase três anos. De fato, estes materiais didáticos são utilizados em cursos de formação sindical, que até agora envolveram mil dirigentes sindicais em tempo integral e delegados eleitos nos conselhos de fábrica. Nesses cursos desenvolveu-se uma rica interação entre os conhecimentos

e os instrumentos de cada disciplina, a experiência didática dos docentes, por um lado, e as experiências, os pontos de vista, as perguntas e as capacidades de oferecer propostas, e as próprias vivências dos participantes, por outro. Ao mesmo tempo, cada autor pôde confrontar-se com todos os outros, enriquecendo os próprios conhecimentos e as próprias experiências.

Em toda a comunidade científica internacional, fala-se muito da necessidade de sair dos esquemas das especializações isoladas e de construir novas abordagens interdisciplinares para os problemas. Os autores destes materiais tentaram, tornando próprio o estímulo proveniente da FIOM-CGIL. É claro que cada material que estamos publicando tem a sua especificidade, e portanto sua autonomia, e cada autor é responsável pelo que escreveu. No entanto, todos os autores estão convencidos de terem encaminhado um trabalho comum. Os leitores, ou melhor, os usuários desta obra são convidados a não fracioná-la, a não usar separadamente os vários materiais, mas sim a utilizá-la como metodologia de interpretação do processo de transformação em que estamos imersos.

Esse esforço notável de formação e de reconstrução de capacidade críticas de um ponto de vista autônomo dos trabalhadores e do sindicato é de vital importância. Em primeiro lugar porque em todos os países industrializados, inclusive na Itália, a nova fase tecnológica coincidiu com uma iniciativa empresarial avassaladora que destruiu relações industriais consolidadas. Foram os instrumentos dessa ofensiva tanto as demissões em massa quanto um novo estilo gerencial caracterizado pela agressividade anti-sindical e cujo objetivo é a construção do consenso dos trabalhadores em novas bases empresariais.

Em segundo lugar porque as inovações radicais da tecnologia produzem transformações profundas na organização social, no trabalho, na vida cotidiana. Atingindo toda a sociedade, esses processos introduzem mudanças relevantes nos conhecimentos, na cultura e nas relações de poder e exigem, portanto, a criação de instrumentos de controle e de intervenção totalmente novos. Isso porque o desafio tecnológico recoloca em discussão alguns equilíbrios fundamentais das sociedades: os níveis de ocupação, as profissões e os conhecimentos adquiridos, os locais e as formas de construção das experiências sociais e da identidade das pessoas, dos grupos, das classes.

A indústria é a parte da sociedade mais invadida por essa transformação. A fábrica já mudou e continua mudando. Hoje, com a automação da gestão empresarial e dos escritórios, com os novos instrumentos para elaborar projetos, com a automação flexível e computadorizada da produção, está definitivamente superada a racionalidade da moderna fábrica eletromecânica.

Mas a tecnologia eletrônica e informática — tendo na base o computador — irrompe na indústria vinda do exterior, dos laboratórios de pesquisa. Toda a experiência precedente do taylorismo e do fordismo é transformada e rompe-se uma continuidade, uma curva de aprendizado das direções das empresas e dos próprios trabalhadores, trazendo o perigo de fenômenos de marginalização de setores cada vez mais amplos dos próprios trabalhadores (por exemplo os idosos).

Eno entanto em tudo isso não há nada predeterminado, inevitável. As tecnologias informáticas, como aliás toda tecnologia, também não são um fato

objetivo; pelo contrário, representam sempre uma relação social, motivo pelo qual se modificam e são continuamente modificáveis.

Não há, portanto, qualquer determinismo tecnológico: a tecnologia é uma variável, assim como a organização do trabalho.

A relação entre inovação tecnológica e transformação da organização do trabalho e das condições de trabalho para os homens pode, portanto, ser projetada e não mecânica. É por isso que a negociação sindical não só não desajetada e não mecânica. Assume valores estratégicos novos e pode colocar em ação novos protagonistas sociais.

Para alcançar esses resultados é necessário um grande salto por parte da cultura sindical: da indenização das consequências da inovação tecnológica e organizacional, para a cultura do controle e da negociação do projeto tecnológico e organizacional.

Tamánha reviravolta não poderá ser realizada, em nenhum país do mundo, sem uma nova aliança solidária entre operários, técnicos e cientistas.

Gostaríamos de concluir manifestando nossos sinceros agradecimentos pela decisão do IBASE e da Editora Vozes de traduzir e publicar este nosso novo trabalho no Brasil, abrindo assim espaços concretos para vínculos inclusive culturais entre experiências que, embora diferentes, hoje são todas levadas a se medirem com fenômenos de mudanças cuja natureza e origem ultrapassam os confines nacionais e impõem um novo terreno de cooperação internacional.

FIOM/CGIL

* FIOM-CGIL = Federação dos Trabalhadores da Ind. Metalúrgica - Confederação Geral Italiana de Trabalhadores.

A POSIÇÃO DO TRABALHADOR FRENTE À AUTOMAÇÃO. UMA PRIMEIRA AVALIAÇÃO SUBJETIVA.

Numa pesquisa promovida recentemente pela Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Bolonha (L'altra faccia della luna, FLM Bolonha, 1985), os motivos do interesse do sindicato pela introdução da automação foram resumidos da seguinte forma:

“Nas indústrias e, portanto, na nossa realidade, a indústria metalúrgica, está em andamento uma transformação radical e profunda, principalmente nas empresas de médio e grande porte. Essa transformação gira em torno da extensão dos processos de automação com a aplicação das tecnologias da informática. O sindicato apresenta dificuldades em assimilar plenamente não só a natureza e as consequências dessas transformações, mas, particularmente, os seus efeitos em relação às condições de trabalho. Os instrumentos sindicais comuns, como as reuniões e as assembleias, nem sempre permitem um aprofundamento desse tema em todos os seus aspectos, especialmente aqueles mais ligados à experiência direta de trabalho. Daqui sai a exigência do sindicato no sentido de ativar outros processos de conhecimento. Juntamente às pesquisas com o objetivo de entender os aspectos técnicos, econômicos e organizacionais, vemos surgir a necessidade de instrumentos que permitam entender o fenômeno, inclusive do ponto de vista daqueles que estão envolvidos diretamente nesses processos. Trata-se fundamentalmente de oferecer um espaço e instrumentos cientificamente fundamentados que expressem a subjetividade dos trabalhadores.”

Nesta pesquisa, foi constatado que todos respondem à primeira pergunta sobre saúde, tema mais comum nos grupos. A segunda questão é sobre a organização do trabalho. Seguem outras mais diversificadas. A princípio, de acordo com esta pesquisa e outra em andamento, podemos dizer que o primeiro impacto sobre o trabalhador, sua primeira avaliação, diz respeito aos

efeitos dessas novas tecnologias sobre a vida e a saúde tanto física quanto psíquica.

A rigor, as respostas que assinalam problemas físicos não são numerosas:

“Os relatórios estragaram a minha visão. Agora preciso usar lentes de contato.” * “Seria necessário ter a possibilidade de controlar a luminosidade e o foco do terminal!”

São assinalados distúrbios psicossomáticos (náuseas, após o almoço, gastrites, úlceras) e problemas de ambiente (falta de correntes de ar, baixa temperatura), mas geralmente há consenso sobre o fato de que “a automação limita o perigo tradicional, e o ambiente de trabalho é mais limpo” e de que o esforço físico é reduzido.

Os efeitos que, ao contrário, são denunciados com insistência dizem respeito à saúde psíquica. Existe a convicção de que o trabalho com computador influencia no equilíbrio psíquico, cujos sintomas são desde um mal-estar generalizado até verdadeiros indícios de uma doença mental:

“Agora estou trabalhando menos, mas mesmo assim estou mais cansado, mais abatido, tenho menos entusiasmo.”

“Não devemos nem podermos ligar para os distúrbios... Nenhum técnico escapou da estafa.”

“Você se sente completamente vazio!”

“A empresa queima as pessoas num instante, em todos os níveis.”

“A renovação continua cansa, você não agüenta mais.”

“O vídeo te devora, comheço algumas pessoas que depois de dez anos de trabalho mudaram de emprego porque a cabeça delas não agüentava mais.”

“Depois de dois anos de trabalho na X você está feito!”

“Se a pessoa não for totalmente íntegra psicologicamente, ela vai perder a cabeça com a maior facilidade nesse tipo de trabalho.”

Alguns trabalhadores denunciavam quadros evidentes de sofrimento psíquico: “... eu chorava a toda hora, via tudo preto, tinha sentimento de culpa.”

Vem à tona uma sensação de frustração e conformação: “Ou você se conforma, tentando sobreviver, ou vai ter estafa.” Tudo isso é atribuído a fatores diversos relacionados à mudança ora do conteúdo do trabalho, ora da organização do trabalho.

A mudança do conteúdo do trabalho é marcada sobretudo pela desvalorização: “aquilo que você sabia não serve mais”; “vamos acabar virando robôs de segunda categoria, menos importantes que as máquinas.”

Na comparação, o trabalho anterior sai perdendo: “eu fazia um trabalho de copista, rotineiro, uma porcaria. Mas bater uma tecla me gratifica menos do que escrever à mão.”

O novo trabalho é menos criativo do que o anterior: “O terminal me privou de cada pequena atividade criativa, como paginar, consultar o arquivo.”

* As frases citadas foram extraídas de *L'altra faccia della luna*. O material integral é apresentado nas fichas.

“Para mim”, diz um trabalhador, “o computador bloqueia a imaginação.” E outro acrescenta: “Não sobra nada de mim num programa: aliás, pede-se que ele seja o mais impessoal possível.”

Mais adiante procurarei aprofundar a questão, mas por enquanto pretendo evidenciar a vivência de desvalorização, a perda de criatividade e, principalmente, o mal-estar que deriva da imaterialidade do objeto de trabalho:

“Eu não sei para que serve meu trabalho; nós programamos mas não conhecemos quem usará nosso trabalho... ele poderia servir para tudo, até para a guerra.”

“O trabalho não depende mais de você, e sim da máquina; você é apenas um observador.”

“O operário vê seu trabalho realizar-se... Para o operador, ao contrário, o trabalho é totalmente abstrato, porque ele não conhece seu objetivo, seu sentido produtivo.”

“As pessoas têm cada vez mais dificuldade em entender o que acontece”, “aquí tem uma tela onde eles te mostram o que querem e a gente nunca entende quem é o grande manobreiro.”

Por trás, transparece a fantasia sobre o computador e o seu objetivo desconhecido: “não saber como e por que funciona provoca insegurança.”

Muitas vezes os ritmos de trabalho são impostos pela máquina: “A velocidade de resposta da máquina independe de você. Você está nas mãos da máquina”, “não é você quem dita os tempos de trabalho ao vídeo, é a máquina. Os tempos de espera não são previsíveis, dependem da máquina que está na sua frente. Quando você tem que esperar na frente da máquina, fica uma enorme sensação de impotência e de ansiedade, você fica confuso...”

“Os tempos de espera não são reais, são realmente muito breves.”

“Precisaríamos ter na cabeça os tempos da máquina.”

“É estressante trabalhar com uma máquina que, afinal de contas, é inteligente e tem os próprios tempos que precisam ser respeitados; você não pode culpá-la.”

E enquanto a máquina torna-se tão absorvente (tentarei aprofundar o problema mais adiante, no capítulo sobre a antropomorfização), a possibilidade de relações interpessoais com os colegas de trabalho é diminuída:

“Os outros não são mais necessários para trabalhar: a comunicação se dá via vídeo.”

“Não se fala mais, pois isso não é mais necessário.”

“Viu o recado que te mandei pelo vídeo? É isso que as pessoas se dizem.”

Reduz-se a cooperação entre os trabalhadores. Prevalecem respostas individuais, do tipo “todos esperam avançar e se subtemem, de modo que depois saem perdendo em termos de saúde.” Em todo caso, diz um trabalhador mais idoso, “a gente vai trabalhar por trabalhar, não para socializar. Os jovens toleram melhor essa situação de isolamento e individualismo.”

Passa-se, assim, das temáticas relativas ao conteúdo do trabalho às relativas à organização do próprio trabalho, apesar de, obviamente, conteúdo e organização do trabalho só serem separáveis artificialmente, por razões ex-

positivas. Emergem questões relacionadas tanto ao isolamento e à competitividade que examinarei no capítulo sobre a organização do trabalho quanto aos ritmos, aos tempos de trabalho, à quantidade de trabalho contida na unidade de tempo, assunto ao qual também voltarei.

Enfim, este quadro inicial não pode deixar de lado as avaliações mais gerais dos trabalhadores, aquelas avaliações que, num certo sentido, ultrapassam a vivência imediata centrada no conteúdo do trabalho, a organização do trabalho, os efeitos na saúde física e psíquica, para considerar as consequências de maior alcance na vida como um todo.

“É preciso procurar espaços fora dali... talvez a jogá possa ajudar... as pessoas procuram outras coisas de maneira convulsiva, senão acabariam danado um tiro na cabeça”. “Na minha turma de amigos, sou o único que trabalha com as novas tecnologias; percebo que sou diferente, tenho um jeito esquemático de relacionar, não natural; coloco sempre duas condições: ou preto ou branco”. Outro diz: “tenho tendência a rejeitar o computador porque ele me envolve demais, quero conseguir ter uma parte de meu cérebro livre de seus condicionamentos”. E outro ainda: “no final a transformação será tecnológica, mas também mental... desse jeito eles estão mudando a nossa mentalidade”. “Seria necessário um robô”, diz um trabalhador, “ele é o único que tem a mentalidade adequada para tolerar as novas tecnologias”.

O passo para sentimentos de agressividade é curto: “o computador suscita um sentimento que vem de alguma coisa difícil de dominar, de controlar, alguma coisa que gera repulsa, ódio, desconfiança”. “Onde tem informática as pessoas parecem todas loucas. Somos todos agressivos e competitivos”. “Um trabalhador, depois de passar o dia inteiro na frente do computador, (...) pode até chegar em casa e bater nos próprios filhos”. Livrar-se do seu efeito é difícil: “Eu me vejo mentalmente trabalhando na frente do computador quando estou em casa”. “O trabalho volta à minha mente de maneira decididamente obsessiva (...), fica difícil expulsar aquele pensamento, é como quando ouço uma música no rádio e não consigo tirá-la da cabeça”. “Eu já me sinto um robôzinho. No futuro, teremos de cumprir todas as ordens ao pé da letra, porque haverá uma máquina para nos controlar: seremos todos anulados”.

Mesmo sem chegar à ativação de mundos tão perseguidores, a preocupação com o futuro é grande, a esperança e o otimismo diminuem e torna-se difícil elaborar um projeto capaz de devolver ao homem o controle daquilo que produziu.

Pretendo aprofundar essas questões no capítulo sobre o que fazer, sobre o papel do sindicato, etc.

EFETOS NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Vou desenvolver este assunto considerando o isolamento do trabalhador, o controle e o problema dos tempos e dos ritmos na relação homem-máquina.

2.1 - O isolamento

“Essa tecnologia é antipática porque reduz os contatos humanos”, diz um trabalhador.

“Temos menos tempo para ficar juntos; tenho uns amigos que estão como se estivessem numa casamata; antes a gente se via cinco ou seis vezes por dia, agora, cinco minutos por semana.”

“Não existem mais espaços para nós; antes as pessoas achavam o espaço físico constituído, agora os espaços são criados depois que as pessoas chegam.”

Em muitas empresas são construídas estações de trabalho isoladas. Além do isolamento físico, há um isolamento real: a função do trabalhador não encontra correspondência na dos outros trabalhadores, mesmo quando eles estão próximos. Toda a fase produtiva anterior era diferente: da linha de montagem, que juntava fisicamente todos os homens, até as ilhas de montagem baseadas no trabalho em grupo. Agora o trabalhador fica isolado, e a centralização do trabalho é feita por um cérebro, localizado num nível superior.

A hierarquia não é mais a tradicional: há uma nova hierarquia, de tipo funcional. As pessoas comunicam-se cada vez mais no sentido vertical, e cada vez menos no horizontal, e vivem essa nova situação de maneira muitas vezes dramática. “Só podemos conversar através do vídeo”, “Nenhum de nós sabe mais o que o outro faz”.

Não é mais possível a identificação de uma tarefa comum, a não ser através de uma profunda reflexão. Estamos, portanto, frente a elementos revolucionários no que se refere à organização do trabalho tradicional. O primeiro efeito do isolamento é dificultar a socialização:

“As pessoas não se encontram mais, cada um só se preocupa em criar o próprio espaço onde possa exercer o poder.”

A empresa procura criar uma relação cada vez mais individualizada com cada trabalhador (“no meu trabalho não existem duas pessoas tratadas do mesmo modo”), pois assim a empresa favorece ao máximo a competitividade interpessoal, o que leva, inevitavelmente, a uma atenuação dos elementos coletivos, “de grupo”, a um empobrecimento da vivência de classe:

“Não existe mais a unidade de interesses que fazia a nossa força.”

O trabalhador perde a *identificação* com os outros trabalhadores (veremos mais adiante que também é dificultada a identificação com o sindicato), tende a se interiorizar, a se identificar com aquilo que podemos chamar de mãe da situação: a empresa.

Voltarei a falar mais adiante sobre o aparecimento de elementos depressivos e o desenvolvimento de vínculos de dependência.

2.2 - O controle

O trabalhador, além de ser isolado, é controlado: “Eles vêem tudo o que eu faço”

Realiza-se a metáfora já indicada pelos sindicatos alemães, da qual farei extensamente nos últimos capítulos, a da transparência do trabalhador, do homem de vidro. Nós, seres humanos, estamos acostumados a ter uma parte interna protegida da externa. Sempre temos um mundo interno só nosso, um mundo particular, que nos permite transformar com menos angústia o mundo externo (e o próprio mundo interno). Agora, na nova condição de produção, o trabalhador é *isolado* e *transparente*:

“A informática é o instrumento ideal de controle porque permite relacionar muitos dados facilmente manipuláveis.”

“Determinadas informações precisas sobre o trabalho que você realiza só podem ser obtidas pela empresa com a informática.”

A informática possibilita um controle até bem pouco tempo totalmente impensável sobre o tempo de trabalho efetivo, sobre a quantidade de trabalhos realizados e sobre a sua qualidade.

As próprias funções tradicionais da hierarquia empresarial são transformadas com o fenômeno: o chefe de departamento perde a tarefa de controle repressivo, não precisa mais verificar diretamente o tempo de trabalho efetivado, a quantidade e a qualidade do trabalho realizado, mas sim colher as informações que os instrumentos de controle informatizados fornecem. Seu papel, então, pode mudar, voltando-se para o paternalismo e a compreensão repressiva: “Não sou eu que estou dizendo que você está trabalhando

pouco, é a máquina (...), é a máquina que assinala os erros que você comete (...), eu só te aviso (...), e por aí vai.

Torna-se cada vez mais fácil o controle individualizado (ou pelo menos é o que os trabalhadores pensam).

‘Agora, a direção, além de te conhecer como operário, te conhece como indivíduo.’ E é o chefe a pessoa designada para esse controle individualizado.

Para inúmeros trabalhadores, o controle começa no momento de ser admitido: “Para ser admitido você precisa fazer os testes vocacionais e um curso para conhecer a empresa. Isto é o que eles dizem, mas na verdade esta é a melhor maneira de estudar seu comportamento de perto e de fazer a sua cabeça”. Esse controle ultrapassa as paredes da empresa e continua por ocasião de reuniões, jantares e festas promovidas pela empresa.

Teoricamente é difícil definir até que ponto essas opiniões são fruto de “mania de perseguição” ou da “realidade”. A verdade é que essa discussão pouco interessa. Por mais que sejam “objetivamente” verdadeiras, ou não, é inevitável que do ponto de vista da vivência subjetiva a extensão do controle leva a uma diminuição do limite que separa o mundo interno do externo e a uma maior fragilidade. Dar derivam um enfraquecimento global do eu do indivíduo, uma tendência a desencadear fenômenos regressivos e claras manifestações de sofrimento psíquico. Ao mesmo tempo, fica cada vez mais difícil medir-se com o mundo externo, um mundo cada vez mais hostil, menos conectável, menos transformável.

É isso que quer dizer, enfim, a metáfora do *homem de vidro*; de fato, o recipiente de vidro, por um lado, permite ver seu conteúdo por transparência (água, óleo, vinho, ou o que for) e, por outro, pode quebrar com muita facilidade. É assim o homem de vidro. Qualquer um pode ver o que contém, e ele pode quebrar (em linguagem humana, ficar doente) mais facilmente.

Além disso, se pararmos para pensar, há alguma coisa ainda mais angustiante nessa imagem, alguma coisa que pode nos levar -- imaginariamente -- em direção ao entriçado, ao não vivente: um homem que é esvaziado de seu ser vital, um homem coisificado, reificado. Nessa imagem, prevalecem as coisas mortas sobre as vivas, a morte sobre a vida.

2.3 - Os tempos e os ritmos de trabalho

O trabalhador, além de ser isolado e controlado, perde cada vez mais a capacidade de controlar o tempo de trabalho.

“O paradoxo do computador: ou você não tem nada para fazer, ou tem que trabalhar demais para respeitar os seus ritmos.”

Outro trabalhador diz: “agora tudo é mais rápido”. E outro ainda: “para mim, tudo parece mais lento e repetitivo”.

O problema do tempo remete imediatamente à organização do trabalho e vice-versa.

Mais adiante, veremos que a questão do tempo e a do significado do trabalho estão entrelaçadas. Por enquanto, interessa-me ressaltar que existe uma *variação de tempo*, no sentido que o tempo de trabalho não é mais mensurável em termos objetivos como antes; ocorre, portanto, uma mudança na avaliação do tempo. Como sempre repeti nos meus cursos, quantidade de tempos de espera (intervalos de tempo) absolutamente curtos, como poucos segundos, por exemplo, são vividos como se fossem insuportavelmente longos. “Fico irritado em ter que me submeter aos tempos impostos pelo computador (...), quando ele é lento, então, eu fico louco.”

Existem funções de trabalho em que, ao contrário, o tempo é vivido como angustiosamente breve: a máquina dá uma ordem e o trabalhador deve imediatamente realizar determinada operação.

“É preciso que os operários reencontrem a coragem de fazer frente aos tempos impostos pela empresa.”

“Vocês estabelecem um tempo arbitrário, eu não consigo acompanhá-lo.” O que ocorre, portanto, é uma *dilatação* (psicológica) do tempo de espera e uma forte *condensação* do tempo de trabalho. Quanto a isto, considero que a dilatação dos tempos de espera é consequência da intensificação/condensação do trabalho. Este é um ponto absolutamente decisivo. Nos serviços informatizados, a quantidade de trabalho é muito maior. É claro que será necessário realizar pesquisas quantitativas, mas tudo indica que o consumo de energia psíquica aumentou de modo impressionante.

Ora, o ser humano tem dentro de si informantes precisos de esforço físico, porém não tem indicadores de esforço psíquico, ou, se os tem, são muito modestos, porque nos milênios de anos de evolução do homem nunca foi necessário elaborá-los. Hoje, porém, nos deparamos com uma enorme intensificação do esforço psíquico, sem no entanto podermos dispor de medidas desse esforço. Tanto é que podemos ser considerados visionários ao dizer essas coisas.

MUDANÇAS NO PROFISSIONALISMO. TRANSFORMAÇÃO/PERDA DO TRABALHO E DO SIGNIFICADO DO TRABALHO

3.1 - A angústia da mudança apresentada pelos trabalhadores das fábricas que estão prestes a introduzir a inovação

Estudaremos aqui as fantasias e não (ainda) as adaptações do homem à nova maneira de trabalhar.

A informatização da produção é uma revolução no modo de produção e só pode ser estudada especificamente *post hoc*. Caso contrário, nas empresas em que essa revolução ainda não ocorreu, estuda-se a *fantasia* dos trabalhadores que esperam o acontecimento e fantasiam com perguntas do tipo “será que eu serei capaz?”, “será que eles vão me mandar embora?”. Antes mesmo que de perda, essas são vivências psicológicas de medo da perda.

Numa das fábricas pesquisadas, por exemplo, há uma linha azul que foi traçada no chão para separar, inclusive simbolicamente, os setores informatizados daqueles ainda não informatizados. E realmente um limite. Grande parte da empresa ainda está do lado de cá da linha azul; os trabalhadores apresentam essas angústias da mudança, mas ainda não têm uma experiência real. De fato, no trabalho do grupo dessa fábrica abundam as fantasias supracitadas, enquanto não há uma análise real dos efeitos da informática no trabalho.

Diz um trabalhador: “para poder administrar essa fase de transformação, precisamos ter um maior conhecimento. Mas não me interessa saber como funciona um computador, e sim como é administrado o sistema, o cérebro”. E outro: “eu não sou contra a tecnologia, porque acho que ela é uma evolução da sociedade. Estou convencido de que mudando o sistema político, o governo do nosso país, nós também poderíamos participar da administração da automação”. Nessa empresa, a ansiedade de manter o emprego

é muito grande e chega a ser dramática. “Faz muito tempo que a empresa não admite ninguém, por isso nós que ainda estamos trabalhando temos um pouco de esperança de não sermos despedidos.” Outro trabalhador diz: “se eles procurassem aumentar ao mesmo tempo a produtividade e a qualidade dos produtos e dos serviços, talvez também pudessem aumentar a ocupação”. Mas outro afirma que “o problema é que se a empresa não incorporar a transformação tecnológica, não conseguirá acompanhar o mercado e haverá demissões; mas se ela introduzir a informática, não o fará para garantir a ocupação, e sim para aumentar o lucro, de modo que também haverá demissões”. “Acho que essa transformação será realizada para mandar para casa os operários que incomodam mais. Eu serei expulso porque sou sindicalista. Em todo caso, não acho que a automação poderia oferecer novos empregos: a Fiat já despediu 50 mil empregados; onde é que poderia colocá-los?”

3.2 - Efeitos da informatização nos trabalhadores que têm experiências de trabalho anteriores

Para um operário, “as novas tecnologias simplificaram o trabalho: agora muitos jovens podem realizar trabalhos que antes exigiam anos de especialização”.

“O cérebro não serve mais, porque a máquina já tem aquele saber que antes era dos operários.”

“As mãos boas não servem mais”, “antigamente valia a experiência, agora não vale mais”.

“A automação mudou o conceito de profissionalismo: antes era adquirido com o tempo de trabalho, agora não é mais assim.”

“Somos bons operários velhos, sabemos fazer muito bem coisas que agora não servem mais.”

É evidente uma vivência geral e dramática de perda do próprio profissionalismo. A capacidade de trabalho é transferida do homem para a máquina. A criatividade é anulada.

“Você vira um introdutor de dados, o trabalho criativo fica por conta de outra pessoa.”

“Nosso trabalho foi ficando cada vez mais mecânico e repetitivo. Aquilo que fazemos hoje até as crianças sabem fazer!”

A expropriação do profissionalismo atinge em maior medida, obviamente, as camadas de trabalhadores que desempenhavam funções de elevada qualificação profissional, e menos os trabalhadores já atingidos no passado pelo fenômeno da desqualificação.

Em todo caso, é patente a vivência depressiva de perda da função desempenhada (“as novas tecnologias são como despejo, você tem que aceitar e acabou”), são menos visíveis os efeitos específicos das novas tecnologias, que se manifestam mais claramente nos trabalhadores que só conhecem o trabalho informatizado.

Ao lado de quem lamenta uma perda de profissionalismo há também quem denuncia um aumento (sempre em relação ao passado) do próprio profissionalismo.

“Eu me sinto mais profissional”, diz um empregado; “quando penso no trabalho que os meus colegas faziam anos atrás, nos dias de trabalho que perdiam calculando umas quotas que hoje até uma criança pode calcular, me parece indubitável o atual aumento de profissionalismo”.

Outro diz: “as novas tecnologias exigem maior elasticidade, maior preparação e flexibilidade, não é verdade que exigem menos profissionalismo, pelo contrário; de fato há uma discriminação das pessoas que não querem ou não conseguem acompanhar o passo”.

“Com o computador há um aumento de profissionalismo porque aprendemos a usar um instrumento novo.”

Aqueles que denunciam um aumento de profissionalismo são, na verdade, uma minoria. Em geral, nos grupos de nossas pesquisas há consenso quanto ao fato de que o nível profissional é alto apenas para poucos, uma elite limitada, enquanto é “muito baixo” para os outros. “Está se formando cada vez mais uma elite”, alguém observou; “à medida que a tecnologia avança, vemos um alargamento da base e um afunilamento do vértice, sem figuras intermediárias”.

“A superespecialização de uma minoria vem em detrimento da desqualificação da maioria.”

“O operário torna-se um fiscal; o funcionário só faz trabalhar no terrenal: só o analista possui a ciência.”

Ou, como disse outro participante de um grupo, “o computador uniformiza o trabalho nos níveis da base, mas não prejudica quem, como eu, tem funções de responsabilidade”.

3.3 - Os trabalhadores que só conhecem o trabalho informatizado

“...saber usar o computador significa, para mim, apertar um botão para ligá-lo e apertar teclas segundo programas prefixados (...), até um débil é capaz de aprender coisas assim.”

“Máquinas mais sofisticadas exigem menos informação e conhecimento por parte do usuário, do técnico e do programador.”

“Quem não se robotizar será cortado.”

“Para poder trabalhar com as novas tecnologias seria necessária uma mentalidade adequada: o robô é o único que pode ter essa mentalidade adequada para tolerá-las. Para um homem isso é impossível!”

“O vídeo te devora”... “depois de dois anos de trabalho você está feio”... “você se sente vazio”.

“A empresa queima as pessoas num instante, em todos os níveis”, “A renovação continua cansa, você não agüenta mais”.

“Para mim, o computador bloqueia a imaginação.”

"Eu não sei para que serve o meu trabalho; nós programamos mas não conhecemos quem usará o nosso trabalho... ele poderia servir para tudo, até para a guerra."

"O trabalho não depende mais de você, e sim da máquina; você é um observador!"

"Aqui tem uma tela onde eles te mostram o que querem, e nós nunca entendemos quem é o grande manobreiro!"

"A velocidade de resposta da máquina independe de você: você está nas mãos da máquina!"

"Enquanto esperam, alguns gritam, outros fazem sons estranhos, imitando a música eletrônica, outros ainda recuperam o vazio (de segundos) com outros trabalhos!"

"Não é você que dita os tempos de trabalho ao vídeo, é a máquina (...). Os tempos de espera não são previsíveis, dependem da máquina que está na sua frente. Quando você tem que esperar na frente da máquina, fica uma enorme sensação de impotência e de ansiedade, você fica confuso (...) Depois tem aqueles que falam com a máquina (...). Os tempos de espera não são reais, são realmente muito breves, e apesar disso ficamos irritados (...). Não há correspondência entre o que eu penso e o que eu faço (...). Devíamos ter em mente os tempos da máquina, mas não é isso que acontece, há um desencontro e naquele espaço de tempo eu fico pensando no que farei depois!"

E, para resumir com uma opinião que já mencionei antes: "é estressante trabalhar com uma máquina que, afinal de contas, é inteligente e tem os próprios tempos que precisam ser respeitados; você não pode culpá-la!"

Essas vivências subjetivas delineiam com clareza um quadro de sofrimento psíquico geral, que diz respeito tanto à repetitividade, à monotonia do trabalho, à sua desqualificação ("até um débil é capaz"), à dependência, em alto grau da máquina e do sistema de máquina, quanto, principalmente, ao "despejo" -- recorrendo a um termo usado por um trabalhador, embora nesse caso ele tenha outro significado -- da inteligência.

Parece ser esta a chave do problema: há uma perda global de significado do trabalho, e não só, portanto, de seus conteúdos materiais; há uma transferência da inteligência do homem para a máquina e uma nova dependência, pelo homem, dessa inteligência que ele mesmo depositou na máquina, no computador, no cérebro artificial, como se diz normalmente na linguagem comum. "É estressante", diz um dos participantes de nossos grupos, "trabalhar com uma máquina que, afinal de contas, é inteligente?". Nasce, então, um sentimento de perda de significado do trabalho, um sofrimento novo que é necessário estudar apropriadamente.

Enquanto que na situação anterior o operário pertencia normalmente a grupos de trabalho que tinham a possibilidade de reconhecer o significado do trabalho (por exemplo, na linha de montagem cada função é parcelada, mas, em contrapartida, cada trabalhador sabe que no final da linha sairá um carburador, ou uma carroceria, ou um carro), na fábrica informatizada pode acontecer de o operário não saber mais o que resultará de seu tra-

balho. Tanto é que ele se refere ao seu trabalho com o nome da empresa: a identificação se dá com a imagem da empresa, porque o trabalho específico desempenhado pode ter uma multiplicidade de significados que não são necessariamente comunicados ao trabalhador.

Aliás, eles normalmente não são comunicados porque isso contribui para reforçar o controle repressivo sobre o trabalhador. Ora, a mente humana está tradicionalmente acostumada a possuir o significado de sua atividade, de seu trabalho. Ao se descobrir trabalho sem esse significado, fica completamente aturdida.

Resumindo, os pontos principais são dois:

O primeiro é a presença de uma vivência catastrófica ligada à perda da qualificação profissional ("até um débil!"). O problema, neste caso, não é mais o do velho torneador que não pode mais executar seu trabalho. A vivência de perda diz respeito ao suposto profissionalismo, às expectativas de profissionalismo do trabalhador recém-admitido, digamos, do trabalhador vindo da escola profissionalizante. O indivíduo sai da escola convencido de ter uma boa (ou razoavelmente boa) preparação na área da informática e acha que terá um trabalho muito gratificante. Foi isto que lhe disseram. O que acontece, porém, é que ele se vê numa situação na qual sua primeira observação diz respeito à extrema simplicidade do trabalho, que pode ser aprendido em poucos dias, "que até os macacos podem fazer", que não implica um profissionalismo.

É evidente que o trabalhador não acha que para fazer aquele trabalho seja necessária uma base escolar de alto nível; essa consideração é implícita ou até negada frente à concreta decepção com o emprego.

O segundo ponto é representado pela perda da posição em relação ao processo produtivo e pela perda do objeto produzido.

Isto quer dizer que o trabalhador não sabe mais em que ponto da produção se encontra, ele recebe sinais insensatos com base nos quais deve realizar operações, e o resultado de suas operações é, mais uma vez, insensato. Gualandri e seus colaboradores (Automazione e salute mentale, em *Psico-terapia e scienze umane*, n.1, 1983) fazem certas observações que confirmam esse problema: "Enquanto que antigamente as várias fases do trabalho de escritório eram administradas por uma só pessoa ou por um grupo homogêneo, hoje, com a automação, elas são subdivididas entre homens e máquinas e entre homens sem que ninguém possa mais nem intervir para controlá-las, nem tampouco conhecê-las. A fragmentação do processo impede os trabalhadores de entenderem o significado de todo ciclo e do próprio fragmento, impedindo-os assim de visualizar o próprio trabalho." Damos o exemplo de um episódio que evidência muito bem essa situação. Numa reunião, o processo produtivo foi reconstruído e representado com um esquema no quadro. Em seguida, cada um teve de definir a própria função e encontrar uma colocação para ela no processo. Mais da metade dos presentes não foi capaz de fazê-lo. Faltaava o conhecimento da própria função relacionada ao processo produtivo global.

Tataremos especificamente da insegurança da própria identidade no capítulo dedicado à socialização. Entretanto, os grupos também demonstram sensações individuais de perda de identidade e forte redução da capacidade de avaliação da própria atividade como consequência da falta de respostas positivas providas do próprio trabalho.

Por esse ponto de vista, os trabalhadores de maior sorte são os dos grupos de espera, que, se surgir um sinal, sabem que devem apertar uma tecla, pois o sinal significa que alguma coisa não está funcionando e eles devem interromper o mecanismo produtivo. Nesse caso, o trabalho ainda tem a possibilidade de dar um significado para o próprio trabalho.

Teoricamente, ele pode passar a vida toda em frente a uma tela à espera de um sinal que pode não aparecer nunca. Mas, ainda assim, essa é uma boa posição de trabalho, pois outras posições podem ter características tais que esvaziavam o significado do trabalho.

Podemos distinguir, num certo sentido, o trabalho que ainda é a espera de um evento e o trabalho em que o tempo é apenas o da máquina.

Eu poderia, por exemplo, se o leitor me permitir fantasiar por um instante, estar na beira de um rio, escutar uma música de um rádio ou gravador, pescar frutas e ter na minha frente um terminal que fornece informações, para mim totalmente substituídas de significado além de seu conteúdo material. Eu só sei que, quando aparecem determinadas informações, tenho de executar outras determinadas operações; o resultado disso será enviado para um cérebro central, que tratará de dar um significado para as operações que executei. Isso mostra que o que me pedem é uma atividade para mim insensata. Os trabalhadores insistem muito nesse ponto e são extremamente claros: num caso como esse, a alienação é extrema, o tempo de trabalho é o tempo da máquina e o significado se perde.

Obviamente isso se verifica para a base, e não para o vértice, se quisermos conservar a imagem daqueles trabalhadores que descreveram o processo de inovação tecnológica como alargamento e achatamento da base e afunilamento do vértice.

Para o lado do vértice, como, por exemplo, para os projetistas que trabalham no CAD ou para os empregados que enriqueceram com a inovação tecnológica, o controle do significado do trabalho ainda é total. Esses trabalhadores se animam com o fato de as operações produtivas terem se tornado mais rápidas. Em pouco tempo, porém, se sentem angustiados porque sabem que isso se perderá, que é apenas uma questão de tempo: "O que estou fazendo será modelizado e automatizado e escapará do meu domínio". A angústia vem do fato de que o vivo é transformado em morto. O homem se vê constantemente frente à própria morte, ao contrário do trabalho anterior, onde ele pensava em continuar vivendo através de suas capacidades técnicas transmitidas, além de seus produtos.

A clássica afirmação operária "eles podem me despedir, mas com as mãos que eu tenho encontrarei trabalho facilmente" não tem mais sentido. Lembre-se da observação daquele trabalhador que diz "as mãos boas não

servem mais". Mas se hoje isso interessa ao operário, amanhã atingirá o técnico, o dirigente. O que diz um engenheiro num dos grupos, "minha cabeça não servirá mais", será cada vez mais verdadeiro. E isso, obviamente, é dramático, pois o homem é um ser vivo que transforma o mundo e está continuamente realizando operações com um objetivo. Na patologia psíquica, o problema principal também é a perda de significado. Podemos dizer que a patologia psíquica é basicamente a patologia da perda de significado.

Agora nos deparamos com uma situação nova. A perda de significado não é mais um fato que atinge poucas pessoas ("patológicas"; pelo contrário, ela atinge o ser humano comum, o trabalhador, que perde o significado da transformação do mundo e não sabe mais como colaborar para essa transformação que, apesar disso, segue em frente.

Veremos, nos capítulos subsequentes, que o trabalhador é obrigado a procurar esses significados em outros lugares (na atividade esportiva, recreativa, erótica, etc.), visto que não pode mais encontrá-los na transformação consciente do mundo.

PERDA DE AUTONOMIA

As razões do desequilíbrio e da perturbação dos trabalhadores devido à informatização da produção, portanto, são numerosas. Duas destacam-se entre elas: o isolamento e a perda de significado do trabalho.

Os pontos de referência clássicos foram perdidos e, antes de encontrar os novos, o trabalhador passa necessariamente por uma fase de dificuldades, principalmente dificuldades em medir-se com o mundo exterior e captar sua verdadeira dimensão. Isso quer dizer que o seu mundo interior entra contra dificuldades em medir-se com o mundo exterior, que tende a tornar-se mais hostil, menos concebível, menos transformável.

E nós sabemos que, quando existem dificuldades de relação com o mundo exterior, entram em ação elementos de regressão, antes mesmo que eventuais mecanismos de adaptação possam intervir.

Mais adiante veremos as possíveis adaptações, ou pseudo-adaptações. Por enquanto refletimos sobre as razões da regressão.

A perda de significado do trabalho tende a acentuar o conflito entre conteúdo do trabalho e identificação com o trabalho (isso será confirmado mais adiante, no capítulo sobre identificação com o trabalho), assim como o isolamento, a dificuldade de relacionamento com os outros trabalhadores, tende a dificultar as identificações com os outros trabalhadores (é por isso, provavelmente, que também fica mais difícil a identificação com o sindicato).

O trabalhador é levado, é estimulado, a se refugiar em sua interioridade, no seu "particular", como se costuma dizer, e ao mesmo tempo a procurar novas identificações, muitas vezes com aquilo que poderíamos definir de "mãe" da situação, ou seja, a empresa. O indivíduo fica mais *deprimido* e mais *dependente*. Mais deprimido porque perdeu certas coisas. Mais dependente porque para se salvar precisa encontrar uma proteção, e a proteção mais imediata é a empresa.

Devido à limitada possibilidade de sobrevivência autônoma do trabalhador, à diminuição da confiança na sua própria capacidade, a empresa pode apresentar-se como uma esperança, como um salva-vidas.

A cultura empresarial pode assumir proporções gigantescas, pode tornar-se absorvente, às vezes totalizante.

Em certas empresas isso pode ser favorecido, e até promovido ativamente, através de reuniões de trabalho, de reuniões com as famílias, de grupos de psicanálise para desabafar, da intervenção da empresa em muitos aspectos da vida do trabalhador, fatores que podem ser administrados pela própria direção da empresa.

Há outros casos em que a identificação com a empresa se dá na indiferença, ou até contra a própria empresa, que personifica a mãe desaturada, que não se preocupa com seus filhos.

Em geral, a perda de autonomia é favorecida pelas próprias características do processo produtivo. Citei a perda de significado do trabalho e o isolamento como dois fatores centrais. Porém há outras causas igualmente importantes. Se pensarmos na questão do tempo, autonomia também é a possibilidade de organizar, e num certo sentido de autodeterminar, o próprio tempo. Quando não é mais o indivíduo a administrá-lo, volta o tempo de criança, em que a mãe fazia isso por ele. É ela quem diz qual é a hora de comer, de dormir, etc.

Agora a máquina organiza tudo, ele depende dela, não tem mais autonomia.

Por exemplo, os empregados de um escritório explicam a grande diferença entre procurar um documento, rodar, falar com um colega para saber onde está, e esperar uma resposta no terminal. No que diz respeito à organização do tempo, perde-se totalmente a autonomia.

Isolamento, perda dos significados, transparência, perda da autonomia e do relacionamento com o mundo exterior, tudo isto leva a uma maior *identificação com a empresa*, ao mesmo tempo em que aumenta a influência da empresa na vida dos trabalhadores.

Os trabalhadores sentem-se protegidos: "Ainda bem que é a empresa que se preocupa com isso". A empresa é boa, mas também é rigorosa: ajuda quem faz o seu dever e pune quem não o faz.

Enquanto isso, aumenta a *competitividade*, às vezes de maneira desenfreada e dramática, por estar ligada à sobrevivência. É preciso ser o melhor para continuar vivo.

"Só os melhores entre nós podem conseguir." É a mesma história que me contou um amigo sobre a vida em um naufrágio; eles eram muitos, mas só oito se salvaram: "Só nós, os oito mais fortes, sobrevivemos, todos os outros se afogaram".

Só os melhores -- obviamente segundo os parâmetros da empresa -- podem continuar. E, quando um é expulso, quem permanece na empresa entra contra justificativas para a expulsão: é inevitável a expulsão para aquele que não responde aos requisitos fixados pela empresa. É preciso lembrar, aliás,

que a expulsão aproxima-se cada vez mais de uma auto-expulsão: o próprio trabalhador percebe que não aguenta e se despede. Mas tentemos aprofundar esses temas.

A IDENTIFICAÇÃO COM O TRABALHO

Um trabalho como o que acabamos de ver é pouco atraente. Alguém poderá objetar, dizendo que o trabalho em geral é pouco apetecível. Mas outra pessoa poderá sustentar a tese oposta.

O problema da identificação com o trabalho inevitavelmente divide as opiniões.

O uso do termo *identificação* já pode ser problemático. “A identificação é, para a psicanálise, a primeira manifestação de um vínculo emotivo com outra pessoa” (Freud, *Psicologia das massas e análise do Eu*, 1921). Não sendo o trabalho outra pessoa, portanto, falar de identificação poderia parecer impróprio. Todavia, é exatamente aprofundando o conceito que podemos chegar a compreender que o termo é útil, e talvez até insubstituível. A identificação desempenha uma função na pré-história do Complexo de Édipo. *O garoto revela um interesse especial no próprio pai, gostaria de vir a ser como ele, substituí-lo em tudo e para tudo. Digamos isso claramente: toma o pai como ideal próprio.* Esse comportamento não tem nada a ver com uma atitude passiva e feminina em relação ao pai (e ao homem em geral); pelo contrário, é masculino por excelência. Está perfeitamente de acordo com o Complexo de Édipo, que ajuda a preparar.

Ao lado dessa identificação com o pai, talvez até antes, o garoto começou a desenvolver um verdadeiro investimento objetual da mãe, do tipo por apoio. Manifesta, então, dois vínculos psicologicamente diferentes: um investimento objetual nitidamente sexual com relação à mãe, e uma *identificação com o pai enquanto modelo*. Esses dois vínculos coexistem por um tempo, sem interferirem um no outro e sem incomodarem-se reciprocamente. Depois, devido à progressiva e incessante unificação da vida psíquica, acabam por se encontrarem e, dessa convergência, desencadeia-se o Complexo de Édipo normal.

“A criança percebe que o pai bloqueia o caminho que conduz à mãe. Sua identificação com o pai assume agora uma coloração hostil e acaba coincidindo com o desejo de substituir o pai inclusive em seu relacionamento com a mãe. Em todo caso, a identificação é ambivalente desde o início: pode tender tanto para expressão de carinho quanto para o desejo de afastamento. Comporta-se como um derivado da primeira fase da organização da libido, a fase oral, durante a qual a criança incorporava o objeto desejado e apreendido comendo-o e, assim, destruindo-o. Como sabemos, o cambal para nessa fase: ele ama os inimigos que come e só come aqueles que de algum modo pode amar. A sorte dessa identificação paterna perde-se de vista facilmente em seguida.”

“Pode acontecer, depois, que o Complexo sofra uma inversão em que, numa atitude feminina, o pai passe a ser o objeto no qual as pulsões sexuais a ele dirigidas atingem sua satisfação. Neste caso, a identificação paterna constituiu a premissa de um vínculo objetal com o pai. No primeiro caso, o pai é o que o garoto gostaria de ser; no segundo, o que ele gostaria de ter. A diferença, portanto, é se o vínculo se refere ao sujeito ou ao objeto do eu. Por isso o primeiro tipo de vínculo é possível antes mesmo de qualquer escolha do objeto sexual (...). Observa-se que a identificação tende a formar o próprio eu de acordo com aquele assumido como modelo.” (Freud, *op. cit.*).

Enfim, diz Freud, “primeiramente, a identificação é a forma originária do vínculo emotivo estabelecido com um objeto; em segundo lugar (poder) torna(-)se, regressivamente, o substituto de um vínculo objetal libidinal e, em terceiro lugar, ela pode surgir em relação a qualquer aspecto possuído em comum -- não percebido anteriormente -- com uma pessoa que não é objeto das pulsões sexuais”. (Freud, *op. cit.*).

Na paixão, ao contrário, ou na hipnose como fase intermediária, “o objeto é tratado como se fosse o próprio eu”. Nessas formas de escolha amorosa, chega a saltar aos olhos a função do objeto de substituir um ideal do eu próprio, não alcançado (...). Toda essa situação pode ser resumida numa fórmula: o objeto tomou o lugar do ideal do eu”. (Freud, *op. cit.*)

A diferença entre identificação e paixão pode ser explicada da seguinte maneira: “no primeiro caso, o eu enriqueceu-se com as qualidades do objeto, introjetou-o, para usar o termo de Ferenczi; no segundo caso, o eu empobreceu, sacrificou-se pelo objeto, colocou este no lugar de sua parte mais importante”, colocou-o “no lugar do ideal do eu”. (Freud, *op. cit.*)

Pego desculpas por uma série tão longa de citações, mas considero-as indispensáveis para desenvolver o raciocínio sobre a identificação com o trabalho e para fugir do confronto entre os favoráveis e os contrários ao trabalho como do confronto com os monstros homéricos Clás e Caribdes.

O próprio Freud, cujas palavras a respeito dos problemas da identificação repeti extensamente, tem uma posição extremamente favorável no que diz respeito ao trabalho:

“Nenhuma outra técnica de condução da vida liga o indivíduo tão intimamente à realidade como concentrar-se no trabalho, pois este inser-o com

certeza pelo menos em uma parte da realidade, na comunidade humana.

“A possibilidade de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, narcísicos, agressivos e até eróticos para o trabalho profissional e para as relações humanas daí derivadas confere ao trabalho um valor em nada inferior à sua indispensabilidade para a manutenção e a justificação de sua existência na sociedade.

“A atividade profissional traz especial satisfação quando é uma atividade escolhida livremente, ou seja, quando pode tornar utilizável, através da sublimação, inclinações preexistentes, pulsões não intermitentes ou fortalezas constitucionais. No entanto, o trabalho enquanto caminho para a felicidade é pouco apreciado pelos homens. Eles não se referem ao trabalho como às outras possibilidades de satisfação. A grande maioria trabalha apenas se obrigada pela necessidade, e dessa aversão natural dos homens ao trabalho desenvolvem-se os mais difíceis problemas sociais.” (Freud, *O desconforto da civilização*, 1929)

Paralelamente a essa visão, que toma como modelo o trabalho profissional escolhido livremente -- em outras passagens Freud cita o trabalho artístico como instrumento para vencer, pelo menos temporariamente, o sofrimento humano -- podem existir outras opostas. Para começar, podemos falar do trabalho “não escolhido livremente”, o trabalho ao qual o homem deve se sujeitar por motivos de sobrevivência, o trabalho que conhecemos como alienado.

Esse trabalho, pelo qual os homens podem desenvolver uma “aversão natural”, certamente deixa a desejar enquanto instrumento para alcançar a felicidade.

No entanto, esse trabalho também pode tornar-se um grande bem, o bem máximo, frente ao fantasma do fundo especial de garantia para trabalhadores encostados e do desemprego. É claro que frente à falta de trabalho e, portanto, à morte provocada pela fome, qualquer outra consideração é posta de lado

Mas o raciocínio que pretendo desenvolver não considera fundamental este aspecto, e sim a questão básica, a identificação com o trabalho. Há uma série de posições que teorizam a superação do trabalho enquanto objetivo do homem, enquanto lugar de realização do próprio ser, da própria personalidade, e que por esse caminho chegam a sustentar a separação do local de trabalho. Paciência se o trabalho é alienado, se é robotizado, se é difícil de suportar. Vamos tentar diminuir ao máximo sua duração e encontrar uma realização fora dele, na chamada atividade de lazer. Vamos abandonar o trabalho a seu destino. No futuro ele será todo automatizado (creio que nos referimos ao trabalhador necessário, entendido segundo a ótica marxista); não vale a pena gastar maiores energias.

A pergunta que eu gostaria de responder é a seguinte: o ser humano pode realizar-se no chamado lazer, acorrentado a uma parte do tempo gasto no trabalho robotizado, ou até sendo desempregado (e portanto assistido)? Po-

de? Principalmente se levarmos em conta o profundo significado psicológico do trabalho na nossa sociedade?

É por isso que me detive no problema da identificação, pois talvez seja este o caminho para encontrar uma resposta.

De fato, o trabalho não é só um elemento exterior a nós, que se alcança na idade adulta (pelo menos na nossa sociedade), mas é um elemento exterior que já está dentro de nós.

Nos processos de identificação, nos processos de introjeção dos objetos fundamentais de nossa vida, do pai, da mãe ou de seus substitutos, já mesmo na primeira idade, absorvemos o trabalho como elemento não só importante, mas central, fundamental.

Isto porque a identificação, repito, pode surgir "em relação a qualquer aspecto possuído em comum com uma pessoa que não é objeto das pulsões sexuais", de modo que seria muito estranho se não incluisse aspectos significativos do objeto, como os relativos ao trabalho.

Mas sendo assim, e temos razões fundadas para supô-lo, no processo de realização de si mesmo, o trabalho deve ocupar uma posição central.

Se tentarmos indagar, descobriremos que a espera de um trabalho ocupa uma posição central na imaginação, nas expectativas dos adolescentes, uma posição muito mais considerável (quantitativamente), por exemplo, do que as mesmas preocupações pelo lazer, pelos amores etc. Uma posição central relativa especialmente ao desejo de autonomia, de independência. Vir a ser como o pai, a mãe, figuras tão significativas, autônomo e independente como eles. Nesse aspecto, pouco importa a consistência real do trabalho paterno ou materno, seu grau de alienação, etc. Importa o trabalho em si, enquanto elemento central da condição de adulto.

Não ter trabalho é uma situação dramática: o indivíduo fica numa condição de minoria, de dependência, dificilmente suportável. Ainda mais dramática é a perda do trabalho, e todos têm a experiência do fundo especial de garantia nessas condições: "Esse fundo posterior à automação leva ao suicídio: a gente se sente como se fosse cuspidor de um carro" -- é a lúcida opinião de um dos participantes dos nossos grupos de pesquisa.

No caso dos que têm trabalho e este não é satisfatório, e sim alienado, robotizado, não é fácil, talvez até impossível, a operação sugerida por alguém de negação do trabalho alienado e realização de si mesmo no lazer.

Isto porque, ao nível da estrutura profunda do eu, essa operação significaria anular antigas identificações, realizar operações contra si mesmo. Significaria excluir um elemento -- o trabalho, constituído desde os anos mais longínquos -- como elemento fundamental.

Veremos mais adiante que o mecanismo de defesa da negação, visto que neste caso se trataria de negação, nunca tem uma existência tranqüila. Também não pode tê-la em relação ao trabalho robotizado.

Não é por acaso que a posição mais freqüente em nossos grupos de trabalho não é de negação, mas de desejo de domínio da nova situação: "Não

podemos interromper a automação, pelo contrário, devemos lutar para poder administrá-la".

E ainda há o temor da perda do trabalho, o fantasma do desemprego: "Mesmo se eu ficar na GD, lá fora haverá filas de desempregados me encerrando com raiva", diz um trabalhador; "O problema do desemprego será cada vez maior: no futuro, o problema vai ser cada vez mais como oferecer emprego às pessoas", diz outro.

Finalmente, as questões que dizem respeito à possibilidade ou não de adaptação: "Quem não se robotizar será cortado", "para poder trabalhar com as novas tecnologias seria necessária uma mentalidade adequada: só um robô pode ter essa mentalidade para tolerá-las: isso é impossível para um homem".

Vê-se que são posições diferentes, que variam entre hipóteses otimistas (a luta pela administração da informática) e pessimistas (só um robô pode tolerar as novas tecnologias), posições dominadas pela ameaça da perda do emprego, mas ainda assim distantes da negação do trabalho.

As atividades extratrabalho são vistas mais como ocasiões de relaxamento e cura do que como momentos substitutivos.

A identificação com o trabalho não parece ser realmente colocada em discussão, mas, como já foi mencionado, o conflito existe e torna-se mais acirrado exatamente entre o conteúdo do trabalho e a identificação com o trabalho, na medida que o conteúdo do trabalho é profundamente insatisfatório. E isso assume maior proporção por não se poder colocar em discussão a identificação com o trabalho, que, se pudesse ser discutida, o conteúdo do trabalho teria menos importância, e assim seria possível realizar-se "fora" do trabalho, como se costuma dizer.

É nesse nível que eu pessoalmente incluíria a questão de *abstention from work*, a abstenção do trabalho, que os cientistas sociais definem *disaffection*. De acordo com Marchisio, eu colocaria o problema na "contraplantificação na oficina" (Marchisio, *Divisione del lavoro, un problema aperto*, Classe, 1984). "Na fábrica, encontramos a planificação e a contraplantificação, visto que existe claramente um poder duplo. Um fenômeno que se repete todos os dias é a substituição dos planos racionais da direção por outros planos totalmente diferentes" (Watson, citado por Marchisio). A contraplantificação vai da sabotagem ao costume operário de suspender os tempos, roubar o tempo, inventar jogos, delimitar o território e o espaço da fábrica para as próprias necessidades.

O objetivo central do plano operário é a "transformação da jornada de trabalho num período digno de ser vivido", através de um nível de cooperação altíssimo entre os operários de um departamento e entre todos os departamentos.

Uma abstenção do trabalho, portanto, que não leva ao abandono do trabalho ou à realização de si fora do trabalho, sim à tentativa de devolver ao tempo de trabalho a vida perdida.

FANTASIAS SOBRE AS PRÓTESES. ANTROPOMORFIZAÇÃO

É óbvio que isso ocorria na época pré-informática. Na época da informática, a *abstention from work* torna-se muito problemática, mesmo com o agravamento da situação, acompanhado de uma progressiva decaída do conteúdo do trabalho. Realizar-se “fora” do trabalho torna-se cada vez mais uma fantasia possível para quem não está diretamente envolvido no processo produtivo.

Para quem, ao contrário, trabalha com as novas tecnologias, aumenta o conflito entre conteúdo do trabalho e identificação com o trabalho.

“Não posso deixá-lo sozinho”, diz um trabalhador referindo-se ao seu terminal, justificando, assim, o fato de não ter participado de uma pequena greve decidida pelo conselho de fábrica. Não se trata de um fura-greve. Trata-se de um operário que está passando por um momento de grave dificuldade psíquica. Provavelmente ele encheu o computador de significados humanos, encheu-o de projeções, para usar um termo psicológico. Pouco a pouco, foi transformando o computador numa pessoa com quem pode conversar, discutir, competir e, como se não bastasse, deu-lhe afeto. Por que não posso deixá-lo sozinho? Porque se eu o abandonasse ele sofreria, ou seja, teria uma reação afetiva tipicamente humana, provavelmente uma reação especular da situação afetiva daquele trabalhador, que deve sentir-se muito sozinho em sua estação de trabalho, em sua situação de trabalho.

Se nos afastarmos por um momento da fábrica para entrar na sociedade; se formos a uma sala de diversões, por exemplo, o que veremos? Garotos, às vezes até crianças, empenhados em competir com máquinas, com videogames.

Aqueles entre nós que já trazem alguns anos nas costas e lembram de sua infância e sua juventude podem fazer uma comparação imediata. Em outros tempos, até há poucos anos -- e ainda hoje em muitos lugares, é claro -- o jogo era compartilhado. Os meninos ocupavam-se com o futebol de tó, o pingue-pongue, enfim, outras atividades já então competitivas (o esporte não é a oportunidade ideal, como se diz comumente, de expressão ou liberação dos impulsos agressivos?), mas desenvolvidas socialmente, em grupos.

Hoje, cada indivíduo está sozinho diante do seu terminal competindo com uma máquina que emite sons (nos produtos recentes essa máquina chega a falar), que permite escrever o próprio nome na suposta lista dos melhores,

mas pela qual o indivíduo será sempre vencido. A inevitabilidade da derrota faz parte do jogo e contribui naturalmente para manter a atividade lucrativa. Não se trata de um treinamento para os jovens, de uma escola de base, mas também de uma atividade econômica para os fabricantes de videogogos e para os donos das salas de diversões. Atividade econômica e treinamento casam-se perfeitamente, para satisfação geral dos jovens e adultos.

Parece-me evidente a semelhança entre o trabalhador em sua estação de trabalho, sem poder abandonar o terminal, e o menino, que não quer, não pode abandonar seu videogogo. Nos dois casos, o homem está sozinho diante da máquina, numa posição de dependência, e principalmente numa situação em que antropomorfiza, por assim dizer, a própria máquina.

O computador, o *calcolatore* dos italianos ou o *ordinateur* dos franceses, vai se transformando de cérebro eletrônico em cérebro e, aos poucos, sutilmente, quase inconscientemente, em pessoa.

De prótese do ser humano, de objeto inanimado, transforma-se em pessoa fictícia com quem eu trabalho e, na minha carência de relacionamentos com os seres humanos, torna-se necessariamente animada.

O homem sempre construiu próteses para si mesmo. Recentemente, Fornari recordou esse fato em sua última contribuição antes de morrer (Fornari, *Nuove tecnologie e processi di simbolizzazione*, Ediesse, 1983).

O homem constrói próteses para melhorar seu relacionamento com o mundo exterior, para sobreviver ao confronto áspero, difícil, com a natureza. São próteses de suas pernas e seus braços, são, antes de mais nada, instrumentos para se deslocar, seja a subjugação de outros animais (vide o cavalo, ou o uso do próprio homem como o meio de transporte), seja a rodadura de veículos em geral e, hoje, motor e os motores em suas diversas particularidades. São instrumentos para melhorar a eficácia dos braços, das mãos, desde a pá, ainda movida por energia humana, até o moderno braço robótico de nossas fábricas, passando pelo arado, puxado pelos animais.

O homem não constrói apenas próteses dos braços e das pernas; constrói também dos órgãos de sentido, da audição e visão.

Basta pensar no rádio e na televisão, em sua imensa importância no mundo atual: será que não estamos falando de próteses da audição e da visão? De uma enorme potencialização desses sentidos, através dos quais nos relacionamos eficazmente com aspectos significativos do mundo natural e humano? É impressionante a dependência que desenvolvemos ao longo dos anos em relação a essas próteses. Quem poderia dispensar hoje o uso do autômato, da geladeira ou da máquina de lavar, uma vez experimentados esses instrumentos e comprovada sua utilidade? O mesmo pode ser dito em relação ao rádio, à televisão e por aí vai. Esses objetos são muitas vezes antropomorfizados, revestidos de fantasias, de projeções humanas. O autômato é transformado em "Bartolomeu" ("anda, Bartolomeu, anda"), transforma-se num ser com o qual o indivíduo conversa, se inquieta, do qual ele às vezes depende. A televisão torna-se uma companhia fascinante, que preenche o tempo com informações mais ou menos verdadeiras, mais ou menos úteis,

coloca-se como alternativa eficaz ao relacionamento com os outros seres humanos.

Afinal, não é cômodo receber esses seres filtrados pelo aparelho de televisão, consumi-los assim, num silêncio onipotente? Não é verdade que se aprende assistindo à televisão?

E eis que surgem aquelas polémicas um tanto ridículas: as crianças devem ou não assistir à televisão? Por quantas horas e minutos? Será que não vai atrapalhar o colégio?

Essas são perguntas que todos fazemos no difícil jogo entre nós e nossas próteses, entre nós e a bicicleta, o automóvel, o rádio, a televisão e, por que não, o computador pessoal. O computador também é uma prótese, uma prótese da parte que consideramos, e talvez ela realmente seja, a mais nobre da pessoa: o cérebro, a parte mais íntima, mais insubstituível, a sede da alma, o local da atividade mental.

Toleramos os transplantados de órgãos; dos olhos aos rins, da pele aos ossos, aceitamos as intervenções mais assustadoras, porém temos muita dificuldade em conceber o transplante de cérebro: "Mudar de cérebro muitas vezes acarreta uma mudança de identidade". Já ouvi algumas pessoas expressarem essa convicção difundida, e talvez até correta.

O cérebro é a sede da nossa memória, da nossa inteligência, da nossa afetividade. Como se pode fazer uma prótese dele?

Há algum tempo acentuou-se a discussão a respeito da *inteligência artificial*. Até que ponto é possível construir cérebros artificiais, e com que características? Os escritores de ficção científica chegaram quase a nos vencer da possibilidade de construir próteses completas, com memória, inteligência, afeto, força e até, por que não, com uma pitada de neurose ou psicose, dentro da possibilidade, portanto, de ter duplicantes.

Os filósofos nos ensinam a distinguir o ser vivo do produto do homem, nos advertem contra essas fantasias de onipotência. Como é que uma prótese pode ter afeto? Talvez sejam fantasias invejosas, tipicamente masculinas: se as mulheres podem gerar uma criança, por que os homens não podem? E apesar dos filósofos e dos escritores de ficção científica, a produção de cérebros artificiais continua, crescendo cada vez mais. Ainda são próteses primitivas e deficientes, porém com o tempo melhorarão.

Essas máquinas começam a provocar fenômenos importantes, de projeção, de *antropomorfização*. O que os escritores de ficção científica fazem é desenvolver um elemento presente em cada um de nós, um elemento de defesa e ataque ao mesmo tempo, imperialista, em qualquer dos casos; é o homem no centro do universo, o homem que transforma, humaniza a natureza. Depois, a natureza humanizada apresenta-se numa relação dialética; eu discuto com o meu computador, que não é mais inanimado, morto. Agora ele está vivo na minha frente. Derrota, assim, a morte, dando vida a uma coisa morta. E como essa coisa viva na verdade está morta, a minha angústia pode tornar-se ainda mais profunda.

Às vezes não é a doença que mata, é o remédio, poderíamos dizer correndo a um velho provérbio. No computador deposita-se uma memória, é claro, mas não todos os tipos de memória, não a memória dos cheiros, dos sabores, por exemplo, não a memória daquela cena, daquele fato que ocorreu há tanto tempo. Quanto tempo? Parando para pensar, podemos nos surpreender descobrindo que aquela lembrança se situa muitos anos atrás, às vezes décadas e décadas atrás. E no entanto aquela lembrança voltou com todo o seu brilho, com toda a força de então, nos levando inteiramente de volta àquele momento. Sons e cheiros, cores e palavras do passado se fazem presentes, a memória nos permite reviver o tempo, nos devolve o tempo perdido, que julgávamos perdido. Quem não reconheceu em Proust o milagre dessa facilidade tão humana que é a lembrança, possibilitada pela memória?

Será que o computador pode ter tudo isso? Certamente não. Sua memória é de tipo matemático, uma parte mínima da nossa memória, mas que não deixa de ser memória. Certamente não é uma memória de tipo afetivo, e nesse aspecto ela é até inferior a outros tipos de memória, os quais os homens usam há muito tempo e com notável sucesso, quer dizer, as memórias depositadas nos livros, nas obras de arte. Efetivamente, o milagre da linguagem possibilita não só a memória interna, que mencionei, mas também a memória depositada nos livros, nas sinfonias musicais, nos quadros, nos edifícios, etc.

Há muito tempo, portanto, a partir do momento em que o homem descobriu a cultura -- e talvez seja isto que o tenha diferenciado dos outros animais -- ele começou a construir uma prótese gigantesca e a depositar nessa prótese, na memória transmissível, os conhecimentos, aumentando enormemente suas possibilidades.

E por isso que não devemos nos surpreender com uma máquina que funcione como um depósito de memória. Não há nada de novo nisso, apenas um aperfeiçoamento técnico. Teremos de nos acostumar com os disquetes que substituem os livros, com os disquetes que substituem o papel onde tomamos nota e escrevemos nossos trabalhos. Paciência. Isso é só um aperfeiçoamento técnico. As bibliotecas podem mudar de forma, mas a substância permanece a mesma: memória depositada. E assim como são úteis as bibliotecas de papel, também serão úteis as de *software*.

De onde vem então o elemento novo? Por que em relação aos livros, aos quadros e às bibliotecas os homens não fazem nenhuma projeção específica, nenhuma antropomorfização, mas ao computador fazem? Por que uma prótese é aceita com tranquilidade e outra não?

O que me parece novo não é tanto o fato de uma memória ser depositada no computador, e sim o fato de poder tornar-se, em sentido lato, diretamente produtiva. Nesse sentido, a prótese adquire todos os aspectos de uma prótese do cérebro humano, se entendemos, para tanto, o cérebro humano como depósito de memória antecipador de ação e, portanto, como guia da ação.

A memória depositada no computador pode assumir esses aspectos. Não importa que alguém tenha introduzido os dados e planejado a máquina, os mecanismos de movimentos etc.

O que atinge a fantasia e favorece ao máximo as projeções antropomórficas, na minha opinião, é essa característica de funcionamento do computador.

Ao contrário do nosso cérebro, da nossa memória, que julgamos possuir inteiramente e ter o poder de utilizar à vontade, a do computador é uma memória que, definitivamente, nós não a possuímos. Retornarei mais adiante essa questão sob outro ponto de vista usando o conceito de *barreira da informática* introduzido por Muisso. Essa memória, sempre nos atendo ao significado de memória potencialmente produtiva, pode aparecer sob a forma de perseguição, de perda do controle, de perigo.

Em âmbitos clínicos, conhecemos distúrbios precisos devido ao fato de a comunicação entre as partes conscientes e as partes inconscientes (pré-conscientes) do nosso sistema mental ser interrompida ou impedida. Não somos mais donos da nossa própria casa. De repente podem emergir conteúdos que não sabíamos que possuíamos, e não conseguimos afastá-los. Ficamos tomados pela angústia. A fobia e a coerção impõem-se contra nossa vontade. Não somos capazes sequer de identificar as raízes de tais pensamentos, de aceitá-los como nossos. Parecem estranhos a nós mesmos.

A mesma coisa, embora em direção oposta, nos acontece com os lapsos, com os atos falhos. Quem já esqueceu um compromisso que considerava particularmente importante? Quem já não conseguiu se lembrar daquela palavra, em geral um nome próprio, que estava ali, na ponta da língua?

Os sintomas neuróticos, os lapsos, os atos falhos são todos sinais de perturbação de nosso sistema psíquico, de uma comunicação alterada em seu interior, entre partes conscientes, pré-conscientes e inconscientes, como Freud tão bem nos ensinou. São todos sinais, enfim, de uma alteração no acesso ao nosso patrimônio mnêmico. Não podemos ter livre acesso à nossa memória, pois algo foi interrompido; e só restabelecendo uma circulação correta, removendo os obstáculos que se formaram, quase sempre de natureza afetiva, é que será possível voltar à situação de normalidade.

Se isto ocorre em nossa mente, também pode ocorrer em sua relação com outras mentes em determinadas situações afetivas. Com o computador, visto ser ele dependente de outra mente, com quem tem determinada relação afetiva (por exemplo, de dependência), um acesso impedido à memória do outro, pessoa ou computador, também pode determinar uma situação de alarme.

Nossa mãe, nosso pai, nossa namorada, nosso namorado, todos estão nos escondendo alguma coisa. Num instante, surge um sofrimento, um alarme. Na medida em que fizemos da nossa mente e da mente deles uma só unidade, uma omissão pode ser equivalente aos obstáculos já descritos no interior da mente de uma pessoa. Cria-se uma situação de angústia, em que um perigo obscuro ameaça o indivíduo, deixando-o fraco de repente.

A memória depositada no computador, potencialmente produtiva, nem sempre é acessível.

Como dizia um trabalhador, é difícil trabalhar com uma máquina que, afinal de contas, é inteligente. Não só é inteligente, como determina os tempos de trabalho, controla sua quantidade e qualidade e mantém o trabalhador num domínio completo. Será que ainda podemos nos surpreender com o fato de, nessas condições, os trabalhadores projetarem na máquina conteúdos humanos?

Aliás, as características da antropomorfização estão de acordo com a situação que é ao mesmo tempo de *depressão* e *perseguição* e que se criou entre o trabalhador, o conjunto dos trabalhadores, a máquina e o conjunto das máquinas.

Os elementos depressivos e persecutórios ficam entrelaçados quando a regressão tem início, a dependência se manifesta e, portanto, a mente começa a mostrar sinais de sofrimento.

As expressões usadas indicam um grau elevado de perseguição e dano: "o vídeo te devora", "depois de dois anos de trabalho você está feito", "você se sente vazio", "a empresa queima as pessoas rapidamente, em todos os níveis".

"Devorados", "esvaziados", "queimados" são termos fortes e precisos. O computador traz algo que tira os objetos de dentro da pessoa ("esvaziado"), que chega a transformar o mundo interno num terreno que sofreu um incêndio ("queimados"), e que faz lembrar a parte persecutória dos contos de fadas, quando o pai ou a mãe má devora a criança.

Como fantasia pessoal, interessa-me, sobretudo, a imagem do incêndio: as novas tecnologias que passam nos objetos, as experiências acumuladas, como uma chama que deixa o terreno escuro e sem vida. "Quem não se robotizar não poderá trabalhar; não poderá sobreviver." De um lado, temos a destruição; do outro, a identificação com o agressor. Para sobreviver, uma vez destruído o mundo interno, uma vez tudo queimado e a fantasia apagada, todos deverão virar robôs.

DEPRESSÃO E PERSEGUIÇÃO. A PERDA DE AUTONOMIA

As pesquisas de campo revelam alguns aspectos novos que merecem ser aprofundados. No mundo da produção, observamos que há um entrelaçamento que mantém presente ao mesmo tempo um *elemento depressivo* (como o exemplo já citado de perda do significado do trabalho) e um *elemento persecutório* (por exemplo, sentir-se uma pessoa transparente). Isso quer dizer que o indivíduo não perde apenas algo de fora de si -- como a possibilidade de transformar o mundo externo --; perde também algo de dentro de si, porque ser transparente significa perder a intimidade do mundo interno. Ocorre a passagem da pura depressão para a situação em que depressão e perseguição ficam entrelaçadas.

Uma situação em que os elementos depressivos e persecutórios ainda não se separaram porque o mundo interno e o mundo externo ainda estão profundamente entrelaçados. Uma situação que é típica das primeiras fases da vida, da primeira infância (como ensinou M. Klein).

Hoje, a mesma situação é reproduzida, só que no mundo adulto, nos próprios locais de produção, exatamente onde o homem transforma o mundo externo.

Como isso pode acontecer? Isolamento, perda dos significados, transparência, são fatores que contribuem para criar um estado de regressão, que permitem o surgimento de situações depressivas e persecutórias, ora separadas, ora como uma coisa só, como mencionei acima, e que levam fatalmente a uma perda de autonomia.

A perda de autonomia também é facilitada pela questão do tempo, que também é muito importante por esse ponto de vista. Autonomia é, primeiramente, a possibilidade de organizar, de autodeterminar o próprio tempo. Quando o indivíduo perde esta possibilidade, volta a ser uma criança... é a mãe que administra o seu tempo. Ela diz a hora de comer, de dormir etc. Ago-

ra, a máquina organiza tudo, o indivíduo depende da máquina e não tem mais autonomia.

Gualandri e colaboradores (1983, *op. cit.*) trazem uma rica documentação a respeito, da perda de autonomia e do poder de decisão. Reproduzo abaixo o capítulo inteiro:

“Não sou atraída pela máquina eletrônica, sinto medo; sinto-me im-potente e controlada -- onde vai parar a minha lógica?”

“Meus pensamentos diminuem e seguem a máquina. Um ambiente de trabalho bonito permite que você suporte isso, mas se não é bonito e você não pode se distrair, então não dá. Eu, por exemplo, fico brincando com elétricos enquanto espero que a máquina se decida. Eu vou ser programador a vida toda, mas a máquina reprime tanto que a pessoa procura recuperar em outros espaços.”

“Temos perguntas a fazer sobre a visão analítica das coisas. Tudo aquilo que nos acontece é decomposto e recomposto. Estávamos do lado de fora, vivimos uma andorinha. Um de nós disse uma andorinha não faz verão. Todos os três continuamos a discutir seriamente quantas andorinhas são necessárias, por que aquele número e não outro. Depois outra coisa: a ansia de otimizar. Comigo não é assim, mas com ele é. Quando ele pega o elevador, já está com os segundos contados para ver a caixa postal; corre e fica zangado por um problema abstrato: se o elevador está no andar, se está ocupado, se está num andar baixo ou alto ou se já está ali. São todos fatores que intervêm no jogo. E se chegar alguém interferindo ele fica irritado. E no entanto é uma pessoa de muitos interesses, ele até estuda fagote no Conservatório de Música. Para todos nós, há sempre a ansia de “otimizar” o percurso de uma estrada: termos longos e sérias discussões sobre essas coisas. Nossa pergunta é: o que é tudo isso? Isso já existia antes? Nós somos obsessivos? Ou é a máquina, o costume de conviver com a máquina que muda nosso pensamento e nossa lógica?”

“No banco, por exemplo, enquanto você não tiver o computador, você tem duas mil, seis mil notas promissórias para fazer e, de acordo com isto, você distribui seu trabalho, indo mais devagar ou mais rápido, e se alguém te repreender você pode explicar suas razões. Há um controle humano no trabalho. E se a quantidade de trabalho for pouca é necessário fazê-la naquele tempo estabelecido. Você não pode mais regular o tempo. A relação não é mais com a promissória, e sim com a máquina.”

“Minha experiência me leva a pensar o seguinte: se eu trabalho com med-tade da minha personalidade ou sem interesse, sem usar todo o meu potencial, isso também vai entrar na vida particular. Eu procuro participar totalmente, e isso me leva a ter choques: o que a organização do trabalho me pede é ser instrumento, e não homem. Não posso perguntar o porquê do meu trabalho. Não posso syndicar sobre o trabalho que faço. Devo atuar nos pa-drões de economia, e não de segurança. Eu acho que este é um problema do trabalho: ser instrumento, e não homem.” (desenhista, atualmente no vídeo).

7.1- Perseguição

Reproduzo aqui mais uma documentação a respeito da perseguição, da impotência e do esvaziamento.

“Se alguém erra, o terminal emite um sinal e todos viram para olhar.”

“A gente acaba levando a distração para casa.”

“Não só no trabalho, mas na vida também a gente fica partido.”

“A direção treina novos guardiães, aumenta o controle e a mecanização dos meios de produção.”

“Trabalhando com a minha caneta eu não sinto medo, mas com o computador, sim.”

“Antes da automação, tínhamos eliminado o supervisor, que controlava e era de uma categoria superior. Agora colocaram um teclado a mais para uma colega nossa e restabeleceram o supervisor. Realmente a máquina eliminou trabalhos diferentes, profissionalismos diferentes, vamos acabar ficando com todas as funções iguais, mas eles vêm e colocam um teclado, fazendo as hierarquias, para manter as carreiras e as diferenças, sem uma necessidade real.” (uma telefonista).

“O controle em si não é negativo, mas sim o uso que se faz dele.”

“A máquina não é má, nem onipotente.”

“A mensagem do erro pode ser gentil ou má”: assim se exprime uma voz que reage ao excesso de perseguição do computador.

7.2- Impotência

“Às vezes aparecem erros inexplicáveis, trabalhos para serem refeitos sem que a gente saiba o porquê: a falta de instrução é humilhante, o indivíduo não conta nada.”

“Eu não consigo me desdobrar: não consigo mais ler nem um livro, nem um jornal pela frustração do trabalho na fábrica e também pela frustração na política, onde não existe mais nem espaço nem possibilidade de ser protagonista.”

“O que é alienante? Será o trabalho repetitivo, ou será que sou eu que não entendo o sentido do que faço, ou será a incapacidade atual de fazer qualquer negociação?”

7.3- Esvaziamento

“O terminal de vídeo não dá nada, ele esvazia e pronto.”

“Eu experimentei dois modos de vida no trabalho: tentei me adaptar ao sistema; eu reprimia as dúvidas que tinha, me deformava para me tornar aceitável até que comecei a ouvir campanhas de alarme. Para mim, foram relâmpagos brancos no cérebro, senti o vazio no cérebro por alguns segundos. Recuperando a unidade da personalidade não tive mais esses relâmpagos. Eu tinha me assustado e resolvi fazer alguma coisa. Mas aí começou o

conflito com o sistema. O que sobra é uma atividade, uma vida que não é vida. E não se pode limitar o trabalho. Sinto toda a minha vida particular fora de foco: todo evento (amor, jogo, estou sempre distraído, posso estar acompanhando mas é como se não o estivesse) está fora de foco. O trabalho separa, é competitivo, contra o diálogo, quer a submissão e a perda de si mesmo." (Gualandri, *op. cit.*).

Os indivíduos, assim, acabam sossegando, e torna-se mais confuso o limite entre o eu e o mundo externo, além de ser muito difícil o relacionamento com o próprio mundo interno.

Lembro Freud: "Normalmente, nada é mais seguro para nós do que o sentido de nós mesmos, do nosso próprio ego. Esse ego aparece como autônomo, unitário, bem contraposto a qualquer outra coisa. Que essa aparência é enganosa, que o ego tem em direção ao interior, sem qualquer delimitação nítida, a própria continuação numa entidade psíquica inconsciente, que nós designamos Id, e para a qual o ego funciona, por assim dizer, como fachada, isso foi descoberto com a pesquisa psicanalítica, da qual ainda esperamos ter muitas outras informações a respeito da relação entre ego e Id. Mas, em direção ao exterior pelo menos, o ego parece manter linhas de demarcação bem claras."

"Somente em um estado, um estado insólito, é verdade, mas não a ponto de poder ser condenado como patológico, é que as coisas funcionam de maneira diferente. No auge da paixão, o limite entre Eu e objeto ameaça dissolver-se. Contra toda prova dos sentidos, a paixão afirma que Eu e Tu são uma coisa só, e está pronta para comportar-se como se realmente fosse assim. O que pode ser temporariamente revogado por uma função fisiológica também pode, obviamente, ser perturbado por processos mórbidos. A patologia nos mantém informados a respeito de um grande número de estados em que a delimitação entre o ego e o mundo externo torna-se incerta ou em que os limites são efetivamente traçados de maneira incorreta; há casos em que partes do próprio corpo, até mesmo porções da própria vida psíquica, percepções, pensamentos, sentimentos, aparecem como estranhos e não pertencentes ao ego; há outros casos onde se atribui ao mundo externo aquilo que teve claramente origem no Eu e que por ele deveria ser reconhecido. Desse modo, até o sentido do Eu está sujeito a distúrbios e seus contornos não são estáveis. Uma reflexão posterior permite afirmar: esse sentido do Eu, presente no adulto, não pode ter sido assim desde o começo. Deve ter havido um desenvolvimento que obviamente não pode ser provado, mas que pode ser reconstruído com uma probabilidade suficiente" (Freud, *O descontento da civilização*, 1929).

A construção freudiana a respeito é complexa e fascinante.

"O lactente ainda não distingue o próprio Eu do mundo externo como fonte das sensações que afluem em sua direção. Aprende a fazê-lo gradualmente, por ocasião de diversas solicitações. Deve produzir forte impressão nele o fato de algumas das fontes de excitação, nas quais mais tarde reconhecerá os próprios órgãos corporais, poderem transmitir-lhe sensações em

qualquer momento, enquanto que de outras -- entre as quais a mais desejada de todas, o seio materno -- ele é temporariamente privado, só as tendo de volta como resultado de seu choro à procura de ajuda. É dessa forma que pela primeira vez se contrapõe ao Eu um objeto, como uma coisa que se en- contra do lado de fora e que só aparece depois de determinada ação.

"Outro incentivo ao afastamento do Eu da massa de sensações, ao reconhecimento de um lado de fora, de um mundo externo, é fornecido pelas abundantes, múltiplas e inevitáveis sensações de dor e desgosto, que, no exercício do próprio domínio ilimitado, o princípio de prazer manda neutralizar e evitar."

"Surge a tendência a separar do Eu tudo aquilo que pode tornar-se fonte de desgosto semelhante a empurrá-lo para fora e a formar um puro Eu-prazer, ao qual contrapõe-se um estranho e ameaçador lado de fora. As fronteiras desse Eu-prazer primitivo não podem eludir a retificação derivada da experiência. No entanto, parte daquilo que não se gostaria de renunciar por ser fonte de prazer é não Eu, é objeto; e parte da pena que se quer expulsar demonstra-se, ao contrário, inseparável do Eu por ser de origem interna. É aprendido um procedimento graças ao qual, através da guia intencional das próprias atividades sensoriais e de uma oportuna ação muscular, é possível distinguir aquilo que é interno, ou seja, que pertence ao Eu, e aquilo que é externo, ou seja, que advém de um mundo externo, e assim é realizado o primeiro passo em direção ao estabelecimento do sentido de realidade, que está destinado a dominar o desenvolvimento posterior. Essa diferenciação serve, obviamente, ao objetivo prático de defender-se contra as sensações desagradáveis já experimentadas e contra aquelas iminentes."

"O fato de a fim de se defender de tais excitações desagradáveis que surgem de seu interior, o Eu não aplicar métodos diferentes daqueles usados contra o desgosto proveniente do exterior acaba se tornando o ponto de partida de distúrbios patológicos relevantes.

"É assim, portanto, que o Eu se destaca do mundo externo ou, para ser mais exato, originariamente o Eu inclui tudo, depois é que separa de si o mundo externo" (Freud, *op. cit.*).

Conseqüentemente, "nosso atual sentido do Eu não passa de um resíduo murchado de um sentimento bem mais abrangente, aliás, de um sentimento onicompreensivo que correspondia a uma comunhão mais íntima do Eu com o ambiente" (Freud, *op. cit.*).

Ora, na vida psíquica nada pode acabar, tudo se conserva e, em circunstâncias oportunas -- por exemplo, através de regressão -- pode vir novamente à tona: "Na vida psíquica, a conservação do passado é mais uma regra do que uma aceção surpreendente" (Freud, *op. cit.*).

A situação citada levava o trabalhador a uma regressão e, portanto, à reemergência de situações psíquicas já longínquas. O Eu pode ser muito interessado, pode perder em autonomia, pode dissipar os próprios limites com o mundo externo; a antropomorfização, a identificação com o agressor etc. são fenômenos que podem encontrar explicação nesse contexto.

PSEUDO-ADAPTAÇÃO/ADAPTAÇÃO. MECANISMO DE DEFESA

Os fenômenos descritos por Brod e outros (J. Brod, *Techonstress: the human cost of the computer revolution*, Addison Wesley reading Mass., 1984), com o *tecnostress*, situações em que o operador aceita passivamente uma dependência absoluta do computador, até assimilar suas formas de comunicação, e denunciados por Bagnara e Visciola (S. Bagnara, M. Visciola, *Automazione e stress ricognizione del problema*, Quaderni di Rass. sind., 1984) como simbiose homem-computador com desaparecimento do medo, da ansiedade e da resistência contra ele, também podem ser enquadrados, podem explicar e confirmar indiretamente a existência de uma diminuta distinção entre o Eu e o mundo externo, típica da situação regressiva com perda de autonomia.

De uma maneira mais geral, o fenômeno descrito por inúmeros estudiosos sobre a transferência da linguagem da informática para as relações interpessoais também pode ter a mesma origem.

A questão de como se dão os processos de adaptação é central, mas pouco estudada. De fato, é bem difundida a convicção de que a capacidade de adaptação do homem é extremamente elevada. "Na realidade, toda adaptação tem um preço" (F. Novara, R. Rozzi, S. Bagnara, *La psicologia del lavoro nella epidemiologia del lavoro organizzato*, Ip/Cnr R.T., Roma, 1981) E esse preço, que pode ser avaliado com base tanto no tempo necessário para a adaptação quanto no nível de adaptação alcançado, varia em função de diversos parâmetros (S. Bagnara, "L'interazione uomo macchina nelle teorie a base informatica: note", *Studi organizzativi*, n. 2, 1984):

"Uma das variáveis que mais incidem nesse preço é o nível de adaptação à condição anterior. Em outras palavras, significa que quanto maior for a experiência de trabalho com condições tecnológicas diferentes, mais difícil será utilizar e adaptar-se às novas tecnologias no trabalho. Além disso, quanto mais repetitivo e pobre era o trabalho anterior, levando assim a um processo de adaptação por redução e simplificação das capacidades distribuídas e à formação de automatismos, tanto maior é a probabilidade de que seja difícil, se não impossível, o processo de readaptação às novas condições de trabalho. O tempo de aprendizado torna-se cada vez mais longo, o resultado do aprendizado tende a ser cada vez menos satisfatório, enquanto o custo psicofísico e as resistências aumentam." (Bagnara, *op. cit.*)

Depois de descrever as dificuldades dos trabalhadores antigos, ou pelo menos de uma parte consistente dos mesmos, Bagnara tenta então identificar as características positivas do profissionalismo emergente, tomando como ponto de referência "a disponibilidade e a capacidade de uma adaptação rápida à mudança", mas especialmente "habilidades mentais, às vezes inteiramente novas, mas em todo caso menos usadas no trabalho anterior, como manipular informações abstratas e operar em símbolos e/ou através

de símbolos. A colaboração e/ou interação com a máquina torna-se cada vez mais um fato cognitivo” (Bagnara, *op. cit.*)

A adaptação ao profissionalismo emergente, portanto, exigiria crescentes habilidades mentais cognitivas para ser bem-sucedida.

Isso seria exigido principalmente dos pesquisadores e projetistas. O autor, então, além-se extensamente nas doenças de tipo específico, nos estados de fadiga mental e chega a dizer que “essa nova patologia é um elemento posterior que contribui para definir o novo profissionalismo”. Em certo sentido, há um acordo substancial entre Bagnara e alguns dos participantes de nossos grupos quando sustentam a inevitabilidade do distúrbio psíquico para adaptar-se ao trabalho com as novas tecnologias. Bagnara acentua esse conceito e chega a afirmar que o novo profissionalismo é caracterizado por esses aspectos patológicos.

“Esse aspecto patológico é inundante, no sentido que propaga-se, embora de maneiras diferentes, em cada condição de trabalho e/ou função que implique uma interação com um sistema que exija um esforço sobretudo mental” (Bagnara, *op. cit.*)

Outra característica que definiria o novo trabalho seria a dificuldade de avaliar e medir o esforço aplicado.

“No caso do trabalho que prevê um esforço mental, não é possível medir diretamente esse esforço, ou pelo menos não existe atualmente uma unidade medida confiável” (cfr. Moray, 1978-1982).

Por outro lado, as medidas do produto do esforço também são totalmente inadequadas, apesar das várias tentativas feitas até agora (cfr. Nance e Nolan, 1971, para a medição do trabalho de escritório; Schneiderman, 1980, e Gilb, 1977, e McCabe, 1977, para a medição do trabalho dos produtores de *software*). “O conteúdo do trabalho mental, uma das principais características do novo profissionalismo, é difficilmente traduzível em medidas objetivas, ou pelo menos objetiváveis” (Bagnara, *op. cit.*)

E, finalmente, existe o problema da adaptação “a operações mentais complexas e abstratas, que tendem a ser heterogêneas”.

É necessário fazer a distinção entre tarefas de programação e tarefas que fazem uso, mais ou menos direto, dos resultados do trabalho de programação. Mas continuemos com Bagnara.

“No que diz respeito à primeira parte da distinção (as tarefas dos programadores), mesmo não levando em conta os níveis hierárquicos e de competência ligados aos diversos papéis e funções, não existe atualmente um conhecimento claro das habilidades e operações mentais exigidas. E, inclusive devido à rapidez das mudanças, a gama de tarefas é extremamente ampla: vai desde a execução de operações muito repetitivas, embora com uso de instrumentos abstratos, simbólicos e às vezes sofisticados, até a realização de habilidades muito complexas e criativas, como a definição da arquitetura dos sistemas. O conhecimento das operações mentais envolvidas nessa gama de tarefas é totalmente inadequado para formular um sistema de referência no qual fundamentar uma medida da carga mental confiável, pelo me-

nos para algumas dessas tarefas. Além disso, há uma estranha assunção implícita que dificulta bastante até uma abordagem puramente empírica do problema. De fato, há uma tendência geral em acreditar que nessas situações de trabalho o próprio produto já seja indicativo do processo de pensamento utilizado para obter aquele produto. Na verdade, sem levar em conta características estritamente psicológicas da maneira de pensar dos programadores, de operar mentalmente, ligadas ao processo de formação e a aspectos de motivação e talvez de comportamento (cfr. Turkle, 1981), essa assunção não é tão óbvia (Weizenbaum, 1976). Em todo caso, é fácil prever que as operações mentais atuantes quando se formula a arquitetura de um programa não são as mesmas utilizadas quando são aplicadas, muitas vezes de maneira repetitiva, a partes padronizadas de um programa, ou quando se adapta um programa a um objetivo específico, ou ainda quando se mergulha na correção e simplificação. A falta de uma análise das variações e das especificidades impede não só o uso de medidas de carga mental (que, vale a pena lembrar, não se referem tanto à quantidade e qualidade do produto, mas servem sobretudo para identificar indicadores precoces de fadiga mental) mas também a preparação e a validação de medidas de carga específicas” (Bagnara, *op. cit.*).

Para os usuários das novas tecnologias existem tipologias construídas em função do tempo e do modo de utilização das tecnologias de base informática (cfr. Shakel, 1969, 1981; Bjorn-Andersen e Bloch-Rasmussen, 1980). Para quem é empregado, por exemplo, para fornecer prestações de entrada de dados, se conhece bastante bem a sinomatologia psicossomática (Cakir, 1978); por outro lado, “são pouco conhecidos os tempos, as modalidades e os custos da automatização de processos mentais e da redução das capacidades cognitivas utilizadas no simples controle, que também tende a se tornar cada vez mais automático, e de procedimentos e operações mentais muito pobres e de baixo nível” (Bagnara, *op. cit.*). Para aqueles, então, encarregados do controle de processo, há aparentemente uma interação mínima com as tecnologias informáticas. É necessário prestar atenção para que não ocorram falhas no processo ou no sistema de controle do processo.

Em caso de falhas não se pode fazer muito; já é difícil discernir se a falha ocorreu no processo ou no sistema de controle.

Uma pesquisa realizada no estabelecimento siderúrgico Hoogovens, na Holanda (Hoogovens Report, 1976), e sempre mencionada por Bagnara, esclarece ainda mais essa situação, por um lado ressaltando a dificuldade de intervir em um sistema muito complexo e, por outro, focalizando os conflitos na atribuição de responsabilidades numa condição de trabalho em que prevalece o componente de vigilância. De fato, nas tarefas de controle o esforço mental do operador é aparentemente muito pequeno e banal: trata-se de levantar os eventos negativos assim que se produzem (...). O nível de vigilância diminui com o passar do tempo, enquanto aumenta a probabilidade de que o levantamento de um evento negativo desencadeie uma resposta de alarme por parte do sistema humano”.

Em todo caso, muitas vezes a máquina inteligente "exige do operador percursos de raciocínio e estratégias de solução dos problemas que nem sempre são adequados ao modo de trabalhar mentalmente das pessoas (Green, 1980). Muitas vezes, as perguntas e as seqüências de operações formuladas pela máquina têm pouca correspondência com o uso cotidiano que fazemos de nossas habilidades cognitivas". (Bagnara, *op. cit.*)

Com o tempo, segundo o autor citado, isso poderia ser solucionado através da difusão da informática nas escolas e do uso cada vez mais difundido dos computadores pessoais, por um lado, e da passagem para a interação em linguagem natural, por outro.

Todaya, continuam abertas, segundo ele, questões importantes. "Em primeiro lugar, há a redução da conversação interativa para uma simples troca de informações, que tende a anular todos os aspectos de informalidade e redundância, necessários na interação humana. A troca de informações é limitada tanto pela extensão do dicionário usado e pelas regras gramaticais ou sintáticas empregadas, quanto pela necessidade de eliminar as ambigüidades semânticas (Nickerson, 1980). Até a melhor das *graceful interactions* conduz a uma adaptação por redução das habilidades cognitivas humanas e pode conduzir a um processo de esmagamento das habilidades sobre aquelas do sistema com que se interage, uma vez experimentada a frustração de não ver respondidas as próprias perguntas, inadequadas seja pela formulação, seja pelo conteúdo." (Schneiderman, 1980).

Finalmente, há o risco de uma adaptação passiva, inclusive para habilidades cognitivas muito elevadas:

"A tendência, também presente nas novas tecnologias, a uma heterodireção dos processos de pensamento pode levar a uma diminuição real, embora não aparente, não só da autonomia operacional, mas inclusive da capacidade de tomada de decisões e de escolha flexível de estratégias na solução dos problemas." (Bagnara, *op. cit.*)

Zanarini, ao contrário, em *Lemozione di pensare* (G. Zanarini, *Lemozione di pensare*, Clup Clued, 1985), ressalta algumas características positivas, além dos aspectos negativos:

"É óbvio que o computador não é capaz de processar os significados afetivos das mensagens que são depositadas dentro dele, ao contrário de um ser humano. Mas ele não as rejeita, não as joga de volta para o sujeito; as conserva na memória (...), sem descarregá-las."

"A artificialidade da máquina, então, pode ser uma garantia contra o temor de ser observado. (...) Assim, o tempo de aplicação de tensões acumuladas em outras ocasiões, que agora são depositadas com alívio e sem risco: o computador pode tornar-se um tempo de descarga de tensões acumuladas em outras ocasiões, que agora são depositadas com alívio e sem risco: O computador ainda pode tornar-se instrumento de simulação: "Se permite enfrentar os problemas mais diversos sem impor uma delimitação de campo e sem exigir garantias de concretude, realismo e utilidade imediata." "O computador permitiria usar o pensamento como região de transição, intermediária entre o mundo interno e o mundo externo."

"O computador pode servir para treinar o raciocínio, para utilizar estratégias cognitivas, diferentes das habituais; pode, enfim, transformar-se num objeto para pensar."

O computador poderia contribuir para desenvolver uma atitude epistemológica, principalmente nas crianças e nos adolescentes, para refletir sobre o pensamento em si e, portanto, sobre o seu próprio pensamento. "A primeira operação mental exigida de quem pretende utilizar um computador é a decomposição do problema que se quer enfrentar, dividi-lo em subproblemas analisáveis separadamente e recompô-lo. Essa exigência existe para todos os tipos de problemas, seja para os problemas abstratos (tipicamente problemas matemáticos), seja para os cotidianos (relativos, por exemplo, ao próprio trabalho). É particularmente com referência a essa segunda classe de problemas, a respeito dos quais já se consolidaram modalidades específicas de abordagem, que o contato com o computador pode levar a verdadeiros *insights* sobre as características do próprio pensamento. Pode-se perceber particularmente como o estilo de pensamento se fundamenta, às vezes até predominantemente, numa lógica seqüencial de tipo temporal. O desenvolvimento de um programa para o computador, por outro lado, requer necessariamente uma colocação dos problemas em termos de hierarquias de estrutura, além de seqüências temporais." E mais: "A aceitação e a aquisição de uma dimensão estrutural do pensamento podem ocorrer com a ajuda do computador pessoal, a pequenos passos sucessivos. Isso porque há tempo e possibilidade para experimentar repetidamente, familiarizar-se com estruturas no início simples, e gradativamente mais complexas. O próprio termo familiarizar-se, recém-usado, sugere que trata-se de uma aquisição conceitual e afetiva ao mesmo tempo, através da qual incorpora-se determinada modalidade de pensamento.

"As próprias estratégias de pensamento anteriores, assim, podem parecer grosseiras, aproximadas, pouco estruturadas à medida que avançamos". (Zanarini, *op. cit.*)

Enfim, o computador pode favorecer mudanças no pensamento cotidiano (F.C. Bartlett-Thinking, 1958), ajudando a construir modelos do mundo.

"O computador permite refletir sobre os procedimentos do próprio pensamento, permite enunciá-los, manipulá-los (guardando-os na memória, recuperando-os, modificando-os, ligando-os entre si), quer dizer, permite ao homem tornar-se um epistemólogo operativo, experimental. Isso porque o computador permite experimentar operativamente o pensamento no ato de computar e observar as diferenças, as potencialidades e os limites com relação a outras possíveis modalidades de pensamento, através da experiência de pensar espontaneamente como uma máquina, de representar o papel do computador. Desse modo o próprio computador assume as características e o papel de uma metáfora -- como afirma Papert em *Mindstorms* -- ativamente explorável do pensamento". (Zanarini, *op. cit.*)

Papert, citado por Zanarini, diz que é possível inverter a perspectiva e, ao invés de lamentar-se dos limites e perigos do pensamento mecânico, co-
lher suas potencialidades e seus alcances objetivos.

Para Zanarini, em companhia do computador pode-se experimentar “o prazer de sentir a própria mente se mover e de serem desenvolvidas construções intelectuais, o prazer de manipular, quase artesanalmente, os próprios objetos mentais: o prazer de pensar, no momento em que a fome de pensar é satisfeita”.

Pode-se introduzir no pensamento a dimensão probabilística, pode-se reduzir os paralogismos e as redundâncias cognitivas, pode-se modificar a atitude diante do erro, diminuindo a inibição frente a ele:

“Na interação com o computador, a experiência do erro é capaz de desencadear, tanto nos adolescentes quanto nos adultos, um processo de desafio aos limites das próprias estratégias através do desafio ao próprio computador”.

“Desse modo, pode-se desenvolver uma competição interna entre partes de si mesmo, em que uma se encarrega de construir e a outra de provar e avaliar; uma, assume o papel de aprendizagem do adolescente, e outra, o papel de verificação dos pais, com o suporte do computador (...) É o início de uma simbolização do computador enquanto imagem paterna, em substituição à de objeto bizarro”.

Para Zanarini pode haver riscos, porém de natureza diferente dos apontados por Bagnara, como a separação do pensamento que computa, símbolo do pensamento adulto, do pensamento que fantasia, símbolo do infantil. O primeiro seria idôneo para esclarecer as situações complexas, o segundo permitiria provar emoções e estabelecer relações afetivas:

“Tal concepção pode levar a uma idealização do pensamento que conta como meio para a realização da fantasia de onisciência, de domínio, de explicação completa e objetiva do real. Em outras palavras, o pensamento que computa pode vir a ser considerado a via para colher a essência da realidade: de instrumento da mente, pode transformar-se no modelo perfeito de um pensamento linear e limpo, livre de impureza e ruídos afetivos e irracionais (...)”, um pensamento que poderia propiciar o nascimento do homem novo, o homem melhor.

Mas “a ilusão de dominar, de maneira quase mágica, a realidade através do relacionamento com o computador pessoal, assim como a de fundar um homem novo, estão destinadas a um profundo redimensionamento com o passar do tempo” (Zanarini, *op. cit.*)

E o passar do tempo pode derrubar, ao nível profissional, as idealizações iniciais, pode instaurar uma imagem de tom depressivo do próprio trabalho: “Parece que a prática profissional contamina progressivamente o quadro inicial, eufórico e idealizado, e que essa contaminação não encontra ocasiões de espaços de elaboração, traduzindo-os por isso em atitudes de retiro, de afastamento dos próprios objetivos profissionais. Podem emergir (...) interrogações globais que atingem profundamente a confiança no próprio pa-

pel profissional (...) O sentimento de inutilidade do próprio saber, que leva a interrogações sem resposta, muitas vezes tende a anular até aquele impulso ao proselitismo que é tão forte e difundido nos aprendizes de informática. Os profissionais de informática chegam a temer o desencadeamento de processos de conhecimento excessivos e inúteis para o funcionamento das organizações, temem favorecer uma atividade de pensamento com fim em si mesma, ou seja, independente das necessidades de trabalho” (Zanarini, *op. cit.*)

Finalmente, “as dúvidas relativas à utilidade do próprio papel profissional que se insinuam na mente dos profissionais da informática induzem, às vezes, atitudes e comportamentos dolorosamente ambíguos: nesse caso, o papel profissional pode transformar-se numa roupa que vestimos pela manhã e tiramos, com alívio, no fim da jornada de trabalho”.

Bagnara, Gualandri e outros analisam principalmente o local de produção, o lado vivo do trabalho. Zanarini, por sua vez, desenvolve um raciocínio mais geral, mais abstrato, poderíamos dizer, mas nem por isso menos interessante.

Devemos perguntar-nos até que ponto a adaptação e as dificuldades de adaptação dependem da interface homem-máquina e até que ponto da organização do trabalho em geral o homem e a máquina estão inseridos. Zanarini fala da relação homem-máquina independentemente da organização do trabalho; Bagnara, considera ambos: “O trabalho em organização onde o uso de tecnologia de base informática é elevado tende a ser distribuído de modo descontínuo e pontual em transformações repentinas, dificilmente previsíveis e controláveis. (...) Assim, torna-se indispensável o esgotamento do trabalho mental acrescido daquilo que diz respeito ao esgotamento da função para compreender e gerir o contexto (...) Carga de trabalho mental e carga mental organizacional constituem as duas categorias gerais através das quais analisam-se a qualidade do trabalho e a presença de elementos causadores de estresse”. (S.Bagnara, M.Visciola, “Automazione stress: una ricognizione del problema”, *Quaderni di Rass. sind.*, 1984).

No trabalho dos funcionários especialmente, passa-se de uma comunicação interpessoal para uma comunicação impessoal imposta pelas máquinas; as comunicações informais existentes entre os operadores são perdidas e, em seu lugar, afirma-se a dependência do computador, a assimilação das formas de comunicação estereotipadas e inaturais. Nesse contexto, a adaptação a formas de comunicação baseadas numa linguagem livre de ambigüidades pode ser transferida para as relações interpessoais, e torna-se necessário novo trabalho mental para compreender e gerir o contexto.

Se a organização rígida, por um lado, deixa as faculdades mentais esgotadas, aquela menos rígida, por outro, produz amplas flutuações da carga de trabalho (da subcarga à sobrecarga), expondo o trabalhador a consequências negativas por outro caminho.

“O trabalhador”, de acordo com Carchedi, “é obrigado ou, em todo caso, responsabilizado pelo vencimento, mas ao mesmo tempo não há liga-

ção direta entre distribuição de energia psicofísica e adiantamento do trabalho. Enquanto no trabalho de escritório tradicional o aumento do ritmo permite normalmente o respeito ao vencimento, o mesmo não ocorre no caso do terminal de vídeo, que funciona junto a outros terminais ligados em tempo real a um computador central. Nesse caso, o aumento de ritmo pode não permitir o respeito ao vencimento se os tempos de espera no terminal forem muito longos. Nascem assim uma contradição, em geral vivida com frustração pelo trabalhador, entre a exigência de respeitar os vínculos temporais determinados pelos vencimentos e a necessidade de utilizar, para desempenhar a própria função, um instrumento (o terminal de vídeo ligado ao computador central) que impõe seus tempos de atraso sem possibilidade de redução. Isso gera uma condição de estresse imputável tanto a ritmos de trabalho, nas fases de introdução de dados, quanto a uma condição de inatividade forçada e desgastante nas fases de espera impostas pelo atraso com que o computador central fornece as informações pedidas. O ritmo de trabalho global, quer dizer, relativo a todo o ciclo de base, pode até não ser muito alto, mas a condição de estresse e a utilização de energia nervosa pelos trabalhadores podem ser muito elevadas. Na incompatibilidade entre os tempos da máquina e os tempos do homem e, portanto, na adaptação forçada dos tempos deste aos tempos daquela, verifica-se aquele tipo de dependência específica da máquina, logo aquele tipo de nocividade específica que dá lugar a que podemos definir de verdadeiro estresse de espera. O ritmo de trabalho não é constante e rigidamente vinculado, nem parcialmente autogerido nos limites impostos pelos vencimentos, mas é variável em cada minuto de trabalho em função das prestações gerais do sistema. Apesar da aparência, não é a máquina que segue os tempos do homem, mas é o homem que depende dos tempos de resposta da máquina. (...) A dependência da organização geral do trabalho transforma-se em dependência também da máquina. O ritmo perde muito das características de autogestão parcial para tornar-se tendencialmente um ritmo vinculado variável" (B. Carchedi, *Videoterminal: forme di dipendenza e nocività*, 1.º de maio, 1984).

Em geral, o trabalhador tende a ser cada vez menos autônomo (vide considerações a respeito da organização do próprio tempo), e isso pode ser inserido - como acredita Marchisio - na tendência geral do desenvolvimento capitalista de conhecer e controlar o tempo de trabalho dentro da jornada de trabalho cada vez mais rígida: "Entre as diferentes formas de comando que são desenvolvidas para alcançar esse objetivo, existe uma que diz respeito à criação e codificação de um aparato técnico cujo campo de ação é uma porção do processo produtivo com definida organização do trabalho." (O. Marchisio, "Divisione del lavoro, un problema aperto", *Classe*, n.º 115).

Na organização do trabalho fundada por Taylor e universalmente difundida, as formas sociais do processo contínuo de trabalho "são subtraídas dos operários e usurpadas de uma burocracia empresarial funcional e separada".

"Com o enfoque taylorista, o capital penetra até nos poros do trabalho operário e tenta atingir a separação total entre execução e direção. O objetivo central do projeto taylorista é a destruição da sabedoria operária e sua anexação ao *thinking department*. (...) Com o projeto de administração científica chega-se a um ponto dificilmente superável de expropriação: com a recomendação de Taylor aos operários de não pensarem porque não são párgos para isso, chega-se à realização das forças de trabalho em seu estado puro e fluido (...)." (Marchisio, *op. cit.*). O taylorismo, então, torna-se uma gigantesca operação de expropriação do saber operário e, principalmente, do estado profissional da classe operária. Agora está aberto o debate sobre o papel das novas tecnologias informáticas em relação à organização do trabalho taylorista. Estaremos caminhando em direção à superação do taylorismo, como alguns dizem, ou a uma ulterior extensão e aprofundamento dos métodos de administração científica? Estaremos caminhando para uma recomposição do trabalho, ou para uma ulterior subdivisão do trabalho?

O efeito das novas tecnologias a esse respeito ainda não se revelou plenamente, mas todos os argumentos que apresentei até agora levam a uma extensão do sistema taylorista, de um hipertaylorismo, por assim dizer. Se no passado foram expropriados os operários profissionais, agora é a vez dos técnicos, dos funcionários, dos próprios programadores. A administração científica alcançou-os através da revolução da informática e os coloca a cada dia mais sob o comando rígido das máquinas e dos tempos das máquinas, num mundo onde a regra é representada pela execução e subordinada.

Uma grande multinacional do setor, por exemplo, é organizada de maneira a ter "uma estrutura piramidal, articulada numa série de chefes de vários níveis, que não devem ter necessariamente competências superiores às dos seus dependentes, mas devem possuir um elevado grau de identificação com os valores da empresa e um conhecimento das técnicas de gestão do pessoal aprendidas e verificadas em cursos periódicos específicos; cada um deles dirige oito dependentes, organizando a seu critério sua atividade, avalia a qualidade e quantidade de trabalho individualmente, distribui anualmente, depois de uma entrevista individual, aumentos de mérito personalizados cujo valor é conhecido apenas por ele e pelo interessado". (S. Bagnara, *Gyetrone*, "Osservazioni sui rapporti fra caratteristiche della comunicazione nel ambiente di lavoro e disturbi psichici negli addetti ai calcolatori elettronici", *Difesa sociale*, n.º 5, 1983). A organização do trabalho real firma, assim, a *divisão do trabalho*, a divisão entre execução e direção, e a reafirma exata e mente no momento em que os limites entre o trabalho manual e o intelectual vão ficando cada vez menos nítidos. Como ressalva ainda Marchisio, "será cada vez mais indeterminável a linha de demarcação entre tecnologias intelectuais e materiais, ou melhor, a complexidade necessária para garantir o funcionamento de dispositivos produtivos tornará cada vez mais abstrata tal subdivisão. Hoje esse processo ainda tem um ritmo observável e mensurável com precisão, mas é indicio de uma aceleração contínua que só poderá parar quando a passagem, a incorporação, for tão rápida a ponto de

não poder ser medida pelo sistema de controle humano. Passagem essa de uma quota de conhecimento veiculado pelo sistema social para outra quota incorporada e delimitada pelo sistema das máquinas; é esse o sentido de um fato que atravessa os territórios mais diversos do sistema de produção. Essa máquina metabolizante (de 'saber' para 'técnica') constitui no espaço, com seu procedimento arrítmico nos diversos segmentos de produção, uma diferenciada cristalização histórica. A cada instante, manifesta-se não só a separação entre material e intelectual, mas toda a gama das várias passagens de intelectual para material.

"Basta observar a produção 'intelectual' do *software*, que se transforma sequencialmente em 'procedimento' incorporado no sistema de máquinas e tecnologia 'material' para outros operadores da empresa. É evidente que a máquina informática deixa cada vez mais visível e extenso esse processo de acumulação descontínua de tecnologia intelectual, de transformação da mesma em dispositivo 'material', de procedimentos do saber tecnológico entre descontinuidade e fratura intelectual e material. O espaço da fábrica, então, é uma preciosa máquina do tempo em que se tornam sincronicamente visíveis as diferentes reviravoltas diacrônicas do saber tecnicizado. De fato, pode-se observar o mesmo conteúdo de saber antes em seu veículo social, depois dialétrizado e incorporado no sistema da máquina." (Marchisio, *op. cit.*)

A tarefa da inteligência humana, então, é cada vez mais projetar, construir a máquina, e depois regulá-la, enquanto a máquina trabalha e trabalhará cada vez mais sozinha. A tecnologia intelectual afasta-se cada vez mais do processo central da tecnologia incorporada na máquina.

Ao mesmo tempo, as tecnologias de comando, a organização do trabalho também "se alternam entre dispositivos intelectuais e materiais, ou melhor, são apreendidas e vividas como tecnologias materiais ou intelectuais de acordo com as disposições espaciais dos diversos sujeitos. A formalização e a construção de procedimentos para a estruturação dos sistemas informativos e sua transformação em circuitos automáticos de regulação constituem uma área específica de tecnologias intelectuais. Plasticamente, essa área realiza-se em algumas figuras novas como análises de sistema, e é exatamente por seu poder absorvente de tecnologia obsoleta que esse dispositivo intelectual é pontualmente apreendido, vivido e considerado como seção de tecnologia material por outros papéis e outros setores da empresa." (Marchisio, *op. cit.*)

Dessas considerações, conclui-se que não é fácil (e talvez não seja possível) dividir a organização do trabalho simplesmente a partir da relação homem-máquina. Percebe-se não só que, à medida que procede, a revolução da informática vai aumentando o entrelaçamento intelectual/material, e que esse entrelaçamento se aplica à organização do trabalho. Em outras palavras, o sistema das máquinas incorpora tecnologia intelectual no que diz respeito tanto à produção direta quanto à organização do trabalho; o trabalho encontra-se frente aos mesmos problemas, ou a problemas análogos, no que concerne à produção e no que concerne à organização do trabalho. Por esse

ponto de vista, a carga de trabalho mental e a carga mental organizacional, usando as categorias de Bagnara e Visciola, são as duas faces da mesma moeda.

Os exemplos de Zanarini, quase todos externos ao processo produtivo concreto, também subentendem uma organização do trabalho, organização essa da qual são extrapolados e que passa na linha de fundo até tornar-se quase inconsciente, por assim dizer.

Minha tese, portanto, é que não se pode dividir, a não ser artificialmente e apenas como explicação, a organização do trabalho do conteúdo do trabalho e que deve-se fazer um esforço para colher o vínculo indissolúvel entre os dois momentos e, em última análise, a novidade representada exatamente por esse vínculo.

O computador é um instrumento de trabalho e um organizador do trabalho, e se apresenta ao trabalhador com ambas as faces, ora separadamente, ora simultaneamente. A simbiose, a dependência absoluta do computador, o já lembrado tecnostress de Brod, a perda de qualquer forma de resistência a essas máquinas, a assimilação de modalidades de comunicação estereotipadas e naturais podem ser, por esse ponto de vista, a tentativa extrema de anular toda diferença entre o homem e a máquina a fim de não sentir a angústia da expropriação, de se proteger da alienação, de sobreviver, enfim, ainda que a um nível mínimo.

Isso porque, quando o computador e o sistema organizacional são vistos como onipotentes e ameaçadores, as angústias de perda da própria identidade, de anullamento crescem e às vezes, segundo alguns trabalhadores, ficam insuportáveis. A adesão à máquina e ao sistema organizacional, a identificação com o agressor podem proteger contra esse risco, pelo menos por algum tempo.

Mas talvez o problema ainda possa ser aprofundado. Segundo Muscio, "(...) o usuário potencial da informática é submetido a uma pressão violenta para que ele a use e eventualmente mude o próprio modo de vida de acordo com os novos esquemas propostos por essa disciplina (...)" (P. Muscio, "Appunti e spunti su uomini che si parlano attraverso le macchine" *Psicoterapia e scienze umane*, n.º 2, 1983).

"Aliás atualmente, pelo menos na Itália, o usuário potencial ainda não possui os instrumentos críticos que lhe permitam julgar em que limites e como tirar vantagem desses instrumentos e avaliar os lucros e os prejuízos, os benefícios e os males que podem derivar desse uso." (Mussio, *op. cit.*)

Algumas peculiaridades da informática apontadas por Mussio podem ajudar a compreender ainda melhor as dificuldades supracitadas.

Em primeiro lugar, "a informática aliena o dado, no sentido que memoriza-o em formas não mais alcançáveis pelos sentidos do usuário. O dado é memorizado num suporte e segundo métodos físicos tais que o homem não pode mais 'lê-lo' diretamente, nem tem esperanças de aprender a fazê-lo. Sem a intermediação de uma máquina, o dado não é mais acessível, ele é perdido (inclusive em caso de falta de energia para alimentar a máquina).

Digamos, então, que o dado está além da *barreira informática*, uma efetiva barreira física e intransponível. Na ausência da máquina, a experiência nela acumulada seria irremediavelmente perdida (excetuando-se o esforço de quem procuraria reutilizar a própria memória). Nesse caso, a informação memorizada estaria morta como nunca aconteceu com qualquer mensagem escrita. (...) Com a informática, a técnica de leitura passa do homem para a máquina, que é o único órgão sensível capaz de apreender sinais arquivados". (Mussio, *op. cit.*)

Em segundo lugar, "o arquivamento não se dá mais segundo modos biológicos, desconhecidos mas controlados pela pessoa: a informática requer uma organização precisa do dado que só pode ser administrado através de um conjunto de ações bem especificado e limitado, isto é, o dado só pode ser administrado, encontrado e associado a outros dados nos termos permitidos pela organização e por tais operações elementares. O uso desse instrumento por uma pessoa requer uma nova maneira orgânica de utilizar as faculdades de associação e de síntese. Ambigüidade e alusão não fazem parte dessa abordagem. (...) O modo em que a máquina organiza os dados na própria memória está de acordo (...) com o modo em que o usuário organiza os dados fora da máquina". (Mussio, *op. cit.*)

Esses e outros aspectos da informática, como a comunicação através de programas e dados, e não estilos de apresentação, ou como a tendência a uma visão analítica da realidade, criaram efeitos secundários. Prosseguindo com Mussio, "é claro que a alienação do dado, o fato de ele ser estruturado e tratado mediante regras precisas vinculadas ao mecanismo, de ser apresentado em formas que, se refletem a personalidade do autor, fazem-no de maneira nova e difícil de apreender para quem está acostumado aos modos de escrita tradicional, mudam as relações entre as pessoas que se comunicam via computador. Alguns estudiosos de organização perceberam uma consequente mudança na maneira em que os trabalhadores participam das discussões da organização, trazendo à luz um novo aparente parcelamento. Outros colheram a influência que essa maneira de comunicar tem sobre o equilíbrio de cada indivíduo. Alguns cientistas, por outro lado, afirmaram alguns aspectos positivos dessas novas possibilidades de gestão e representação dos dados". (Mussio, *op. cit.*)

Parece-me que do estudo de Mussio emerge com bastante clareza o elemento novo. O computador é uma máquina, mas não é uma máquina como as outras. A *barreira informática* representa plasticamente essa nova realidade: sem a intermediação da máquina, o dado não é mais acessível; a técnica de leitura passa do homem para a máquina, que é, usando as palavras de Mussio, o único órgão sensível capaz de apreender sinais arquivados. Ao mesmo tempo, o dado só pode ser administrado, encontrado e associado nos termos permitidos pela organização.

O conteúdo e a organização ... se é que podemos distingui-los -- entrelaçam-se profundamente já dentro do computador, no nível do seu funcionamento, antes mesmo de se entrelaçarem no local de trabalho, na reali-

dade concreta da fábrica, do escritório, do laboratório no conjunto de máquinas e de homem e máquinas.

Ao mesmo tempo, o computador, exatamente na medida em que não só incorpora os dados mas também é capaz de lê-los e repropô-los de uma maneira que exclui o homem, pode facilmente tornar-se objeto da personificação, da qual falamos anteriormente e que pode ter uma leitura psicológica, como tentou fazer Zanarini:

"Na fase inicial da aproximação", observa referindo-se às experiências com o computador pessoal, "apresentam-se muitas vezes ansiedades e problemas que se exprimem principalmente através da dificuldade de contato físico. Esta dificuldade informa-nos sobre o fato de que essa relação é desde o início profundamente marcada pela ambivalência: é desejada como uma ocasião de potencializar as próprias capacidades, mas ao mesmo tempo é temida como perigosa. (...) O medo de trocar o computador, de apertar os botões parece aludir à possibilidade de que isso tenha consequências até catastróficas e especialmente ao temor (...) de que a máquina possa ser irremediavelmente estragada dentro do computador. Observamos, aliás, que esse temor para si mesmo a destrutibilidade presente na relação também pode ser um modo de expressar a necessidade de controlar o próprio computador, considerado perigoso e ameaçador por aquele que o utiliza pela primeira vez".

Uma racionalização muito comum, observa Zanarini, é a de tender a minimizar a mudança e o alcance da inovação informática. O computador serve apenas para colocar ordem, eliminar os trabalhos repetitivos, e não para transformar a maneira de pensar o trabalho ou inventar trabalhos novos: "A ansiedade que as propostas de inovação provocam aparece (na realidade) ligada à reativação de fantasmas arcaicos de perda, ao medo de ser expriado de algo seu (capacidade, competência, autonomia), assim como ao temor de prejudicar os outros, de roubar-lhes oportunidades significativas, de abandonar e trair o grupo. O pavor de tocar a máquina, ou seja, de desenvolver uma modalidade de interação primitiva mas profundamente envolvente, também parece ligado, nessa ótica, a fantasias predatórias, ativas ou passivas. Os objetivos tecnológicos sempre foram vistos com desconfiança ao surgirem devido ao temor de uma perda de controle sobre os mesmos, ou até de uma perseguição inerente a eles. A ficção científica (ou melhor, aquela fração relevante de ficção científica que podemos considerar como caracterizada por um clima paranóico) ilustra com bastante eficácia esses temores, desenvolvendo sob a forma de romance previsões catastróficas sobre o futuro: obscuras potências extraterrestres (mas também robôs, ou mutantes) dotados de capacidades tecnológicas excepcionais poderão roubar o homem, escravizá-lo, substituí-lo; a tecnologia poderá finalmente expropriar o homem até a função reprodutiva, isto é, do baluarte extremo e mais íntimo da civilização humana contra a mecanização:

"A perseguição potencial dos objetos tecnológicos pode ser explicada por eles serem, na imaginação, o resultado da cisão do corpo inteiro de parte do próprio corpo. Em princípio, essa fantasia também pode ser vivida com euforia em relação ao desejo de amplificar as capacidades do próprio corpo; entretanto, no momento em que se introduz a suspeita de que os objetos tecnológicos podem escapar do controle, estes podem sofrer a reverberação das conotações afetivas próprias dos objetos persecutórios da experiência psicopatológica. Assim, os meios de locomoção podem ser vistos como ameaçadoras pernas sem corpo, o rádio e a televisão como órgãos dos sentidos inquisidores e invasores; ouvidos e olhos cortados do organismo e colocados do lado de fora. Eles podem, então, parecer indecifráveis e persecutórios: objetos angustiastes, bizarros, como aqueles que povoam o pensamento pré-lógico do recém-nascido ou as experiências quase psicóticas do adulto."

Prosegue Zanarini: "Uma fonte específica de temores e angústias no primeiro contato com o computador pessoal está ligada ao fato de que esse objeto parcial é um cérebro eletrônico e, portanto, coloca fora do corpo uma parte privilegiada que, além disso, tem função de controle central de todo o organismo: uma parte que constitui uma referência inalienável para a própria identidade. É a perda de identidade, portanto, o perigo que mora na fantasia dos indivíduos e que provém desse cérebro externado, capaz de desenvolver não só cálculos, mas também deduções e raciocínios. A percepção desse perigo ainda é reforçada pelo entrelaçamento com proibições seculares de conhecer, de investigar a mente, considerada a sede mais profunda e inviolável da intimidade do homem."

Problemas ligados à interface homem-máquina e ao conteúdo de trabalho específico, problemas ligados à organização do trabalho e, enfim, problemas que estão ligados às valências mais propriamente subjetivas e que podem conduzir até a esfera psicopatológica -- tudo isso pode permitir compreender facilmente como é perturbada a relação do homem com as novas tecnologias e como disto resultam efeitos relevantes na vertente dos mecanismos de defesa que entram em jogo e dos níveis de adaptação, ou de não adaptação, alcançados.

Os mecanismos de defesa mais acionados, levantados pela nossa pesquisa, são a *negação* e a *evitação*. "Só os melhores de nós conseguem"; só os melhores de acordo com os parâmetros da empresa, obviamente, podem continuar trabalhando. Para os outros, para todos os outros, ocorre a expulsão, muitas vezes a *auto-expulsão*, quando é o trabalhador que entende que não vai agüentar e se demite. Nesses casos, então, não há adaptação, mas evitação.

Nos outros casos, quando os trabalhadores resistem, às vezes depois de um período de vida cheio de sofrimento, de crises, de estafa, intervêm poderosos mecanismos de negação. Negação e evitação são assinalados por Gualandri e Schweizer (E. Gualandri, C. Schweizer, "La risposta al cambiamento", em *Psicoterapia e scienze umane*, n.º 2, 1984).

"O confronto com a mudança mobiliza nos participantes do grupo um fantasma de morte (demissões, pré-aposentadoria, desemprego). Contra o *emergir* desse fantasma o grupo defende-se com uma evitação e uma negação." Proseguindo, "mecanismos defensivos, como negação e evitação, também limitam a função perceptiva do grupo em relação a informações que dizem respeito à mudança. Apesar de existirem informações oficiais e oficiais, prevalece a sensação de não tê-las, na medida em que são distorcidas, negadas ou eliminadas. (...) Nesse grupo a mudança provocou intensas ansiedades arcaicas, contra as quais são utilizadas defesas primitivas que impedem uma percepção correta das respostas internas (medos e desejos) e limitam o exame da realidade externa".

Voltando à questão de como ocorrem, e se ocorrem, os processos de adaptação, emerge claramente o elevado custo do processo, a realização quase sempre parcial, de modo que, ao invés de adaptação, parece mais correto falar em *pseudo-adaptação*; o horizonte ao mesmo tempo depressivo e persecutório em que normalmente se inserem esses processos.

Os mecanismos de defesa arcaicos são mobilizados exatamente para proteger desse horizonte depressivo e persecutório.

O SINDICATO, A VIDA EM GRUPO

Na nossa pesquisa, o problema do sindicato é visto de diversos ângulos. Vejamos alguns:

“Estou aqui porque vejo o sindicato num momento de grande necessidade”

“Não existe mais um discurso coletivo, cada um vive sozinho ... é pior!”

“O que é que o sindicato tem a ver com tudo isso? Ele ainda tem que existir?”

“Não podemos ter nem relações de amizade, os nossos problemas são de defesa da individualidade.”

“Acho que esse grupo é o nível máximo da socialização sindical possível na nossa empresa.”

“O patrão não nos ensina a usar as novas tecnologias porque quer que a gente fique ignorante: o sindicato deveria fazer isso, organizando cursos para os trabalhadores.”

“A gente se sente só. Não existe mais a nossa organização.”
É uma situação, portanto, de dificuldade, de crítica, às vezes acompanhada de uma sensação de perda: em todo caso, todos os participantes de nossos grupos concordam em afirmar que o sindicato está em crise. Os instrumentos tradicionais de autodefesa dos trabalhadores são colocados radicalmente em discussão e também são sentidos como ineficazes. Nos grupos, muitos acusam o sindicato de se preocupar demais com os problemas gerais e muito pouco com os problemas da fábrica.

Uma hipótese que já mencionei é a de haver uma relação direta entre perda do significado do trabalho e isolamento, por um lado, e identificação com o sindicato, por outro. Quanto menor fica um membro da proposição, menor fica o outro, o que nos leva a pensar que os dois termos sejam diretamente proporcionais.

Se considerarmos o sindicato um grupo e analisarmos o que acontece no grupo de pesquisa interessantes. Como observam Gualandri e colaboradores, “No grupo de pesquisa, o objeto está fora do próprio grupo, é a realidade de trabalho de cada participante (no caso dos nossos grupos de pesquisa, as opiniões dos trabalhadores sobre a informática). A discussão, portanto, não dirá respeito aos problemas pessoais ou às relações entre os participantes do trabalho. O grupo é definido em função da pesquisa; todavia, as modalidades de relação que são determinadas durante os encontros e que se referem aos condutores ou aos participantes entre si são consideradas dados de observação significativos, não por si mesmos, mas em relação à pesquisa, ou seja, eles mesmos como objetos de pesquisa. O grupo não é só uma condição que permite a pesquisa, ele faz parte do campo de pesquisa, como expressão da situação que está sendo estudada. (...) Devemos chamar a atenção particularmente para a tendência a transferir para o grupo as modalidades de relacionamento relativas às relações dominantes dentro do contexto de trabalho. Isso manifestou-se nas relações de transferências para os condutores, nas transferências laterais e na transferência para o objeto da pesquisa”.

As principais manifestações de transferência encontradas por Gualandri para os coordenadores dizem respeito à idealização, à dependência e à perseguição, por outro:

“Enquanto os coordenadores são formalmente agredidos por serem considerados como professores num sentido depreciativo (defesa do desejo de dependência), depois manifesta-se em relação a eles a expectativa de que sejam realmente os professores que conhecem a realidade na qual os trabalhadores se encontram, pois estes não a conhecem, e que podem transmitir esse conhecimento. Informações nesse sentido são pedidas. (...) A insegurança em seus instrumentos de análise leva-os a ter, ainda que de maneira ambivalente, confiança na onipotência do técnico, o que é uma atitude extremamente passiva. Pedem aos condutores que lhes expliquem até quais são os distúrbios psicológicos dos quais sofrem. (...) Manifestaram-se vivências de tipo persecutório em relação aos condutores do próprio curso e das estruturas sindicais que o promoveram. Sentir-se observado como uma cobra. Os resultados da pesquisa não serão utilizados a seu favor. Poderão ser utilizados pelos condutores para objetivos pessoais (prestígio, carreira, dinheiro, etc.); Desconfiança em relação aos condutores. Como é que eles se definem politicamente? Eles poderiam até passar os resultados da pesquisa aos patrões.

Vemos, então, que são feitas transferências para o grupo.

“A fragmentação da socialização, com o empobrecimento das relações interpessoais entre colegas até o anulamento de toda e qualquer relação, manifesta-se no grupo como carência de comunicação e dificuldade de verbalização. Todos tendem a falar como num monólogo, mostrando resistên-

cia ao diálogo. Quando isso ocorre, não é para uma troca, mas para um simples confronto: 'Eu também' ou, então, 'Eu não?' (Gualandri e col. *op. cit.*) E finalmente, são assinaladas transferências para o objeto da pesquisa.

'A emergência de tentativa de aproximação libidinal da máquina, a consideração da máquina como um objeto levantarão imediatamente temores de loucura ou de total submissão e anulamento.

"O computador é um objeto poderoso demais, que devido a seu poder e seu fascínio pode influenciar e condicionar o pensamento, as emoções e a própria lógica pessoal. A perseguição permanecia também como modalidade defensiva relativamente a esses temores suscitados pela intervenção libidinal. O computador representa um mito, ao invés de um objeto concreto, suscitando, portanto, fantasias primitivas de tipo paranoico, de onipotência e de idealização. A abordagem cognoscitiva aos problemas suscitados pela máquina, tanto por quem está envolvido com ela no trabalho quanto pelos outros, comporta uma inibição afetiva individual e de grupo. Importante saber que há uma tendência a retirar-se da experiência de socialização, com o relativo afastamento e isolamento do grupo. Como consequência desse movimento, houve uma diminuição da interação, entre os participantes do grupo comparável a um processo de coação do ego" (Gualandri e cols. *op. cit.*)

As observações de Gualandri são plenamente confirmadas pela nossa pesquisa.

Todavia, ainda não terminamos a elaboração desses aspectos, de maneira que tomo a liberdade de me apoiar totalmente nas considerações desses autores.

Do estudo das dinâmicas de grupo obtemos a confirmação das numerosas observações já feitas nos parágrafos anteriores, além da definição precisa de algumas dificuldades específicas que podem coagir não só o grupo de pesquisas mas a vida de cada grupo em geral do qual esses trabalhadores participam.

A dependência e a delegação, a perseguição, a idealização são elementos psicológicos que se manifestam junto ao empobrecimento das relações interpessoais, à carência de comunicação, à fragmentação da socialização.

Todas as atividades de grupo estão envolvidas, de modo que a vida sindical também é amplamente atingida por esses eventos. "Não existe mais um discurso coletivo, cada um vive sozinho... e é pior", diz um trabalhador, e outro continua: "não podemos ter nem relações de amizade, nossos problemas são de defesa da individualidade"; outro participante dos nossos grupos exprime a fantasia/desejo de fazer grupos análogos para falar dos problemas do sindicato.

As dinâmicas de grupo não podem, obviamente, explicar as dificuldades "objetivas" do sindicato -- não é esse o problema --, mas podem permitir avaliar o grau de dificuldade que cada trabalhador encontra na passagem de uma posição individual para outra coletiva, contribuindo, assim, para esclarecer algumas dificuldades do/no trabalho sindical.

Aliás, retornando à organização do trabalho informatizado e avaliando esse nível a vida em grupo, já vimos antes a importância do isolamento, do rompimento do grupo homogêneo, de passagem para uma situação que Gualandri, retomando Rice e Turquet, define de grupo ampliado.

"Se, ao invés de privilegiar o estudo da relação de cada trabalhador com o computador, à procura de uma compreensão de suas manifestações, consideramos o computador uma interface para a relação com todos os outros trabalhadores que participam de todo o sistema EDP, passaremos, então, de uma dimensão individual para outra coletiva. Eu proponho que se estude a relação de cada indivíduo com todos os outros, considerados constituintes de um grupo, um grupo ampliado, e que se analisem as dinâmicas nessa ótica. Isso porque o grupo em questão tem todas as conotações para poder ser definido como grupo ampliado, pelo elevado número de componentes e, sobretudo, pela prevenção ao contato visual, pelas reduções possíveis de comunicação e pela impossibilidade de qualquer interação pessoal."

Assim como Bion estudou de maneira exemplar os processos nos pequenos grupos (ver, por exemplo, o último trabalho *Esperienze nei gruppi*), Rice e Turquet aprofundaram as dinâmicas dos grandes grupos. É este o resumo de Gualandri: "Esses estudos evidenciaram algumas constantes na experiência dos membros dentro da composição do grande grupo. Uma das mais significativas é a sensação individual de perda total de identidade acompanhada de uma dramática redução da capacidade de avaliar realisticamente as consequências do próprio comportamento. De fato, a descontinuidade da comunicação e a impossibilidade de falar com quem quer que seja impedem todo diálogo. Paralelamente, as tentativas de constituir pequenos subgrupos para facilitar a comunicação, numa dimensão mais familiar, não dão certo. É assim, devido ao impedimento de todo tipo de relação pessoal, que ficam faltando as respostas sociais normais às comunicações verbais de cada componente".

Pode-se ter, nesse caso, uma tendência a retirar-se dessa socialização, a voltar ao próprio passado. "Esse retorno e essa volta, realizados na tentativa de controlar a ansiedade que deriva da perda do sentido de identidade, comportam um afastamento de grande grupo com vivências de isolamento e impotência. (...) Em todo caso, uma grave perda de identidade é o aspecto mais significativo da experiência individual de cada membro do grande grupo, além do medo da agressividade e da perda do controle a todo momento. Manifestam-se também as tentativas de homogeneização, através da tradução em verdades incontestáveis, de banais generalizações ideológicas. Os processos que se apresentam nos grandes grupos podem até controlá-los rigidamente com a burocratização, a ritualização, os objetivos, etc." A perda dos relacionamentos, o isolamento, a impossibilidade de entrar em relações pessoais com os outros levam o indivíduo a comunicar-se com todo o grupo, que é um grupo alargado, exatamente porque as pessoas que o compõem não podem ser vistas, não se pode falar com elas, não se pode conhecê-las, com pouquíssimas exceções. Quando se conversa, deve-se ficar restrito aos con-

teídos de trabalho, e fazê-lo com a linguagem da máquina: "Todo o sistema operacional ao qual o trabalhador se refere é abstrato, assim como são abstratas as poucas pessoas com as quais ele se comunica. Nessa situação, o indivíduo vive exposto, teme ser anulado por essa máquina organizadora poderosa e eficiente que, exatamente por não ser conhecida, é vivida como onipotente. Paralelamente ao medo de anulamento, manifesta-se a tentativa de procurar segurança no fato de pertencer a uma organização tão sofisticada e tecnicamente avançada. Aquele mecanismo que na análise dos grupos ampliados foi assinalado como desejo de um líder onipotente no qual confiar para ter garantias e segurança apresenta-se aqui como delegação à máquina ou a todo o sistema". (Gualandri e cols., *op. cit.*).

O resultado disso, como já vimos, é o rompimento do grupo homogêneo, que era um pequeno grupo dentro do grupo ampliado. E a impossibilidade de conhecer o ponto de vista, a vivência dos companheiros de trabalho e a dificuldade em ter uma resposta das próprias capacidades e dos próprios limites. O ponto de referência central passa a ser a própria individualidade. E assim essas vivências aparecem nas verbalizações dos participantes da pesquisa; ao mesmo tempo a vida do grupo de pesquisa reflete e reproduz as dificuldades de um pequeno grupo que não consegue constituir-se dentro de um grupo ampliado. Podemos levantar a hipótese de que na participação do trabalhador na vida sindical acontece algo análogo. Se homologarmos a organização sindical em geral a um grupo ampliado e se lembrarmos a impotência que teve o grupo homogêneo na história sindical recente, poderemos medir a enorme importância que representa a perda do mesmo grupo homogêneo.

O trabalhador perde, ou corre o risco de perder em concretude, corre o risco de encontrar-se perdido no grupo ampliado, na grande máquina organizacional representada pelo sindicato em geral. Durante algum tempo, o medo do anulamento pode ser balanceado pela segurança de pertencer a uma organização grande e forte. Mas quando a força da organização declina ou quando o confronto entre a empresa e o sindicato deixa de ser favorável a este último, o trabalhador pode ver-se perdido. Não existe mais a força do grupo homogêneo para representá-lo e defendê-lo; existe, ao contrário, a concretude da empresa que o premia ou o pune de acordo com sua adequação ou não às conveniências da mesma. O grupo ampliado representado pela organização sindical pode, então, tornar-se distante, ineficaz e às vezes até hostil, e o grupo ampliado representado pela empresa pode tornar-se mais próximo, mais eficaz, ameaçador mas ao mesmo tempo protetor.

Eis que o sindicato é acusado de ocupar-se demais dos problemas gerais e muito pouco das questões da fábrica. "Ele salvaguardou mais as lógicas políticas do que os interesses dos trabalhadores", diz um participante dos grupos de pesquisa, enquanto outro afirma "está mudando tudo; eu só espero que as novas tecnologias também mudem o sindicato". "...cometeu o erro de agir com a mesma lógica dos patrões", é a opinião de outro.

Trata-se, como podemos ver, de posições muito nítidas, às vezes duras, que podem desagradar. Pode surgir imediatamente a tentação de censurá-las, de considerá-las erradas, provocações; eu acredito que é preciso fazer o esforço de não fechar os olhos, de encarar o problema com serenidade ou de procurar, dessa maneira, se voltar a posições mais construtivas. Como é possível a organização dos trabalhadores se tornar hostil, ser vivida como inimiga? "Não há mais memória histórica", diz um trabalhador. Como fazer para trazê-la de volta?

No grupo da IBM alguém fez uma observação jocosa que considero iluminadora: "Hoje o máximo de trabalho que podemos fazer é esse grupo". O que isso quer dizer?

Quando estamos isolados, numa situação de regressão, a primeira operação a ser feita é juntar-se novamente. Mas isso não ocorre espontaneamente, exatamente por estarmos isolados, assim como as crianças não se juntam espontaneamente se não houver um ambiente físico que as reúna. Para romper o isolamento, é necessária uma vontade, uma subjetividade que intervenem. Por isso acho que abrem-se para o sindicato grandes espaços, e não podem, desde que se entre na lógica segundo a qual tudo o que acontece não é inevitável, desde que se compreenda que pode-se reunir novamente as pessoas, recomençar a discutir e que desses níveis de agregação é possível obter propostas sobre o que fazer.

EFETOS SOBRE A SOCIEDADE. O QUE FAZER

Em sua famosa comunicação (1978), Simon Nora e Alain Minc enfatizam o fato de a informatização da sociedade incidir de maneira decisiva nos maiores instrumentos culturais e, portanto, na linguagem e no saber. A informática é comparada ao descobrimento e ao uso da escrita pelos sumérios, e os autores mostram que ainda não foi totalmente apreendida a importância das transformações que foram ou que estão sendo operadas.

"A difusão cada vez maior da informática e a banalização do vocabulário de comunicação com a máquina terão efeitos na linguagem e na sintaxe. A telemática, destinada a invadir as atividades fundamentadas na comunicação (trabalho de escritório, redação de atos jurídicos, composição de textos, etc.), recorre a uma linguagem que, aparentemente, é uma língua de relacionamento mas na realidade tem uma natureza diferente por ser modular. Num primeiro momento, essa informatização dos trabalhos de redação atingirá textos pobres de significado, não representando, portanto, uma mudança importante em relação a um modo de escrever já repetitivo e mecânico. Mas e depois? Onde irá parar a comunicação informatizada quando as próprias famílias começarem a possuir computadores em casa? A pergunta poderia parecer gratuita se não houvesse o antecedente das calculadoras de bolso. Hoje não podemos mais nos perguntar se o cálculo mental será reduzido, mas quando desaparecerá por completo" (S. Nora, A. Minc, citados por Gualandri)

Continuando, "o modelo cultural de uma sociedade também se baseia em sua memória. A posse ou não dessa memória condicional largamente a hierarquia dos poderes. O acesso a fontes de informação infinitamente mais ricas, portanto, trará mudanças substanciais e atingirá a estruturação social modificando as modalidades de apropriação do saber. (...) A criação de bancos de dados será a origem de uma rápida reestruturação dos conhecimen-

tos de acordo com linhas hoje difíceis de definir. (...) Tudo indica que isso acontecerá nos Estados Unidos, de modo que os critérios que prevalecerão serão deduzidos do modelo cultural americano. A informática, então, corre o risco de ser a origem de uma daquelas soluções de continuidade que assinalam uma reviravolta no caminho do saber".

"A informática também está destinada a transformar uma cultura individual baseada principalmente na acumulação de noções. A diferença não é o futuro, não será feita tanto em base à quantidade de conhecimentos acumulados quanto em base à capacidade de procurar e utilizar os próprios conhecimentos. Os conceitos prevalecerão sobre os fatos, e a intenção, sobre a reação de cor. Aceitar conscientemente essa transformação seria, para a pedagogia, uma revolução copernicana" (S. Nora, A. Minc.).

Outro autor, Stefano Rodotà (S. Rodotà, "La categoria governo", *Laboratorio politico*, Einaudi, n.º 1, 1981), ocupando-se da questão do governo e procurando colher as possíveis consequências da revolução da informática, escreve: "Existe uma tensão cada vez mais evidente e marcada entre a propensão a redesenhar um fortalecimento do executivo e as exigências e experiências de governo e de controle difundido. Isso manifesta-se num ambiente marcado profundamente por uma massa de inovações tecnológicas que, colocadas primeiro unicamente na dimensão da eficiência e da gestão técnica, já aparecem para todos como um instrumento capaz de modificar profundamente a qualidade da ação governamental ou as próprias características dos sistemas políticos -- não é por acaso que foram cunhadas expressões do tipo 'democracia eletrônica' ou 'ágora informacional', que gostariam de indicar um pólo capaz de neutralizar o poder do Grande Irmão ou dissipar os pesadelos do Mundo Novo".

"No conjunto das tecnologias informáticas, telemáticas, da comunicação e da imagem, da projeção a distância, na verdade não é inevitável ver apenas uma massa de instrumentos de controle que tornam-se irresistíveis a invasão geral, no governo da república e da fábrica, de formas de domínio total, que dissolverão de maneira autoritária as tensões atuais. Essas tecnologias não têm validade. Pelo contrário, a verdadeira razão do conflito atual reside no fato de nos encontrarmos frente a uma tecnologia bifronte, pelo menos em relação às suas potencialidades. É claro que o computador eletrônico pode ser um instrumento que permite concentrações desmedidas de informações disponíveis para um único centro de poder, mas também pode ser um meio que possibilita a difusão de informações antes destinadas a ficar nas mãos de poucos. A telemática pode representar o meio através do qual se procede o apagamento de todos os atuais mediadores sociais (partidos, sindicatos, jornais) e se reforçam as tendências já presentes para uma democracia plebiscitária, mas também pode oferecer a ocasião de passar do governo 'aberto' (onde a difusão da informação serve apenas para possibilitar um julgamento e um controle externos) para o governo 'difundido' (onde a difusão da informação é o recurso que serve para redistribuir o poder)."

Essa ambivalência das novas tecnologias informáticas também se manifesta nos participantes dos grupos.

“A informática não é transformada num demônio”, diz um trabalhador, “porque é indispensável. É indispensável ser informado, sem informação não existe liberdade. A informática em si não fecha nenhum caminho. Hoje devemos lutar por um direito à informação.”

“Quem não se robotizar será cortado”, diz outro. E outro ainda: “Para poder trabalhar com as novas tecnologias seria necessária uma mentalidade adequada: um robô é o único que pode ter essa mentalidade para tolerá-las, para um homem isso é impossível”. As esperanças e as preocupações são em grande parte “externas”; é difícil entrar na profundidade da mudança. Ginevra Bompiani, comentando o livro de Sherry Turkle, *The second self (Computer and the Human Spirit)*, Simon and Schuster, 1984), escreve com muita lucidez:

“Se o computador é realmente o cão do futuro, que nos permitirá fugir ao mesmo tempo da insupportável solidão e da temível intimidade, é hora de perguntar-se em que espécie de *alter ego* estamos começando a nos refletir. É claro que o computador está no pólo oposto da animalidade que convivia o espírito humano a voltar-se para uma parte de si mesmo, a brincar com ela, a não ter vergonha das próprias necessidades naturais e a topar sem ansiedade com a irreduzibilidade daquela metonímia de si que é o animal doméstico.”

“Mas dizer qual parte de nós não é um computador é mais fácil do que dizer qual parte o é. A mente, que se contrapõe às emoções e aos sentimentos? A razão, que se confronta com o irracional? O que é simulável, contra aquilo que não pode ser simulado? O linguístico contra o inefável? Se assim fosse, o computador nos confrontaria com a parte mais alta de nós mesmos, conduzindo-nos, em nosso diálogo com ele, mais ao papel do cão do que ao do dono. Pois é, nesse novo confronto nós somos o animal, e é o computador que joga conosco.”

“Por isso um estudante do MIT pode dizer tranquilamente que os homens são legais. Fico feliz por ser um deles. Em geral gosto deles, mas não passam de humanos. O computador faz com que nós, os animais racionais, sejamos apenas humanos, uma categoria imperfeita não em relação aos animais e aos heróis, mas ao nosso produto sofisticado, a linguagem.”

“Somos inadequados para um uso da linguagem que não seja controlado pela paixão, pelo caráter, pelo humor, pelo sono. É incrível como esse uso coincide apenas parcialmente com uma prática científica, servindo mais largamente para brincar. O computador ensina-nos a brincar com nossa razão. E, embora se coloque numa posição de superioridade com relação ao homem, ainda assim nos mostra (assim como o cão nos mostrava os limites de nossa animalidade) os limites da razão: sua sutil estupidéz, a falta de hierarquias, a indifferenciação do plano linguístico daquele real e, apesar de já existir uma coisa chamada arte em computador, sua irreduzibilidade à arte.”

“Essa nova posição de cão do computador (que em breve estará providenciando nossas necessidades naturais com a mesma falta de pudor) traz implícitas duas idéias diferentes: a primeira é a que faz do computador um ser tão temível e imprevisível quanto o dono para o cão; a segunda, ao contrário, é a que faz das emoções, da irracionalidade e do inefável os valores máximos do homem, contrapostos aos pesadelos da razão (que geram monstros). Ambas as idéias têm uma história antiga, tão antiga quanto a ascendência dos computadores. Desde o início da história do homem artificial, essa criatura tem sido acompanhada por dois mitos: o mito da rebelião e o mito da sensibilidade (do mesmo modo, nos contos de fada os homens e os animais sempre fazem a única coisa que não podem fazer juntos: falar).” (Bompiani, “Il computer e il suo cane”, *Fine secolo* abril de 1985) Continuando, “todo o nosso relacionamento com o computador se dá através da escrita. Nisto também é simetricamente oposto ao relacionamento com o cachorro, que é totalmente oral. É um relacionamento silencioso fundamentado não na culpa (que nos distingue do cachorro), mas no erro. (...) A humanização do cachorro e do computador restringem o homem a uma essência obscura. E que fim leva o homem, reduzido a um nó de culpa, erro e paixão?”

“Quando o cão e o computador vivem desapossado o homem da animalidade e da razão, da voz e da escrita, dos institutos e das decisões, será que esse nó obscuro em que está entrincheirado o propriamente e irreduzivelmente humano (cuja faculdade remanescente é a de errar) não se tornará algo semelhante ao núcleo do átomo, um poderoso explosivo?”

Se, por um lado, Nora e Minc nos mantêm alertas e Rodotá quer nos dar esperanças, Bompiani, ao contrário, leva-nos a uma reflexão preocupada sobre a alienação que vai se ampliando até fazer do homem um grânulo explosivo, aquele nó de culpa, erro e paixão mencionado com uma angústia evidente. Existe um ponto de contato evidente e imediato entre aquilo que vimos nascer e desenvolver-se nos locais de trabalho, oficinas, escritórios, departamentos técnicos, etc., e aquilo que estaria se afirmando em toda a sociedade.

A trilogia *homem/cão/computador* pretende exatamente mostrar essa “domesticação” da informática, sua transformação num momento de exercício (lembram Zanarini?) e, portanto, numa prótese (vocês lembram de nosso discurso sobre as próteses?) e, ainda, num substituto da razão.

Mark, o estudante do MIT entrevistado por Turkle, começa a brincar com peças de montar na mais tenra idade, até juntar dez mil peças combinando estruturas complexas. Já crescido, participa de um torneio de “torre do castelo” e passa muitas horas da semana preparando o encontro de domingo da sua torre. “Pelo menos cinco horas de preparação para cada hora de jogo. E às vezes ficamos jogando durante cinco horas. É uma responsabilidade. Levo isso muito a sério. É uma das coisas mais criativas que eu faço.” Mark está convencido de que o cérebro é um computador: “Você precisa parar de falar de sua mente como se ela pensasse. Ela não pensa, simplesmente age”; isso porque “nenhuma parte do cérebro funciona de maneira



que não possa ser emulada numa lógica digital ou análoga." Sua noção de consciência é a de um observador passivo: "a vala e os observadores constituem o processador central do cérebro. A consciência do cérebro é só um reflexo do que se encontra na vala em dado momento. Os processadores e os observadores correspondem aos neurônios do cérebro. Se um pesquisador à margem do cérebro pudesse colher uma amostra de neurônios e decodificar qual a impressão ativa em dado momento, esse pesquisador poderia ver o que o cérebro está pensando. Esse computador personificaria a função da consciência". A consciência é um observador indefeso do pensamento, um espectador impotente que recebe os sinais mais fortes filtrados até ele. Na prática não existe o Eu. "Você acha que está tomando uma decisão, mas será que é você mesmo? Por exemplo, quando você tem uma ideia criativa, o que acontece? De repente você pensa em alguma coisa, certo? Errado. Você não pensou naquilo. Aquilo é que foi simplesmente filtrado. O processador não pensou ali sentado observando essa cacofonia dos outros processadores que se amontoam no ônibus e seleciona aquilo que lhe parece mais importante, uma coisa de cada vez. Uma ideia criativa significa apenas uma dos processadores estabeleceu um vínculo entre duas coisas não associadas porque pensou que fossem interligadas." Para Mark, "os processadores são como pequenos computadores e cada um deles conhece apenas um pensamento; todos os processadores são observadores ao longo de uma vala; a vala é como um ônibus. Junto aos seus observadores, forma um sistema de computador com processamento múltiplo" (citações de Sherry Turkle, *Lio non c'è. Ci sono loro, i processori. Fine secolo*, abril de 1985).

É evidente a visão de mundo mecanicista de Mark, sua redução da psicologia à engenharia, da inteligência à mecânica. É uma visão de mundo muito ingênua, de um garoto que conheceu o mundo através da televisão, que dirigiu sua afetividade mais para as máquinas do que para os outros seres humanos, que não acredita no livre arbítrio.

Mark, vocês dirão, não representa todos os jovens de hoje. No entanto, há algo nele que é familiar, algo que está se difundindo e que pode ser resumido no conceito de *robotização da mente*. Alguém disse "quem não se robotizar será cortado".

A solução da opressão do trabalho fora do local de trabalho, portanto, é muito problemática. As atividades relaxantes de que falam os participantes da pesquisa, os valores alternativos, não parecem suficientes para inverter o processo, para libertar o homem da subordinação ao procedimento controlado da informatização. Ainda carecemos de um conhecimento crítico das possibilidades e dos limites da informática: prevalece uma utilização com características de passividade; como observa De Grada, "desse modo será o computador que fará exigências e perguntas ao usuário, pelo menos ao usuário médio, e não este ao computador em função das próprias exigências e necessidades. Se lembrarmos que o computador e a informática-- uma vez que entram, com papel de destaque, no ciclo complexo da transmissão e do processamento da informação-- são uma tecnologia de caráter altamente

penetrante, ou seja, que tende a influenciar setores muito diferentes da atividade humana, será ainda mais evidente a necessidade de uma relação ativa, não subordinada, do homem com essa tecnologia. (...) Aliás, é exatamente com base nisso que vem aumentando a exigência da chamada 'nova alfabetização' ou 'alfabetização no computador' (a *computer literacy* dos anglo-saxões), que deve ser entendida, a meu ver, mais no sentido da aquisição da consciência mencionada acima do que no sentido, mais limitado e específico, de uma familiarização com as linguagens simbólicas formalizadas usadas na programação e com os respectivos procedimentos". (E. De Grada, "Innovazione informatica e cambiamento psicologico: problemi e implicazioni", em *Tecnologia domani*, Laterza, 1985)

Não é com a difusão dos computadores nos bancos escolares, portanto, como muitos acreditam, que se resolverá o problema de uma alfabetização crítica, mas sim com uma melhora e um aprofundamento da preparação geral.

Como sustenta Weizenbaum numa entrevista recente para Claudio Pozzoli, devemos nos perguntar se "a escola estará realmente ensinando os jovens a expressar-se com precisão na própria língua oralmente e por escrito. Será que consegue ensinar-lhes literatura, matemática, geografia e dar-lhes os instrumentos para entender a sociedade em que vivem? Uma vez satisfeitos apropriadamente essas prioridades, e se ainda restarem energia, dinheiro, professores, tempo, então poderá até ser introduzido o computador e ensinada uma linguagem para fazê-lo funcionar, assim como podem ser dadas aulas sobre o jogo de xadrez. (...) Os computadores só são úteis naquelas escolas que mesmo sem computador seriam boas escolas".

Referindo-se às linguagens, diz Weizenbaum: "não existe um verdadeiro especialista em informática no mundo que não concorde comigo quando digo que o *basic* é intelectualmente uma catástrofe. Ele provoca, por assim dizer, uma intoxicação do cérebro. Os estudantes que entram na universidade para estudar informática, se já conhecem o *basic*, encontram notáveis dificuldades. (...) Em primeiro lugar, eu não introduziria o computador antes dos 14 anos, em segundo, eu adotaria o Pascal, ou o Logo, pois pelo menos com essas linguagens não se aprendem coisas completamente erradas. Como disse um filósofo americano, o que nos prejudica não é o que não sabemos, mas que sabemos de maneira errada".

O ideal, portanto, é formar o homem para que ele depois use as máquinas-- e não adequar o homem às máquinas-- e ter um uso crítico das próprias máquinas. "Numa sociedade dirigida por loucos, um instrumento tão poderoso como o computador é perigoso (...), além disso, há outro perigo: a mentalidade de quem se esconde atrás do computador, de quem evita assumir as próprias responsabilidades, jogando-as para as possibilidades, a incapacidade ou os erros da máquina (...), e, finalmente, também existe o perigo de explodir uma guerra por engano, por erro do computador" (Weizenbaum). Isso porque o computador dá poder ao homem, mas existem perigos importantes. "No início", diz Weizenbaum, "eu me sentia atraído pe-

lo poder que essa máquina dá ao homem. Mas, depois de ter desenvolvido um programa de diálogo entre o homem e a máquina que simulava o diálogo entre um paciente e sua psicanalista, encontrei muitas pessoas dispostas a teorizar seriamente a possibilidade de uma psicoterapia automática. Então entendi que existe algo de perverso nessas expectativas do homem. Eu estava apenas experimentando algumas possibilidades da chamada 'inteligência artificial', e o meu programa não passava de um modelo de diálogo, uma imitação, uma caricatura do relacionamento entre paciente e psicoterapeuta. Como pude ser mal interpretado? Fiquei muito assistido com aquilo, e comecei a refletir de maneira sistemática sobre o nosso trabalho de especialistas em informática. O resultado foi meu primeiro livro, de 1977, intitulado *Il potere dei computer e l'impotenza della ragione*. Essa opinião de Weizenbaum também emerge em nossos grupos, frente ao problema mais difícil, sobre o que fazer, vários trabalhadores sustentam o caminho da informática, da cultura, do domínio da razão sobre a máquina, e não da máquina sobre a razão. Um deles observa: "A única maneira de não ter medo das novas tecnologias é ter uma cultura". E outro completa: "É impossível isolar uma pessoa inteligente".

Procura-se uma solução que consiga aprofundar as duas questões principais, que já encontrávamos no local de trabalho e novamente encontramos na escola e na sociedade em geral: a perda de significado e o isolamento.

Segundo De Grada, ainda com referência à escola, "o computador deveria ter introduzido na escola aquela solicitação, adequadamente sustentada por professores competentes e, sobretudo, especificamente motivados, no sentido de conhecer através do fazer, segundo a proposta de Papert: fazer programas para resolver problemas, colocando o próprio relacionamento com a máquina como problema a ser resolvido. Desse modo a atenção não seria concentrada nas noções específicas que podem ser ensinadas, nem nas operações específicas que assim podem ser ensinadas (embora esses aspectos também tenham importância): o que aparece como psicologicamente relevante é o trabalho inespecífico com o computador e no computador, utilizando, com o objetivo concreto de solucionar problemas, linguagens até muito formalizadas, aprendendo a mexer-se com finalidades práticas inclusive entre símbolos não verbais, assimilando o hábito da humildade frente ao dado e da verificação do que vai sendo pensado e feito. Pensar que isso possa coibir a fantasia dos jovens parece-nos um tanto quanto arbitrário". (De Grada, *op. cit.*)

Trata-se de recuperar o significado através da solução de problemas por meio do computador.

De Grada prossegue: "Tem maior consistência, talvez, a preocupação de que o relacionamento com o computador possa tornar-se tão absorvente e penetrante a ponto de agravar notavelmente tendências preexistentes ao isolamento social e ao fechamento sobre si mesmo: embora trate-se de casos especiais e ligados, pelo menos nas formas extremas, a uma predisposição específica, é indubitável que as características do computador usado inteira-

tivamente são tais que favorecem relações desse tipo. Isso porque, dentre todas as máquinas, o computador é a que se presta melhor a ser personalidade (...); ultrapassando uma atribuição meramente metafórica e de projeção de qualidades humanas a uma máquina (atribuição essa que sempre existiu), dizer que o computador 'pensa', 'conhece', 'compreende' e simulares tem, como sabemos, uma certa base de verdade. Por isso o computador pode vir a ser um interlocutor personalizado, um companheiro de jogos ou de trabalho que é mais fácil de prever e, portanto, que causa menos ansiedade e é mais fácil de tratar do que um companheiro real."

"Em todo caso, deve-se considerar o fato de que relações desse tipo têm necessariamente um componente ativo que as distingue daquelas de dependência passiva descritas, por exemplo, pela televisão e os videogames programados: é por isso que a relação interativa com o computador adequadamente programado pode ser, e é, utilizada como instrumento de autoconsciência e de tratamento psicológico propriamente dito."

É uma solução que não se conforma com o existente, que não leva à chamada adaptação, seja na fábrica, na escola ou na sociedade, mas que enfrenta dialeticamente o problema.

Se é o homem que constrói as máquinas, inclusive os computadores mais sofisticados, é o homem que pode governá-las e obrigá-las a atender as suas necessidades. Infelizmente isso não é fácil. A potência da ciência e da técnica incorporada na máquina ergue-se diante do homem e parece esmagá-lo, parece deixá-lo sem saída. A onipotência da máquina leva à onipotência do homem.

A máquina como novo diabo contrapõe-se ao homem como novo peador e vítima.

Weizenbaum, em seu pessimismo lúcido, evoca fantasmas de guerra e de morte como possível saída para o erro do computador.

De Grada acredita que seja possível manter o fio da razão, não perder o controle e submeter a técnica às vontades do homem.

Devemos manter a esperança de que o ser humano nunca perca a capacidade de desligar o aparelho, quando for o caso, mas acho que também devemos admitir que hoje a análise de Weizenbaum é mais realista, infelizmente. O que fazer para controlar e ter uma abordagem crítica ainda é um problema muito abstrato, e o trabalho a ser feito certamente é grande.

10.1 - O que fazer nos locais de trabalho

Uma publicação do IG Metall (Sindicato Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos da Alemanha Federal), de novembro de 1984, aprovada pelo executivo nacional e com o título significativo de "Programa de ação de trabalho e técnica. É o homem que deve fiar" enfrenta amplamente o problema do que fazer do ponto de vista daquele grande sindicato. O documento resalta que nos encontramos frente a um objetivo político de longo prazo, que deve ser alcançado "com a resistência na fábrica, com a mobilização dos

trabalhadores, com a campanha para sensibilizar a opinião pública, com a pressão sobre os empresários e as forças políticas”, e observa que “se o emprego maciço de técnicas de racionalização destrói empregados ou, ao contrário, se permite reduções de horário, e se as novas técnicas levam ao extremo a subdivisão taylorista do trabalho ou, ao contrário, se são o ponto de partida para empregos mais ricos em conteúdo e mais de acordo com o homem, essa não é uma questão da técnica em si. A questão decide-se, na composição de interesses dos trabalhadores e dos empregadores, onde o país desempenha um papel que não deve ser subestimado”. Isto significa que são possíveis alternativas. O ponto central, para o sindicato alemão, permanece o da redução do horário de trabalho tanto da forma tradicional de redução de horário quanto como redução no horário de trabalho limitando os extras, reduzindo a pressão nos ritmos, introduzindo pausas, contrrolando os rendimentos, etc. Mas para alcançar esse objetivo não é suficiente a negociação central; também é necessária principalmente a discussão na fábrica, onde a tecnologia é concretamente aplicada, onde ocorre a racionalização. “A impostação e a aplicação das novas técnicas não são regulamentadas por leis naturais e imutáveis. Existem alternativas que permitam ao homem continuar homem no processo produtivo (...)”

“A realização das alternativas depende da existência ou não de luta dentro da fábrica para impor essas possíveis alternativas. A crítica crescente contra as novas tecnologias, a falta de aceitação expressa pelos trabalhadores com relação à inovação tecnológica podem e devem ser apreendidas e utilizadas para colocar em discussão as condições políticas e sociais em que hoje se dão o desenvolvimento de projetos na aplicação das novas tecnologias.”

Até mesmo na nossa pesquisa, apesar de tão sintética nas indicações concretas sobre o que fazer, vêm à tona linhas análogas. De acordo com vários participantes dos grupos de trabalho, uma questão diferente das novas tecnologias poderia levar a uma diminuição do horário de trabalho, a maior tempo de lazer, a maior produtividade e riqueza para todos, a melhor qualidade de produção, à criação de um número maior de empregos. Isto significa que há uma interessante concordância entre as indicações gerais oferecidas no documento do IG Metall e as perspectivas presentes na vivência dos trabalhadores que participaram ou estão participando das pesquisas.

Nessa parte específica, o programa de trabalho e técnica prevê soluções muito precisas para uma série de questões. Sem querer entrar no mérito de cada problema (para tanto aconselho a leitura integral do documento), as principais propostas dizem respeito exatamente à conservação do maior número possível de empregos, à diminuição dos ritmos e do estresse, a uma eliminação ou redução da monotonia, dos ritmos vinculados, a uma ação no ambiente, à redução do isolamento social, através da possibilidade de contato visual e de diálogo, à proibição dos sistemas de fiscalização e de controle (BDE) e dos sistemas de informação sobre o pessoal (PIS).

Segundo a IG Metall, por exemplo, “a aplicação da técnica CNC (programação dos departamentos de oficina) nas medidas adequadas ao homem

é possível e factível em cerca de 80% dos casos estudados. Deve referir-se, porém, a todo o sistema de trabalho técnico-organizacional (por exemplo, ilha de produção). Para as máquinas-ferramentas devem ser criados comandos eletrônicos que sejam adequados para o trabalhador e o departamento em que o operador da máquina possa utilizar os próprios conhecimentos e experiências profissionais. A técnica e a organização do trabalho devem ser programadas de acordo com as possibilidades do homem. Os operadores devem ser qualificados para o trabalho que desempenharão.”

Ainda para a montagem em série são exigidos “ritmos de trabalho mais longos, aumento das pausas e das possibilidades de comunicação, zonas neutras, desvinculação, colaboração em grupos, etc.”

“A organização do trabalho nos escritórios não deve partir de estações isoladas, apesar de a humanização do trabalho nos terminais de vídeo continuar a ser um setor de intervenção extremamente importante (...). Nem a distribuição do trabalho remanescente (dos ‘restos’) pode ser considerada uma disposição humana do trabalho, nas funções de quem atua predominantemente no terminal de vídeo. A solução que deve ser privilegiada, na medida em que é mais completa inclusive por valorizar o trabalho, é a eliminação da subdivisão ou separação entre funções de conceito e processamento dos textos, criando empregos mistos. Todavia, isso requer soluções que ultrapassem o escritório em si (...)”

Segundo a IG Metall, de uma maneira mais geral, e necessário dizer não ao homem de vidro. “Com essas técnicas de controle as empresas querem tornar-se autônomas de desejos, necessidades e esperanças humanas, das capacidades, dos conhecimentos, das experiências individuais, consideradas fatores de distúrbio no processo produtivo. Através do levantamento e pro- cessamento exatos dos dados da empresa, pretendem aumentar o rendimento, restringir as liberdades existentes e evitar as atuais formas de retribuição para desvantagem dos trabalhadores. O resultado é o trabalho de vidro, que pouco a pouco leva ao homem de vidro”.

Esses são, portanto, objetivos já identificados, e há outros ainda a serem precisados em seus detalhes, mas, sobretudo, percebe-se a necessidade de discutir, de conhecer, de vencer os temores e as angústias frente ao novo.

Já vimos, falando do sindicato, que percebe-se a exigência de uma intensificação do trabalho sindical, para romper o isolamento, para reagrupar os trabalhadores, para descobrir o que fazer.

Também vimos na experiência de outro sindicato que é possível identificar reivindicações precisas.

Para concluir, permitam-me uma fantasia utópica. Acredito que seja necessário recompor os elementos do significado do trabalho. Pode haver vários caminhos possíveis, mas não acho que o melhor seja tentar algumas recomposições dentro de cada estação de trabalho; ao contrário, é necessário reapoderar-se dos significados gerais do trabalho na empresa, socializando os elementos de conhecimento (que muitas vezes estão nas mãos de poucos). As chaves de acesso às informações arquivadas na memória do com-

putador devem estar ao alcance de todos. Não há nenhum impedimento técnico. Se todos tiverem a chave da *informação*, a recuperação do significado do trabalho pode se dar dessa maneira. E se houver problemas, porque a empresa, por sua vez, faz parte de um sistema mais geral, serão problemas normalmente comuns a todos.

Na minha fantasia (utópica), portanto, a luta é uma grande batalha pelo direito à informação, pela posse da informação, pelo controle da informação por parte do conjunto dos trabalhadores. Não é uma batalha defensiva para cada estação de trabalho, é uma batalha excepcionalmente ofensiva pelo controle da informação que hoje é o poder. É por aqui que passa, a meu ver, a possibilidade de conhecer ou não conhecer, quer dizer, de ser mais ou menos autônomo.

Nossas possibilidades sobre o que fazer hoje são pobres, mas poderiam tornar-se ricas com base num grande movimento para resolver esses problemas.

BIBLIOGRAFIA

- Bagnara, S. e Vetrone, G., "L'interazione uomo macchina nelle teorie a base informatica: note" *Studi organizzativi*, no.2, 1984.
- Bagnara, S. e Vetrone, G., "Osservazioni sui rapporti fra caratteristiche della comunicazione nell'ambiente di lavoro e disturbi" *Difesa sociale*, no.5, 1983.
- Bagnara, S. e Visciola, M., "Automazione e stress: una ricognizione del problema" *Quaderni di Rassegna sindacale*, 1984.
- Bauleo, A.J., *Ideologia, gruppo e famiglia*. Feltrinelli, 1978.
- Bion, W.R., *Esperienze nei gruppi*. Armando, 1971.
- Bompiani, G., *Il computer e il suo cane*. Fine secolo, abril de 1985.
- Brod, J., *Technostress: the human cost of the computer*. Addis on vesley reading woss, 1984.
- Butino, G., *Vocabulo Gruppo*. Enciclopedia Einaudi, vol. VI, 1979.
- Carchedi, B., "Video terminali, forme di dipendenza e nocività" *Primo Maggio*, 1984.
- Corrao, F. Muscetta, S., Prefácio de *Esperienze nei gruppi*, de W.R. Bion, Armando, 1971.
- Grada, D., *Innovazione informatica e cambiamento psicologico: problemi e implicazioni?* *Tecnologia domani*. Laterza, 1985.
- FLM Bolonha, aos cuidados de Merini, A. Rebecchi, E., *L'altra faccia della luna*, 1985.
- Fornari, F., "Nove tecnologie e forme di simbolizzazione" *L'innovazione tecnologica nel processo produttivo*. Aos cuidados de C. Sabbatini. Ediesse, 1985.
- Freud, S., *O desconforto da civilização*, 1929.
- Freud, S., *Opera omnia*. Boringhieri, 1967.
- Freud, S., *Psicologia das massas e análise do Eu*, 1921.

- Gualandri, E. e Schweizer, C., "La Risposta al cambiamento." In *Psicoterapia e scienze umane*, 1984.
- Gualandri, E. e colaboradores. "Automazione e salute mentale." In *Psicoterapia e scienze umane*, n° 1984.
- Laplanche, J. Pontalis, J.B. Enciclopedia della Psicanalisi. Aos cuidados de Giancarlos Fuá. Laterza, Bari, 1968. *
- Levontin, R.C., *Vocábulo Adaptamento*. In *Enciclopedia Einaudi*, vol. I, 1977.
- Marchisio, O., "Divisione del lavoro: un problema aperto." In *Classe*. 1984.
- IG-Metall., *Programma d'azione lavoro e tecnica. È l'uomo che deve restare*, novembro de 1984.
- Mussio, P., "Appunti e spunti su uomini che si parlano attraverso le macchine." *Psicoterapia e scienze umane*, no.2, 1983.
- Novara, F. Bagnara, S. Rozzi, R. *La psicologia del lavoro nella epidemiologia del lavoro organizzato*. Ip./Chr.R.T., Roma, 1981.
- Pozzoli, C. *entrevista com Weizembaum*, "Attenti al computer: il suo linguaggio intossica il cervello?" *La Stampa*, suplemento semanal sobre ciências, março de 1985.
- Rodotá, S., "La categoria governo." *Laboratorio politico*, no.1, 1981.
- Turkle, S., *L'io non c'è. Ci sono loro, e processori?* *Fine secolo*, abril de 1985.
- Zanarini, G., *L'emozione di pensare*. Clup-Clued, 1985.
- * Edição brasileira: *Vocabulário da Psicanálise*. Livraria Martins Fontes, Santos, 1970.

ANEXO

FICHA 1

A OUTRA FACE DA LUA

1. A METODOLOGIA DA PESQUISA

No mês de setembro de 1984, a secretária da FLM de Bolonha, de comum acordo com os institutos de pesquisa das confederações (IRES, ISFEL, CREL) e com o instituto da Federação unitária que se ocupa de pesquisas e prevenção sobre o ambiente (CRP), pediu ao instituto de psiquiatria "Otonello", da Universidade de Bolonha, a realização de uma pesquisa sobre a *subjetividade* dos trabalhadores frente à inovação tecnológica.

Além de pesquisas com o objetivo de entender os aspectos técnicos, econômicos e organizacionais da inovação, a FLM de Bolonha percebeu a existência de um instrumento que também permitisse conhecer o fenômeno do ponto de vista dos trabalhadores envolvidos, daí ter encomendado essa outra pesquisa.

As fábricas escolhidas pela FLM foram quatro: a GD, a IBM, a Marposs e a Weber-- uma amostra representativa da realidade mecânico-metalúrgica bolonhesa, com empresas tanto de mecânica de precisão quanto de produção em série ou de eletrônica, todas as quatro envolvidas, ainda que em medidas diferentes, no processo de informatização do trabalho de operários e funcionários.

A pesquisa contou com sete grupos de discussão (porque na IBM, ao invés dos dois previstos, só foi possível formar um), tendo uma participação global de 54 pessoas (cerca de sete ou oito para cada grupo), entre as quais operários, funcionários administrativos, técnicos e engenheiros. A FLM distribuiu nas empresas escolhidas uma folha volante de apresentação da pesquisa, e os Conselhos de fábrica colheram as adesões daqueles que quiseram participar dos grupos. A participação, portanto, foi absolutamente voluntária.

De setembro a dezembro do ano passado, os grupos discutiram a respeito do seguinte tema: "O que você acha da automação do trabalho na fábrica?"

A pesquisa foi conduzida pelos professores Alberto Merini e Emilio Rebecchi, do Instituto de Psiquiatria da Universidade de Bolonha. Um grupo de psicólogos (Domenico Berardi, Morena Bisi, Raffaella Bivi, Rosella Bruni, Stefano Castellani, Patrizia Ciavarella, Elsa Cio, Rossana D'Arrigo, Maria Divina Delfino, Alfedele Del Re, Alberto Gerosa, Maria Giulia Mancini, Francesca Pileggi, Elena Rasi Caldognno e Paolo Tirindelli) guiou o trabalho dos grupos de discussão. Colaboraram Gianfranco Contini, Margherita Galeotti, Pietro Pascarelli.

Em janeiro de 1985 a equipe de pesquisadores começou o trabalho de análise e interpretação do trabalho dos grupos. Essa colaboração ainda está sendo desenvolvida, embora em 25 de março tenha sido apresentada à FLM de Bolonha uma primeira lista dos resultados da pesquisa. Enquanto isso, a mesma equipe de Merini e Rebecchi iniciou uma pesquisa análoga em algumas empresas industriais e de serviços da região de Reggio Emilia.

Pressupostos da metodologia usada na pesquisa

Na análise sociológica, as tentativas de fixar a tipologia dos grupos têm sido inúmeras; a mais conhecida é a de Charles Horton Cooley¹, que distingue os grupos primários ("face to face groups") dos grupos secundários. O grupo primário é de pequenas dimensões e pode ser tanto natural (família, vizinhança, etc.) quanto artificial (para realizar uma ação, para alcançar um objetivo, seja de maneira provisória, seja de maneira permanente). É chamado grupo restrito quando é composto por mais de três pessoas e menos de doze. As relações no grupo primário são diretas, afetivas e espontâneas. O grupo secundário é maior e as relações são determinadas/condiçionadas pela organização do próprio grupo; sua imagem é institucional.

Essa classificação, embora criticada, já atravessou nosso século, conservando até hoje um valor operativo, se é verdade, como observa Giovanni Butino, que "nunca ninguém conseguiu dizer o que é um grupo, como se caracteriza, como se diferencia de outros objetos científicos próximos ou semelhantes. Nem Elton Mayo e seus principais colaboradores chegaram a diminuir as dúvidas e incertezas e a demolir as aporias derivadas do uso de um conceito tão vago"²; também é verdade que um número considerável de pesquisas sociológicas ou psicológicas fundamenta-se no uso dos grupos.

Acompanhando ainda Butino, a abordagem psicológica "observa a vida, ou seja, as relações internas, o modo de cooperação, a adesão dos indivíduos às normas e aos valores grupais, o funcionamento de um sistema comum de atividades, o principal modo de comunicação entre os membros, muitas vezes considerado um fator primordial. A abordagem sociológica, por outro lado, estuda as características, por assim dizer, externas dessas entidades denominadas grupos (...). A sociologia utiliza um determinado nu-

mero de critérios para identificar e individualizar um grupo: número de pessoas, objetivo comum, baixa competitividade entre os membros, conhecimentos e gostos recíprocos, estrutura da autoridade, tipo de subculturas e outros critérios talvez menos importantes”³.

Em um nível psicológico, a vida mental do grupo é sempre muito complexa. Corrao e Muscetta observam que, “em parte, ela é certamente ancorada na realidade, pois cada grupo de pessoas reúne-se para fazer alguma coisa, e isso constitui o aspecto do funcionamento mental do grupo que diz respeito ao objetivo consciente, aspecto esse indicado por Bion com o termo ‘grupo de trabalho’. Mas dentro do grupo aparecem tendências emotivas muito poderosas que às vezes favorecem e às vezes impedem os indivíduos de alcançar esses objetivos, e eles parecem comportar-se, segundo Bion, como se tivessem assuntos de base em comum. Os três assuntos de base descritos, o de dependência, o de ataque e fuga e o de acasalamento, têm a função de fazer com que as ansiedades primitivas acionadas pela participação no grupo não se manifestem como tais: são, portanto, os mecanismos de defesa do grupo. No grupo de trabalho é necessária a cooperação consciente dos membros que o compõe, enquanto nos grupos que se estruturam a partir de um assunto de base não é necessária a participação voluntária, e entra em ação uma função espontânea e inconsciente das qualidades sociais da personalidade do homem denominada por Bion valência. Os grupos que se baseiam num assunto de base, porém, muitas vezes atrapalham a função do grupo de trabalho, daí a necessidade de se constituírem subgrupos com a tarefa de neutralizar os fenômenos derivados dos assuntos de base. Esses subgrupos, facilmente identificáveis dentro dos pequenos grupos constituídos com objetivos terapêuticos, são encontrados na própria sociedade; são eles o Exército, a Igreja e a Aristocracia, comprometidos em desempenhar respectivamente a função do grupo ataque-fuga, de dependência e de acasalamento”⁴.

“O indivíduo”, observa Bion⁵, “é e sempre foi membro de um grupo, inclusive quando seu fazer parte de um grupo consiste em comportar-se de tal maneira que os outros pensem que realmente não pertence a nenhum grupo. O indivíduo é um animal de grupo, em luta tanto com o grupo quanto com aqueles aspectos de sua personalidade que constituem suas tendências a formar o grupo. (...) McDougall e Le Bon falam da psicologia de grupo de tal maneira que parece que ela só começa a existir quando muitas pessoas encontram-se reunidas num só lugar e ao mesmo tempo, e Freud não critica esse ponto. Segundo Bion, essa é uma condição necessária apenas para possibilitar o estudo; é necessário que as pessoas estejam reunidas no mesmo sentido que para estudar a relação de transferência é necessário que o analista e o analisado estejam juntos. Somente se as pessoas estiverem reunidas serão criadas as condições adequadas para fazer emergir as características do grupo. Somente se os indivíduos se aproximarem bastante uns dos outros será possível dar uma interpretação sem levantar a voz. (...) Por isso deve ser limitado o número de componentes do grupo e seu grau de dispersão.

A reunião do grupo em dado momento e em dado lugar é importante por essas razões mecânicas, mas não tem qualquer relevância para a instauração dos fenômenos de grupo. (...) Na verdade nenhuma pessoa, por mais isolada no tempo e no espaço, deveria ser considerada como não pertencente a um grupo ou desprovida de manifestações ativas de psicologia de grupo. Todavia, a existência de um comportamento de grupo é mais fácil de demonstrar, e de observar, se o grupo se reúne; acho que é essa maior facilidade de observação e demonstração a responsável pela idéia de um instinto de massa como postulado por Trotter e pelas várias outras teorias que sustentam a idéia de que um grupo é algo mais que a soma de seus componentes. Minha experiência convence-me de que Freud tinha razão ao rejeitar todos os conceitos semelhantes que, com base nessas experiências, mostram-se desnecessários. A diferença aparente entre a psicologia de grupo e a individual é uma ilusão dada pelo fato de que o grupo traz à tona fenômenos que parecem desconhecidos a um observador não acostumado à prática de grupo”.

Bion prossegue: “Atribuo uma grande força e uma grande influência ao grupo de trabalho, que, na medida em que se ocupa da realidade, é levado a empregar métodos científicos, embora de forma rudimentar; apesar da influência dos assuntos de base e, às vezes, em concordância com eles, é o grupo de trabalho que consegue triunfar no final. Le Bon disse que o grupo nunca procura a verdade. Eu concordo com Freud (...), para quem essa afirmação de Le Bon é injusta para com o grupo”⁶.

“A função do grupo de trabalho especializado é manipular o assunto de base de maneira a impedir que este sirva de obstáculo para o grupo de trabalho (...). A organização do grupo pode dar estabilidade e permanência ao grupo de trabalho, que acredita-se possa ser facilmente distraído dos assuntos de base se o grupo for desorganizado. (...) A organização e a estrutura são instrumentos do grupo de trabalho. São o produto da cooperação entre os membros do grupo e, uma vez consolidadas no mesmo, têm como efeito exigir um esforço de cooperação ainda maior de cada indivíduo”⁷.

“Na atividade do grupo de trabalho o tempo é um fator intrínseco, enquanto não tem razão de ser na atividade do assunto de base. (...) O homem que pergunta quando será feita a próxima reunião de grupo está se referindo, na medida em que está falando de fenômenos mentais, ao grupo de trabalho. O grupo fundamentado num assunto de base não se dispersa e não se reúne, e nenhum significado têm as referências temporais. Vim a saber que uma vez um grupo de pessoas inteligentes, que conheciam perfeitamente o horário das sessões, irritaram-se quando a sessão chegou ao fim e por algum tempo foram incapazes de aceitar um fato que não deveria ter apresentado dúvidas para a mentalidade do grupo de trabalho”⁸.

Os vínculos do grupo de trabalho são definidos com o termo cooperação. (...) “O chefe do grupo de trabalho tem a tarefa de manter o contato com a realidade exterior”⁹. Enfim, recapitulando: “Cada grupo de pessoas reunidas para trabalhar manifesta uma atividade de trabalho de grupo, ou seja, um funcionamento mental visando perseguir o objetivo em questão. A

pesquisa mostra que esses objetivos são às vezes impedidos, e ocasionalmente favorecidos, por tendências emotivas de origem obscura. Consegue-se dar uma certa coesão a essas atividades mentais anômalas supondo que emotivamente o grupo aja como se tivesse alguns assuntos de base com relação a seus objetivos. Esses assuntos de base parecem ser adequadamente definidos pelos três conceitos -- de acasalamento, de dependência e de ataque-fuga¹⁰.

Até aqui ouvimos Bion, que nos permite compreender a possibilidade de organizar grupos com finalidades de trabalho. No que diz respeito, porém, à técnica da discussão no grupo de trabalho, Lewin organiza um grupo com 15 membros no máximo, estabelece uma tarefa a ser feita e o tempo de funcionamento do grupo; o condutor tem a tarefa de conduzir o tema e promover a participação por meio de perguntas. É proibido monopolizar o tema por mais de três minutos. A técnica do *brain-storming* (debate livre) baseia-se no pressuposto de que, deixando os indivíduos interagirem falando livremente sobre determinado tema, sem qualquer tipo de crítica, sugestão ou objeção aos vários pontos de vista, além de uma quantidade de idéias futuros, também aparecem idéias ligadas ao tema e à tarefa central. Uma vez reunido determinado número de membros, o coordenador estabelece o tema principal, com todo o cuidado para manter a mais alta margem de liberdade possível, sem críticas ou sugestões, e pronto para não permitir em nenhum momento a discussão da potencialidade de realização das opiniões expressas, nem de sua eventual impossibilidade de realização¹¹. Depois, numa segunda fase, são discutidas as idéias expressas.

A técnica do estudo dos casos "consiste na descrição de uma problemática e de um fato a ser estudado; a finalidade é examinar as possíveis causas e os possíveis resultados daquela situação. (...) O coordenador estimula o grupo com perguntas sobre as possíveis causas que supõe-se estar em jogo"¹².

Também existem técnicas repressivas, didáticas, psicodramáticas e psicanalíticas.

Em um grupo com finalidades de trabalho encontramos um coordenador e um observador. "O coordenador tem a tarefa de interpretar os comportamentos, as emoções, os sentimentos que entram em jogo com relação à tarefa e, no início da vida em grupo, deverá tratar sobretudo da impoção, ou seja, estará empenhado em situar o grupo enquanto grupo"¹³.

"O observador desempenha um papel totalmente diferente. (...) Enquanto o coordenador encontra-se imerso no campo, o observador, em virtude de seu maior distanciamento, pode desempenhar com maior eficácia o papel de investigador. Ele usufrui da distância suficiente para enquadrar todo o grupo, inclusive o coordenador, e ver que tipo de situações vão se delineando. (...) Tomando nota dos acontecimentos, fornece um material com uma série de informações que podem ser estudadas mediante diversos tipos de avaliação quantitativa (estatística, relatórios informativos) e qualitativa (perfil psicológico)"¹⁴.

Em nossa pesquisa, utilizamos o instrumento do grupo com finalidades de trabalho, isto é, do "grupo de discussão". Nossos grupos tiveram um número de participantes que variava entre oito e dez. A inscrição no grupo foi voluntária e participaram os dez primeiros inscritos. A duração de cada grupo foi de uma hora e meia, uma vez por semana durante oito semanas. Os participantes foram fixos e não houve substituições.

Estiveram presentes no grupo o *coordenador* da discussão e o *observador* com as tarefas já descritas. A função de coordenação especificamente não era explicar, propor temas ou interpretar, mas sim observar e sobretudo lembrar ao grupo que ele se encontrava reunido naquela hora, naquela sede e por um tempo determinado para discutir aquele problema específico; podemos dizer que o coordenador representava a memória visível da ordem do dia.

O observador, por outro lado, observava e anotava porque, como dissemos anteriormente, contam não só as coisas ditas (para as quais basta o gravador) mas também como são ditas, os fatos que ocorrem, o clima emotivo que se cria, etc.

Podríamos dizer que, se a tarefa do grupo era discutir sobre a informática, a tarefa dos dois operadores era, por um lado, lembrar as regras do jogo (tema, local, etc.) e, por outro lado, observar de que maneira o grupo desenvolvia o próprio trabalho, quer dizer, a relação do grupo com o próprio tema em discussão e o tipo de movimento que o grupo realizava para enfrentá-lo.

Pôde-se assim obter preciosas informações não só sobre os conhecimentos do grupo a respeito do tema tratado, mas também sobre as emoções concomitantes, ou seja, resumindo, informações sobre conhecimentos permeados de emoções. É exatamente esse tipo de conhecimento que nos interessa em especial, na medida em que é um conhecimento próximo da subjetividade, da maneira subjetiva de experimentar as situações.

O conhecimento que o grupo de trabalho expressa não é linear, ordenado, coerente como o de um livro; pelo contrário, procede em aparente desordem. Acreditamos que essa dificuldade não reflete uma carência de informações no plano racional-consciente, mas que representa diretamente a dificuldade em confrontar-se com a própria experiência e as fantasias conscientes e inconscientes a ela ligadas.

A especificidade metodológica da pesquisa é muito importante. O grupo de discussão equivale ao microscópio. Há uma grande diferença com os métodos de pesquisa da sociologia clássica ou, em medicina, da epidemiologia. Ao invés de elaborar um questionário com o qual interpellaremos muitos indivíduos com critérios estatísticos, fazemos uma pesquisa com um grupo bem pequeno, mas a levamos a fundo. É equivalente ao método psicanalítico, em que o conhecimento é obtido do estudo profundo do caso individual, e o mesmo do físico atômico, que estuda o núcleo e deduz leis gerais da pesquisa sobre o infinitamente pequeno.

A OUTRA FACE DA LUA 2. O QUE OS TRABALHADORES DISSERAM

Não existe, portanto, no nosso caso, o problema da representatividade da amostra, como nas pesquisas sociológicas, mas é indispensável que a participação seja absolutamente voluntária, para que todos entrem com a mesma característica de adesão espontânea ao grupo para discutir e aprofundar o tema estabelecido. O que nós obtemos pode e deveria ser integrado com pesquisas epidemiológicas e sociológicas, mas tem sua autonomia.

Vocês podem perguntar-se por que os grupos de discussão tiveram uma duração temporal limitada e rigidamente prefixada desde o começo: oito encontros de uma hora e meia cada. Prefixando o tempo conhece-se o nascimento, a vida e a morte. Isso serve para evitar fantasias de outro tipo. E quando elas surgem (por exemplo, curar-se através do grupo, fazer um sindicato substitutivo, fazer a revolução) é claro que encontram rapidamente um controle objetivo no fato de que trabalha-se por aquele tempo determinado, sobre aquele dado tema.

Nesse sentido distinguimo-nos da experiência feita por Emanuele Gualandri em Milão. Seu trabalho é muito interessante, mas se o tempo determinado para os grupos for muito longo talvez torne-se indispensável enfrentar aspectos de "cura", de terapia; nós, ao contrário, queríamos evitar de qualquer maneira esse tipo de solução e fazer grupos de trabalho exclusivamente cognoscitivos.

No próximo capítulo, o leitor encontrará organizado e subdividido por temas o que disseram os trabalhadores nos vários grupos de discussão da nossa pesquisa.

NOTAS

- (1) Cooley, Ch. H., *Social organization. A study of the larger mind*, Nova Iorque, Scribners, 1909 (tradução italiana: *Comunità*, Milão, 1963).
- (2) Butino, G., *vocabulo Gruppo, Enciclopedia Einaudi*, vol. VI, 1979.
- (3) Butino, G., *op. cit.*
- (4) F. Corrao, S. Muscetta, prefácio a *Esperienze nei gruppi*, de W.R. Bion, Armando, 1971.
- (5) Bion, W.R., *Esperienze nei gruppi*, Armando, 1971.
- (6) Bion, W.R., *op. cit.*
- (7) Bion, W.R., *op. cit.*
- (8) Bion, W.R., *op. cit.*
- (9) Bion, W.R., *op. cit.*
- (10) Bion, W.R., *op. cit.*
- (11) Bauléo, A.J., *Ideologia, gruppo e famiglia*, Feltrinelli, 1978.
- (12) Bauléo, A.J., *op. cit.*
- (13) Bauléo, A.J., *op. cit.*
- (14) Bauléo, A.J., *op. cit.*

A relação entre automação e saúde (física e psíquica) é o tema tratado com maior frequência em quase todos os grupos.

As opiniões que assinalam distúrbios realmente físicos derivados do emprego das novas tecnologias no trabalho são muito poucas, enquanto são bem mais numerosas as que indicam que o trabalho com o computador pode interferir no equilíbrio psíquico, determinando toda uma gama de situações que vão de um mal-estar geral até verdadeiros sintomas de doenças mentais.

Muitas opiniões ressaltam que a automação na fábrica reduz o risco de adoecer fisicamente: "A automação limita o perigo clássico e o ambiente de trabalho é mais limpo" (W1);* em todo caso, reduz o esforço físico: "... só o esforço físico pode destruir um homem, então se ele é reduzido você se sente melhor" (W1).

O fato de que as novas tecnologias reduzem o esforço no trabalho é colocado em discussão por alguns trabalhadores (na GD2), tanto que um deles diz "agora eu trabalho menos, mas mesmo assim fico cansado, estou mais abastido, tenho menos entusiasmo" (W2).

Os distúrbios específicos ficam principalmente por conta da vista: "Os relatórios estragaram minha vista, agora tenho que usar lentes de contato" (W2).

Alguém sugere que "deveríamos ter a possibilidade de controlar a luminosidade e o foco do terminal" (M2). Outros distúrbios assinalados (na GD2) são danos devidos às correntes de ar e à baixa temperatura na sala das máquinas.

(*) As siglas correspondem às quatro empresas (GD, IBM, Marposs e Weber) em que foram organizados os grupos de discussão.

Alguns acusam distúrbios de tipo psicossomático como “náuseas após o almoço na frente do computador” (M2); na IBM um trabalhador chega a dizer “você também é acometido de muitos males: eu tive gastrite, úlcera... na IBM tem muita gente com tiques nervosos, mas na maioria das vezes não devemos nem podermos ligar para os distúrbios” (na IBM “não tem um técnico que não tenha tido estafa...”).

O tema esforço, usura psíquica, estresse repete-se muitas vezes: “...você se sente vazio” (IBM); “a empresa queima as pessoas rapidamente, em todos os níveis” (IBM), “a renovação continua cansa, você não agüenta mais” (e isso parece atingir mais os idosos do que os jovens).

“Agora precisamos de três pessoas para fazer o que antes fazíamos com seis, mas pagamos com o estresse”;

“O vídeo desgasta (GD2), eu conheço certas pessoas que depois de dez anos de trabalho abandonaram porque a cabeça não agüentava mais”;

“Depois de dois anos de trabalho na Marposs você está feito (M1)”, “a pessoa que não é psicologicamente íntegra perde a cabeça facilmente com esse tipo de trabalho”. Alguns entram em verdadeira depressão: “Assim que entrei para a IBM eu chorava o tempo todo, eu via tudo preto... tinha sentimento de culpa” (IBM).

Um dos motivos de mal-estar é a reduzida possibilidade de ter relações interpessoais com os colegas de trabalho. “Não precisamos mais dos outros para trabalhar, a comunicação faz-se via vídeo... não falamos mais, não é mais preciso” (GD2); as relações na GD mudaram: “Viú o recado que te mandei pelo vídeo? E isso que nos dizemos” (GD1).

“Não existe cooperação entre os trabalhadores, todos esperam avançar e se submetem, perdendo em saúde” (M2); “quando entrei tive que lutar para não ficar sozinho na sala das máquinas ... agora somos três” (GD2).

Para alguns “a gente trabalha por obrigação, não para socializar, mas os jovens toleram melhor essa situação de isolamento e individualismo” (GD1).

Muitas vezes vem à tona a sensação de frustração, desvalorização, resignação: “se você não consegue agüentar você está realmente perdido e começa a se achar um incapaz” (IBM), “existe menos possibilidades de crescer e enriquecer como indivíduo” (GD1), “ou você se conforma, tentando sobreviver, ou vai ter estafa” (M1), “vamos acabar virando robôs de segunda categoria, menos importantes que as máquinas” (W2).

A sensação de desvalorização está muitas vezes ligada à impossibilidade de contar com a experiência para desempenhar bem o próprio trabalho: “apagai! O que você sabia não serve mais” (IBM ou a uma comparação com o trabalho de antes: “eu fazia um trabalho de copista, rotineiro, uma porcaria, mas bater umas teclas me gratifica menos que escrever à mão” (M2), ou ainda a uma falta de criatividade no trabalho: “o terminal me privou de cada pequena atividade criativa, como paginar, consultar o arquivo” (M2), “para mim o computador bloqueia a imaginação” (M2), embora na IBM alguém obser-

ve que “uma pessoa pode se expressar criativamente até nesse campo que parece tão massificante”. No entanto, alguém na própria IBM diz: “não sobra nada de mim num programa; aliás, pede-se que ele seja o mais impessoal possível...”

Muitos procuram atividades criativas fora do trabalho: “praticamos esportes, como esqui, natação, tênis. Principalmente esportes individuais...” (IBM), “procuramos espaços fora dali... quem sabe a jogá possa ajudar... procuramos outras coisas de maneira compulsiva, senão acabamos dando um tiro na cabeça” (GD1). Para outros, ao contrário, os tempos após o trabalho são contamnados com o próprio trabalho: “um trabalhador, depois de ter passado o dia todo em frente a um vídeo... pode chegar em casa e bater nos filhos” (GD1), “eu me vejo mentalmente trabalhando na frente do computador quando estou em casa” (M2), “meu trabalho me vem à mente de maneira decididamente obsessiva... fica difícil expulsar aquele pensamento, é como quando ouço uma música no rádio e não consigo tirá-la da cabeça” (M2).

Numerosas opiniões exprimem o desconforto que deriva da imaterialidade do objeto de trabalho: muitos só sobem parcialmente o que estão fazendo e qual o sentido de seu trabalho.

“Não sei para que serve o meu trabalho, nós programamos mas não conhecemos os usuários... nosso trabalho poderia servir para tudo, até para a guerra” (GD2), “o operador vê seu trabalho sendo realizado, o programador tem a resposta no vídeo quando consegue ler os dados; é um trabalho completamente abstrato, porque o operador não conhece seu fim, seu sentido produtivo”, “o trabalho não depende mais de você, mas da máquina, você é um observador” (GD2).

“O computador é um objetivo desconhecido, não saber como e por que funciona provoca insegurança” (M1), “as pessoas sempre têm mais dificuldade em entender o que está acontecendo” (W2), “além disso, dentro do computador também existem informações falsas para enganar as pessoas e impedir que elas entendam a verdade” (W2), “mas o conhecimento também prega peças na gente: conheço um engenheiro que se enforcou quando se viu envolvido por essa lógica” (GD1).

E significativa esta troca de opiniões entre alguns participantes (na IBM): “nossos ritmos de trabalho são induzidos, pilotados”, “os ritmos de um garçom numa cidade de praia, no verão, também são pilotados”, “sim, mas ele sabe o que está fazendo”.

Os ritmos que o computador necessariamente impõe também são vividos com desconforto: “a velocidade de resposta da máquina independe de você--você está nas mãos dela (GD). A latência de resposta do computador induz várias manifestações de ansiedade: “alguns gritam, outros fazem sons diversos, imitando a música eletrônica, enquanto esperam, outros ainda recuperam o vazio (de segundos) com outro trabalho” (GD2), “no vídeo, não é você que dita os tempos de trabalho, é a máquina... Os tempos de espera não são previsíveis, depende da máquina que está na sua frente. Quando você tem que esperar na frente da máquina, surge uma grande sensação de impotên-

cia, de perda, você fica ansioso... Alguns até falam com a máquina... Os tempos de espera não são reais, são realmente muito curtos, mas mesmo assim você fica irritado... Há uma divergência entre os meus pensamentos e aquilo que eu estou fazendo... seria preciso ter na cabeça os tempos da máquina, mas não é assim, há uma divergência e naquele tempo eu fico pensando no que vou fazer depois" (IBM). "Ficar na indeterminação é terrível, frustrante, te deixa perturbado" (IBM). "É estressante trabalhar com uma máquina que, afinal de contas, é inteligente, tem seus tempos que precisamos respeitar, você não pode culpá-la" (MI).

É fácil entender, assim, que o computador possa suscitar e tornar-se um objeto de uma agressividade incrível: "eu sonho que vou quebrar a cabeça dos chefes e do computador" (GD2), "eu o odeio, mas dependo dele, eu o quebraria ao meio, mas percebo que são idéias utópicas..." (M2), "o computador suscita um sentimento que vem de alguma coisa difícil de dominar, de controlar, alguma coisa que gera impulsos, ódio, desconfiança" (M2), "onde tem informática todos parecem loucos. Todos são agressivos e competitivos..." (W2). As vezes a sensação de estar perdido está ligada às alterações do próprio modo de ser e pensar induzidas pelo computador: "no meu grupo de amigos, eu sou o único que trabalha com as novas tecnologias e sinto que sou diferente, tenho uma maneira de raciocinar esquemática, não natural, eu sempre coloco apenas duas condições: ou branco ou preto" GD2), "aplica-se sempre a lógica do computador, que não tem nuances e é portanto desumana" (GD2), "eu tendo a rejeitar o computador porque ele me envolve demais, quero conseguir ter uma parte do meu cérebro livre de seus condicionamentos..." (M2), "no final a transformação será tecnológica, mas mental também... desse modo eles estão mudando a nossa mentalidade" (W2). Um participante sugere (na GD1) uma tautologia: "seria preciso um robô, ele é o único que tem a mentalidade adequada para tolerar as novas tecnologias" e ainda (na W2) "eu já me sinto um robôzinho. No futuro todos teremos que cumprir as ordens ao pé da letra, porque haverá uma máquina nos controlando; seremos todos anulados."

Automação e organização do trabalho

O problema da organização do trabalho foi tratado com muito interesse em todos os grupos. Descobrimos a necessidade de subdividir esse assunto tão amplo em cinco subtemas. São eles:

- a) o problema do isolamento do trabalhador;
- b) o parcelamento do trabalho;
- c) o controle;
- d) o problema dos tempos na relação homem-máquina;
- e) os problemas inerentes à negociação.

a) O isolamento foi sem dúvida o tema mais sentido e tratado em todos os grupos, seja por ser estritamente ligado ao desconforto dos trabalhadores em lidar com as novas tecnologias, seja por refletir as consequências de novas estratégias organizacionais da empresa. Alguns enfatizam o grande impedimento à socialização. "Essa tecnologia é antipática porque reduz os contatos humanos", dizem numa empresa; e parece que isso tende a favorecer rivalidades recíprocas e interesses pessoais. "As pessoas não se encontram mais, cada um só se preocupa em criar o próprio espaço onde exercer o poder." "Não existe mais a unidade de interesses que fazia a nossa força."

Em algumas empresas, o isolamento parece ser a consequência de uma rígida setorização do trabalho que prevê a criação de espaços separados para aqueles que trabalham com as novas tecnologias.

"Temos menos tempo para ficar juntos; eu tenho uns amigos que estão como se estivessem numa cassamata, antes a gente se via cinco ou seis vezes por dia, agora, cinco minutos por semana." Alguns são mais peremptórios: "Não existem mais espaços para nós; antes as pessoas achavam o espaço físico constituido, agora os espaços são criados depois que as pessoas chegam."

Em outro nível, o problema do isolamento é apresentado com relação ao relacionamento individualizado que a empresa exige do trabalhador. "Não existem aqui duas pessoas tratadas do mesmo modo", dizem alguns e ressaltam que a empresa consegue criar divisões entre os trabalhadores estimulando ao máximo a competitividade interpessoal, exigindo disponibilidade, ameaçando-os de marginalização.

b) O problema do parcelamento do trabalho é sentido pelos vários grupos na forma de dois aspectos dominantes: por um lado, houve quem evidenciasse sobretudo o aspecto negativo, salientando que o trabalho parcelado é relegado para a base, e não para o vértice, que implica um acesso limitado ao canal informativo, que impede o conhecimento global do projeto; por outro lado, embora cautelosamente, alguém mencionou o aspecto positivo: "o computador agiliza o trabalho, é verdade que eu faço uma pequena parte do todo, mas fico livre de compromissos que podem provocar uma briga."

c) A informática, portanto, segundo os trabalhadores, cria isolamento e tem como consequência o trabalho parcelado, mas também é instrumento de controle. "A informática é o instrumento ideal de controle porque permite relacionar muitos dados facilmente manipuláveis. "Só com a informática a empresa pode ter certas informações precisas sobre seu trabalho", alguns dizem. Mas o controle não é sentido só como avaliação impessoal do trabalho; de fato, outro participante diz: "agora a direção te conhece não só como operário mas como indivíduo." Em algumas empresas em especial foi observado como é fundamental a figura do chefe a fim de realizar esse controle individualizado. Muitas vezes o controle começa, na opinião de alguns, a partir do momento da admissão.

“Para ser admitido você precisa fazer os testes vocacionais e um curso, dizem eles para conhecer a empresa; na verdade essa é a melhor maneira de estudar de perto e fazer a sua cabeça, se conseguirem.” Algumas empresas chegam a realizar formas de controle, segundo os trabalhadores, inclusive fora do trabalho, como em jantares, reuniões, manifestações esportivas.

d) No que diz respeito aos tempos e ritmos de trabalho, podemos dizer que esse assunto não foi tratado da mesma maneira por todos os grupos, e chegamos a ouvir opiniões contrastantes a respeito. “O paradoxo do computador: ou você não faz nada, ou é obrigado a trabalhar demais para respirar seus ritmos”, diz alguém; outro afirma que “agora tudo é mais rápido”, enquanto outro: “para mim, ao contrário, tudo parece mais lento e repetitivo”. Em outro lugar evidencia-se o aumento dos encargos de trabalho: “...

porque, enquanto estou à espera da resposta do computador, eu começo outros trabalhos ao mesmo tempo”. Em duas empresas mais especificamente é ressaltado o desconforto psicológico ligado aos tempos de espera em frente ao computador. Para outros, trabalhar com o computador torna-se uma competição: “Fico irritado em ter que me submeter aos tempos impostos pelo computador, quando ele é lento, então, eu fico louco”.

Em outra realidade não se discute o problema dos ritmos impostos pela máquina, mas daqueles impostos pela empresa: “é preciso que os operários reencontrem a coragem de fazer frente aos tempos impostos pela empresa.” Temos que dizer: “você estabeleceram um tempo arbitrário, eu não consigo acompanhá-lo”.

e) O problema da negociação, finalmente, encontrou eco em todos os grupos mas com diferenças consideráveis. Todos estão de comum acordo em considerar que a negociação passou da forma clássica coletiva para uma forma mais individualizada. “Agora, quando os operários têm um problema, eles conversam com o chefe do departamento, e não com os delegados sindicais; cada contrato ficou muito mais individual”, sustenta um dos participantes. Além dessa transformação, alguém também apontou a perda de negociação: “seu poder de negociação não vale mais, você é facilmente substituível, é mal pago”. Outro acrescenta: “se sou facilmente substituível, significa que qualquer coisa que eu faça não tem muita importância”.

Concluindo, parece-nos que os temas tratados exprimem uma mudança profunda e radical na organização do trabalho das empresas em que foi introduzida a automação. Registramos sobretudo um progressivo isolamento das figuras profissionais em detrimento da solidariedade entre os trabalhadores.

Informática e profissionalização

O tema da profissionalização com relação às mudanças que as “novas tecnologias” causam ou poderiam causar nesse aspecto foi enfrentado de maneira relativamente homogênea em todos os grupos de discussão.

Em todos os sete grupos discutem-se especificamente os efeitos negativos que as novas tecnologias teriam sobre a profissionalização no sentido de uma “desqualificação profissional”, em algumas empresas identificam-se as possíveis causas e os efeitos dessa situação.

Dois grupos, porém, enfatizam os aspectos positivos que as novas tecnologias teriam sobre a profissionalização: para alguns, o advento da informática determina uma maior qualificação profissional. Enfim, em alguns grupos evidencia-se um terceiro aspecto: o nível profissional seria maior para poucos, uma elite restrita, e “muito baixo” para a maioria.

Vejamos agora brevemente como é enfrentado dentro dos vários grupos o primeiro ponto, ou seja:

1) A perda de profissionalização com relação ao passado. “O advento tecnológico levou a um empobrecimento do crescimento profissional”, afirmam numa empresa.

“Eu não tenho nem a possibilidade de errar”, diz uma moça, “não posso mais organizar meu trabalho... Saber usar o computador significa, para mim, apertar um botão para ligá-lo e apertar teclas segundo programas pre-fixados... até um débil é capaz de aprender coisas assim”. Há quem diga “nosso trabalho ficou cada vez mais mecânico e repetitivo. Até as crianças sabem fazer hoje em dia o que nós fazemos”.

Para um operário, “as novas tecnologias simplificaram o trabalho: hoje muitos jovens podem fazer trabalhos que antes exigiam anos de especialização”.

Em alguns grupos pudemos identificar as possíveis causas dessa situação de “desqualificação profissional”.

a) As máquinas agora têm o papel que antes era do homem; textualmente: “Os cérebros não servem mais, porque a máquina já tem aquele saber que antes era dos operários”, “a máquina trabalha melhor e permite aquela flexibilidade produtiva que o homem não pode garantir”.

Em outra empresa afirma-se que “máquinas mais sofisticadas exigem menor formação e conhecimento por parte do usuário, do técnico e do programador”. “As mãos boas não adiantam mais”.

Também foram identificadas outras causas que determinaram essa situação de desqualificação profissional:

b) As opções de lucro de uma empresa, que, na opinião de alguns, vão “contra a profissionalização dos dependentes”.

c) O “parcelamento” do trabalho é um terceiro aspecto identificado, e bastante enfatizado por muitos participantes, como fonte, entre outras coisas, de desqualificação profissional.

A perda de profissionalização tem como consequências diretas para os trabalhadores:

1) Uma falta de identidade profissional: “Um operário trabalhando na fresa não assina mais o próprio nome, ele assina um operário da fresa”, alguém disse.

2) Uma identificação impossível com o próprio trabalho: "antes havia identificação, agora isso não é mais possível."

3) A inutilidade das experiências, das capacidades pessoais e do conhecimento, com a consequente seleção em detrimento das "gerações antigas" (vale observar que, em algumas empresas, pessoas de trinta anos são consideradas pertencentes às "gerações antigas").

Foi dito a esse respeito que "antigamente valia a experiência, agora não é mais assim". E mais: "a automação modificou o conceito de profissionalização: antes adquiria-se com o tempo de trabalho, agora não", "somos bons operários velhos--sabemos fazer muito bem coisas que agora não servem mais".

4) Outra consequência, que muitos identificam como causa de um profundo mal-estar, é a impossibilidade de ser criativo no trabalho: "você virou um introdutor de dados, o trabalho criativo fica por conta de outra pessoa."

Como já observamos, nem todos têm essa mesma opinião: há quem acredite que a introdução da informática determina um indubitável aumento de profissionalização; segundo um empregado, "eu me sinto mais profissional; quando penso no trabalho que os meus colegas faziam anos atrás, nos dias de trabalho que perdiam calculando umas quotas que hoje até uma criança pode calcular, me parece indubitável o atual aumento de profissionalização".

Outro acredita que "com o computador há um aumento de profissionalização porque aprendemos a usar um instrumento novo". E mais: "as novas tecnologias exigem maior elasticidade, maior preparação e flexibilidade, não é verdade que exigem menos profissionalização, pelo contrário; de fato, há uma discriminação das pessoas que não querem ou não conseguem acompanhar o passo? Em todo o caso, é menor o número daqueles que acreditam num nível profissional mais alto com as novas tecnologias.

Finalmente, em algumas empresas afirmou-se que a profissionalização diminuiu para muitos trabalhadores e aumentou apenas para um pequeno número: "está escorregando cada vez mais em direção da base e o afunilamento do vértice, sem figuras intermediárias", "na base faz-se um trabalho que não é considerado importante, e essa é uma opção de lucro e ponto final", "o operário torna-se um fiscal, o funcionário só faz trabalhar no terminal; só o analista possui a ciência."

Definitivamente, parece que, como foi observado em um grupo, "a superespecialização de poucos vem em detrimento da desqualificação da maioria... é um jogo de poder". Para concluir, parece-nos significativa a afirmação de um participante de um grupo a esse respeito: "o computador uniformiza o trabalho nos níveis de base, mas não prejudica quem, como eu, tem funções de responsabilidade."

Automação e administração

Alguns participantes tendem a precisar que a informática em si não é nem boa nem má. "O computador é um amontoado de ferros, é como a roda, uma coisa que o homem pode usar para si mesmo, só é preciso verificar

os níveis de uso" (IBM), "a informática em si não é negativa, depende de como é utilizada: quem a usa e para quê" (GD2), "... em alguns casos sua utilização não traz vantagens porque provoca o desemprego; em outros, facilita a introdução de mão-de-obra" (M1).

Nasce o confronto entre aqueles que sustentam a nocividade da informática e aqueles que sustentam a importância de seu uso: "Não existem ciências boas ou más, tudo depende de seu uso" (IBM).

A maioria defende que atualmente não se faz bom uso da informática, isso porque "é um instrumento de supercontrole, de condicionamento" (IBM), "a descentralização que a informática deixa transparecer é só aparente, pois na verdade a ela corresponde uma forte centralização do poder" (IBM).

"A informática não é democrática... não serve para dar autonomia, ela é centralizadora" (IBM), "a introdução da informática determinou um aumento vertiginoso da complexidade das coisas, da qual, no entanto, entendemos cada vez menos" (IBM), "as novas tecnologias são como o despejo: você tem que aceitar e acabou (GD1)", "o meio que fornece a informação sempre foi mitificado, (está escrito; o rádio disse), corremos o risco de que o computador também seja mitificado..." (IBM), "agora é administrado visando a aumentar o lucro" (W2).

"A classe dirigente... certamente não será capaz de administrar a transformação tecnológica para o bem do país" (IBM); em todo caso, "não somos mais capazes de voltar atrás. Se o computador quebrar não saberemos mais fazer o trabalho como antes" (IBM).

Para outros, no entanto, a informática tem aspectos positivos. "A automação alivia o esforço, e nesse sentido pode ser um instrumento de grande importância" (GD1), "não podemos transformar os novos instrumentos em demônios; o IRA, por exemplo, melhorou sua organização" (GD2).

Ou poderia tê-lo. "Se o poder político mudasse integralmente, o computador poderia ser positivo de cabo a rabo: trabalharíamos menos e com menos esforço", "o computador poderia ser utilizado de maneira diferente, a fim de tornar o trabalho mais agradável".

"Por que motivos o computador também não é usado visando à otimização do trabalho?..."

Enfim, quase todos gostariam de saber mais, sobretudo para poder ter uma participação mais direta na administração das novas tecnologias. "Não podemos interromper a automação, devemos, sim, lutar para poder administrá-la".

"Para poder administrar essa fase de transformação precisamos ter um maior conhecimento. Mas não me interessa saber como funciona o computador, e sim como é administrado o sistema, o cérebro." "Eu não sou contra a tecnologia porque acho que é uma evolução da sociedade. Tenho certeza de que mudando o sistema político, o governo do nosso país, nós poderíamos participar também da administração da automação" (W2).

"Não devemos ser passivos...," "é impossível porque para administrar uma situação é preciso conhecê-la, e para nós (a maioria de nós) a situação

é obscura”, “não é verdade que saber como funciona um terminal quer dizer saber como funciona a produção; você tem a impressão de ter poder, mas na verdade tem cada vez menos (GD1).

“O importante é apoderar-se dos instrumentos tecnológicos, usá-los contra o poder, controlar a situação; na Irlanda, por exemplo, eles usam o computador para organizar a guerrilha.” (GD2).

Automação e ocupação

O problema da ocupação foi abordado em todos os grupos. Em algumas empresas, porém, as menções a esse tema foram escassas e vagas (IBM, Marposs), enquanto em outras (Weber) estiveram entre os elementos centrais da discussão.

No conjunto, todas as opiniões tendiam ao pessimismo relativamente às futuras possibilidades ocupacionais e ressaltavam o fato de que a introdução da informática influirá negativamente no mercado de trabalho.

As duas empresas que abordaram o problema menos vezes (IBM e Marposs, num total de três grupos) demonstraram menos ansiedade ligada a esse tema, inclusive no plano dos conteúdos.

De fato, os participantes desses grupos viam a própria inserção nessas empresas como uma garantia de emprego: “Ficamos aqui porque temos segurança quanto ao nosso emprego e ritmos de trabalho em certos casos mais tranquilos”, diz um deles (IBM).

O problema parece colocar-se em termos de impedimento à mudança de atividade de trabalho: “Tentei sair dessa fábrica (Marposs) mas não achei nada melhor. E para sair daqui gostaria de ter a certeza de que o trabalho será diferente.”

“Eu só penso em mudar de emprego quando estou lá dentro; quando saio não penso mais nesse problema. O trabalho só serve para me dar condições de viver, depois o meu lazer é fora do computador”, dizem em outro grupo (Marposs).

Ou então (ainda na Marposs), a ocupação parece mais ligada ao tipo de organização da empresa do que à introdução da informática. “Na empresa em que trabalho (Marposs) há uma elevada rotatividade de pessoal; a média de permanência é de dois ou três anos. Não existem pessoas idosas no quadro de pessoal: os mais velhos estão na Marposs há cerca de 12 anos.”

“Na fábrica convém admitir pessoas jovens porque o trabalho aprende-se em pouquíssimo tempo; além disso, os empregados novos trabalham com mais entusiasmo e adaptam-se melhor ao tipo de trabalho executado.”

Parece que nesses grupos, enfim, o problema ocupacional nunca emerge como uma coisa que envolve os próprios participantes. Apesar disso, esses trabalhadores exprimem pessimismo sobre o efeito que a informática terá sobre o mercado de trabalho para o resto da sociedade: “Os aspectos realmente trágicos da automação são o aumento do desemprego e do fundo especial de garantia para trabalhadores encostados.”

“Os lados negativos da automação são o aumento do desemprego e o fato de ter que fazer um trabalho completamente diferente do anterior”

(Marposs).

Nos dois grupos de uma terceira empresa (GD), ao contrário, nunca é expressa uma verdadeira segurança no próprio emprego, introduz-se o problema da autodemissão, mais ou menos imposta pela empresa, e o pessimismo sobre o futuro em geral surge mais vezes: “Só trabalharão os operadores de computadores e os operários às voltas com parafusos”, dizem. “A sociedade não será mais baseada no trabalho.”

E mais: “Mesmo se eu ficar na GD, lá fora haverá filas de desempregados olhando para nós com raiva.”

Raramente, porém, os participantes desses dois grupos denunciavam um medo pessoal de perder o emprego ou o desconforto que esse perigo provoca: “O nosso emprego não tem mais sentido, desaparecerá... o que é que eu vou fazer?”, diz outro funcionário dessa empresa.

“O fundo especial de garantia posterior à automação leva ao suicídio: somos expulsos por uma máquina.”

Na discussão dos participantes da quarta empresa (Weber), finalmente, o problema envolveu diretamente os próprios participantes, que manifestaram explicitamente e, às vezes, dramaticamente a própria ansiedade com relação à possibilidade de manter o emprego.

Os únicos esboços de esperança, muito poucos, para dizer a verdade, estavam ligados a uma desejada possibilidade de participar da administração da informática: “Se procurarmos aumentar ao mesmo tempo a produtividade e a qualidade dos produtos e serviços, então talvez consigamos aumentar também a ocupação.” Ou à sorte: “Faz muito tempo que a empresa não admite ninguém, por isso nós ainda estamos trabalhando, temos alguma esperança de não sermos demitidos.”

A maior parte das opiniões nesses grupos, porém, ressaltavam a gravidade sempre crescente do problema ocupacional ligado também, mas não só à introdução da informática: “Eu acho que o problema do desemprego será sempre maior. Nos próximos anos, o problema será cada vez mais como dar trabalho às pessoas.”

“O problema é que se a empresa não incorporar a transformação tecnológica, perderá o passo com o mercado e haverá demissões, mas quando ela introduz a informática não faz isso para garantir a ocupação e sim para aumentar o lucro, de maneira que haverá demissões do mesmo jeito.”

“Eu acho que essa transformação será conduzida para mandar para casa os operários que incomodam mais. Eu sei expulso porque sou sindicalista. Em todo caso, não acredito que a automação poderia criar novos empregos: a Fiat demitiu 50 mil dependentes; onde é que ela poderia colocá-los?”

Nesses grupos, assim como (numa medida menor) na empresa vista acima (GD), quando esse tema é abordado vêm à tona medos e angústias pelo futuro do mundo: “Vão sobrar só um computador e uma pessoa trabalhando do nele em todas as fábricas.”

“O mundo será governado por dez ou doze computadores que decidirão sobre o trabalho e a sorte de áreas geográficas inteiras.”

“Estou muito preocupado porque os desempregados aumentam cada vez mais, e quando há muitos desempregados sempre explode uma guerra.”

O sindicato

O problema do sindicato foi abordado de maneiras muito diferentes nas várias empresas, tanto no número de vezes em que apareceu quanto com os conteúdos expressos nas opiniões dos participantes.

Todas as opiniões divergiam de acordo em afirmar que o sindicato está em crise, mas as posições divergiam a respeito das razões dessa crise.

Alguns (na Weber) tentaram, pelo menos no começo, defender a ação do sindicato: “Considerando as dificuldades dos últimos anos, o balanço pode ser positivo porque defendemos nossas conquistas como trabalhadores”, posição essa que mudou no curso dos encontros sucessivos.

Em outras empresas via-se uma impossibilidade de o sindicato acompanhar as velozes transformações devido ao despreparo dos dirigentes: “Nesses últimos anos o sindicato não foi claro em sua resposta à introdução do computador dentro dos interesses dos trabalhadores, pois era composto por pessoas que não entendiam nada de computadores e não tinham os instrumentos adequados e um conhecimento dos problemas que lhes permitissem dar respostas concretas. Essa é uma fase de transição.” (Marposs).

Mas dentro do mesmo grupo alguém responde que o problema é da lógica política subjacente: “O sindicato não mexeu um dedo para propor alternativas a favor dos trabalhadores: cometeu o erro de agir com a mesma lógica dos patrões.”

Essa atitude também pode ser encontrada em outros grupos (Weber): “O sindicato salvaguardou mais as lógicas políticas que os interesses dos trabalhadores.”

“Talvez eles queiram que nós paguemos o preço para salvar aquela pequena parte da economia que não está podre.”

A maneira como é vivida essa crise também varia muito nas várias empresas. Nas situações em que o tema veio à tona menos vezes, o sindicato é visto como algo externo cuja intervenção pode ser exigida: “Podíamos considerar a hipótese da intervenção do sindicato para tornar mais viável o trabalho com o computador.” (Marposs).

Ou como uma entidade em crise que devemos ajudar: “Estou aqui porque acredito que o sindicato está passando por um momento de grande necessidade”, ou ainda como um corpo totalmente estranho ao problema da informática cujo significado não é conhecido. Os seguintes fragmentos de um diálogo são explicativos a esse respeito (da GD):

“A luta política ainda é possível?”

“Não, o problema é individual!”

“Não existe mais memória histórica coletiva, como propagá-la?”

Universidade de São Paulo

Biblioteca da Escola Politécnica

100

65035

“Não existe mais o discurso coletivo, cada um vive por si... e é pior!”

“Tudo está mudando... eu só espero que as novas tecnologias também mudem o sindicato.”

“Afinal de contas, o que é que o sindicato tem a ver com tudo isso? Ele ainda tem que existir?”

“E o conselho de fábrica serve para quê?”

Numa dessas empresas (IBM), o problema aparece misturado com o forte isolamento e a impossibilidade de ter relações de solidariedade: “Acho que esse grupo deve ser o nível máximo de socialização sindical possível na nossa empresa. Havia outros dez que também estavam interessados, mas não puderam vir?”

“Não podemos ter relações de amizade, nossos problemas são de defesa da individualidade?”

Na fábrica em que esse problema surgiu mais vezes as posições foram bastante variadas, mas essencialmente críticas da ação e organização interna do sindicato.

Foram apresentadas propostas de radical transformação da organização do próprio sindicato: “É preciso fundar um novo sindicato tanto dentro quanto fora das fábricas. E novos conselhos de fábrica também.”

“É preciso colocar dirigentes para trabalhar nas fábricas, e não trabalhadores no sindicato: assim perdem contato com a base!”

Exige-se do sindicato que sejam realizados cursos de preparação profissional: “O padrão não nos ensina a usar as novas tecnologias porque nos quer ignorantes: o sindicato deveria fazer isso organizando cursos para os trabalhadores.”

“É exigida uma nova forma de comunicação base-vértice e é expressa a idéia de fazer grupos análogos a esses para falar dos problemas do sindicato.”

Finalmente, emerge uma sensação de perda e de incerteza cuja causa poderia ser a ausência de uma relação adequada com o sindicato, entre outras: “Não temos mais pontos de referência”, “a gente se sente só; não temos mais nossa organização”, “a gente se sente como uma mercadoria sempre à venda.”

O que fazer?

O problema “do que podemos fazer” para enfrentar melhor as “novas tecnologias”, para tirar vantagem da introdução da informática, ou ter desvantagens menores comparando ao que parece ser para muitos a situação atual é enfrentado especialmente por dois grupos da mesma empresa (GD), apenas mencionado em outros e nem sequer mencionado em outros dois grupos.

Como veremos, várias posições bem precisas evidenciam-se frente a esse problema: alguns privilegiam soluções estritamente individuais, como maior cultura pessoal, maior preparo, maior adaptação, etc. Alguns levam em consideração a possibilidade de soluções coletivas que, por diversos motivos, atualmente parecem inexistentes ou ineficazes. A impossibilidade de fazer frente a essa situação em termos reais, por outro lado, emerge de outras soluções pro-

101

postas: procurar alternativas fora do local de trabalho, mudar de emprego, procurar em outro lugar situações gratificantes etc., soluções que, afinal, parecem evitar o problema.

Examinemos agora alguns aspectos que surgiram dentro dos grupos de discussão:

1) *Informação, cultura e conhecimento* como instrumentos para fazer frente ao avanço da informática.

"A informática não é transformada em demônio", alguém disse, "porque é indispensável. Mas também é indispensável ser informado; sem informação não existe liberdade. A informática em si não fecha nenhum caminho. Hoje devemos lutar por um direito à informação."

Há quem observe que "a única maneira de não ter medo das novas tecnologias é ter uma cultura; eu faço cursos, me mantenho informado e atualizado, em todo caso esse é um problema individual".

"Saber é poder", dizem na mesma empresa, reforçando a importância da cultura, da inteligência...: "É impossível isolar uma pessoa inteligente."

Para alguns a importância do conhecimento também está ligada à possibilidade de "controlar os fiscais", como foi afirmado, no sentido que pode garantir uma "maior administração dos tempos de trabalho, um maior conhecimento dos programas, etc."

O discurso da cultura, do conhecimento, etc. teria como consequência direta uma *administração* diferente das novas tecnologias que em sua melhor aceção poderia levar, como foi observado, a uma série de aspectos positivos para os trabalhadores, como:

- diminuição do horário de trabalho;
- maior tempo livre;
- maior produtividade e riqueza para todos;
- melhor qualidade da produção;
- criação de um número maior de empregos.

Para outros o problema é diferente, não é a cultura, a capacidade profissional que podem servir, mas apenas a:

2) *Capacidade de adaptação*: "todo o resto não conta."

Como já observamos, alguns levam em consideração soluções coletivas: socialização para superar a desunião criada pela nova organização do trabalho", dizem numa empresa. "Deveria existir maior solidariedade entre os trabalhadores." Outro afirma: "É preciso mudar o relacionamento com o terminal, e isso só pode ser feito se mudarem as relações interpessoais."

Em alguns grupos, emerge da discussão uma vivência de impotência frente ao problema que tem de se enfrentar, e as únicas possibilidades parecem ser soluções externas:

4) *Autodemissões, espaços fora do local de trabalho, etc.*: "A única alternativa é ir embora; na nossa empresa houve várias autodemissões." Ou então: "Precisamos procurar valores alternativos àqueles propostos na empre-

sa." Em outro grupo fala-se de atividades relaxantes fora do trabalho que com-
pensem o resto.

Parece-nos interessante, finalmente, repetir das observações a nosso ver significativas: "Quem não se robotizar será cortado" e "Para poder trabalhar com as novas tecnologias seria necessária uma mentalidade adequada: um robô é o único que pode ter essa mentalidade adequada para tolerá-las, para um homem isso é impossível!"

TERMOS E CONCEITOS

*Os termos deste capítulo foram retirados da Enciclopedia della psicanalisi de Jean Laplanche e Jean Baptilist Pontalis, aos cuidados de Giancarlo Fuá, Laterza, Bari-Roma, 1968, 1981, 5ª ed. a quem agradecemos. * Os conceitos (com exceção do termo adaptação, que foi retirado da Enciclopedia Einaudi, aos cuidados de R.C. Lewontin, vol. I, 1977) foram cortados para funcionarem melhor dentro dos objetivos deste aparato didático. O leitor encontrará neste capítulo 32 definições relativas aos principais termos e conceitos que foram usados pelo autor no texto lido e que ele não pôde explicar no decorrer do próprio texto. Aconselhamos a consulta da edição acima àqueles que gostariam de ler integralmente as definições ou aprofundar o assunto. (NDR)*

Acting out - Agir

Termo usado na psicanálise para designar as ações que apresentam um caráter impulsivo de rompimento com os sistemas de motivação habituais do sujeito e que assumem uma forma de auto ou heteroagressividade.

A gama de atos englobados pelo noção de *acting out* é muito ampla; trata-se de ações com caráter impulsivo, mal motivadas aos olhos do próprio sujeito, num processo de rompimento com seu comportamento habitual, ainda que a ação em questão seja posteriormente racionalizada.

No decorrer de uma psicanálise foi observado que existe uma relação entre atos impulsivos e dinâmica da cura. Os mesmos atos podem aparecer no curso das técnicas de grupos.

* Ver as referências bibliográficas da edição brasileira na BIBLIOGRAFIA. (N. da T.)

A respeito do verbo inglês *to act out*, observe-se que quando é usado transitivamente pertence ao campo do teatro. *To act a play* = representar uma peça; *to act a part* = desempenhar um papel. A preposição *out* acrescenta dois sentidos: exteriorizar, exibir o que se supõe estar dentro de si, e executar rapidamente até a consumação da ação (*to carry out* = levar a termo; *to sell out* = vender tudo, esgotar).

O sentido original, puramente espacial, da posposição de *out* induziu alguns psicanalistas a entender erroneamente *acting out* como ato realizado fora da sessão psicanalítica e a opô-lo a um *acting in* que interviria no decorrer da sessão. Se quisermos expressar essa oposição devemos falar em *acting out outside of psychoanalysis* ou *in the analytic situation*.

Adaptação

Para Darwin, a origem das espécies é o resultado de um incessante processo de adaptação. Mas a adaptação não caracteriza apenas a evolução das formas de vida; ela também aparece na teoria cultural como funcionalismo. É o conceito da existência de certos problemas que os organismos e as sociedades devem resolver e do fato de que as formas atuais de organização biológica e social são soluções para esses problemas.

O conceito de adaptação implica a preexistência de uma forma, um problema ou um ideal ao qual as coisas se conformam mediante um processo dinâmico. O processo é a adaptação, e o resultado final é a condição de estar adaptado.

Todavia, a idéia de que o ambiente externo se modifica e é seguido pelos organismos não leva em conta o efeito que estes têm sobre aquele. Na realidade o ambiente é um produto do organismo, exatamente como o organismo é um produto do ambiente.

Na evolução humana, a adaptação do ambiente ao organismo tornou-se a forma dominante. A invenção cultural substitui a mutação genética como fonte de variação. A partir da relação usual, em que prevalecia a lenta adaptação genética a um ambiente que mudava de maneira quase independente, a linha que leva ao *Homo sapiens* alcança um estágio em que a atividade consciente faz com que a adaptação do ambiente às necessidades do organismo se torne parte integrante da evolução da espécie. Como observou Engels (1876), a mão humana é um produto da atividade humana pelo mesmo tanto quanto é um instrumento dessa atividade.

Afeito

Termo tomado da terminologia psicológica alemã para a psicanálise (*affekt*). Indica os estados afetivos, penosos ou agradáveis, tanto sob a forma de descarga quanto de tonalidade geral. Segundo Freud, toda pulsão exprime-se como afeto e como representação.

O conceito de afeto assume grande importância já nos primeiros trabalhos de Breuer e Freud (*Estudos sobre a histeria - Studien über Hysterie* 1895) sobre a psicoterapia da histeria e o valor terapêutico da ab-reação. A origem do sintoma histerico é procurada num evento traumático ao qual não pôde corresponder uma descarga adequada (afeto bloqueado).

Somente se a evocação da lembrança provocar o revivescimento do afeto ao qual estava ligada originalmente é que a reminiscência adquire sua eficácia terapêutica.

O estudo da histeria, portanto, mostra, segundo Freud, que o afeto não está necessariamente ligado à representação: sua separação (afeto sem representação, representação sem afeto) confere para cada um deles um destino diferente. Freud indica diversas possibilidades de transformação do afeto: "Conheço três mecanismos: 1) conversão do afeto (histeria de conversão), 2) deslocamento do afeto (obsessão), 3) transformação do afeto (neurose de angústia, melancolia)".

O problema é tratado sistematicamente por Freud em seus escritos metapsicológicos (*O recalçamento - Die Verdrängung*, 1915; *O inconsciente Das Unbewusste*, 1915). Nesses o afeto é definido como a tradução subjetiva da quantidade de energia pulsional. Freud distingue nitidamente, nesses escritos, o aspecto subjetivo do afeto e os processos energéticos que o condicionam. Note-se que, paralelamente ao termo "afeto", ele emprega o termo "quantum de afeto" (*Affektbetrag*), entendendo por ele o aspecto propriamente econômico: o quantum de afeto "corresponde à pulsão na medida em que esta destacou-se da representação e encontra uma expressão adequada à sua quantidade em processos que nós percebemos como afetos".

Agressividade

Tendência ou conjunto de tendências que atuam em condutas reais ou fantasmáticas visando prejudicar outra pessoa, destruí-la, forçá-la, humilhá-la, etc. A agressão também assume modalidades diferentes da ação motora violenta e destruidora: não há conduta, quer negativa (rejeitar assistência, por exemplo) quer positiva, simbólica (frônica, por exemplo) quer ainda reativada afetivamente que não possa funcionar como agressão. A psicanálise deu uma importância crescente à agressividade, mostrando que ela entra em ação muito cedo no desenvolvimento do sujeito e enfatizando o jogo complexo de sua fusão e desfusão com a sexualidade.

Esse desenvolvimento teórico culmina com a tentativa de procurar um substrato pulsional único e fundamental da agressividade no conceito de pulsão de morte.

A observação clínica mostra que as tendências hostis são particularmente fortes em algumas afecções (neurose obsessiva, paranoia).

O conceito de ambivalência também indica a coexistência no mesmo plano do amor e do ódio, se não no nível metapsicológico mais fundamen-

tal, pelo menos na experiência. Vale lembrar a análise que Freud fez da piada, em que declara que "...quando não se esgota em si mesma, isto é, quando não é inofensiva, só pode colocar-se a serviço de duas tendências (...): ou é uma piada hostil (que serve à agressão, à sátira, à deteza) ou é uma piada obscena...."

A teoria explícita de Freud acerca da agressividade pode se resumir com as seguintes palavras: "Uma parte [da pulsão de morte] é colocada diretamente a serviço da pulsão sexual, na qual desempenha um papel importante: é este o sadismo propriamente dito. Outra parte não acompanha esse desvio para o exterior, mas permanece no organismo ao qual está ligada libidinalmente mediante a excitação sexual que a acompanha (...); nisso reconhecemos o masoquismo originário, erótico."

As manifestações de agressividade, que assumem uma importância cada vez maior para Freud, têm um caráter de auto-agressão: luto e melancolia, "sentimento de culpa inconsciente", "reação terapêutica negativa", etc., fenômenos que induzem-nos a falar das "misteriosas tendências masoquistas do ego".

Ambivalência

Presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, atitudes e sentimentos opostos, especialmente o amor e o ódio.

A ambivalência pode ser evidenciada sobretudo em certas afecções (psicose, neurose obsessiva) e estados (ciúme, luto).

Caracteriza algumas fases da evolução libidinal em que coexistem o amor e a destruição do objeto (fases oral-sádica e anal-sádica).

Nos trabalhos de Melanie Klein que se ligam aos de Abraham, o conceito de ambivalência é fundamental. Para ela, a pulsão é sem dúvida ambivalente: o "amor" do objeto não se separa de sua destruição; a ambivalência torna-se então uma qualidade do próprio objeto contra o qual o sujeito luta dividindo-o em objeto "bom" e objeto "mau": um objeto ambivalente, que seja ao mesmo tempo idealmente benéfico e fundamentalmente destruidor, não pode ser tolerado.

Vale lembrar que Freud, no final de sua obra, tende a dar à ambivalência maior importância na clínica e na teoria do conflito. O conflito edípiano, em suas raízes pulsionais, é considerado um conflito de ambivalência (*Ambivalenzkonflikt*), e uma de suas principais dimensões é a oposição entre "... um amor bem fundado e um ódio não menos justificado, ambos dirigidos para a mesma pessoa". Nessa perspectiva, a formação dos sintomas neuróticos é concebida como tentativa de dar uma solução para esse conflito: a fobia, por exemplo, desloca um dos componentes, o ódio, para um objeto substitutivo; a neurose obsessiva tenta remover o impulso hostil reforçando o movimento libidinal sob a forma de formação reativa.

Angústia automática

Reação do sujeito numa situação traumática, ou seja, quando é submetido a um fluxo de excitações, de origem externa ou interna, que é incapaz de dominar. A angústia automática opõe-se, para Freud, ao sinal de angústia. A expressão é introduzida na revisão a que Freud submete sua teoria da angústia em *Inibição, sintoma e angústia* (Hemming, *Symptom und Angst*, 1926), onde é relacionada à noção de sinal de angústia. Nos dois casos, "... como fenômeno automático e como sinal de alarme, a angústia deve ser considerada um produto do estado de desamparo psíquico do lactente, que obviamente corresponde a seu desamparo biológico". A angústia automática é uma resposta espontânea do organismo a essa situação traumática ou a sua reprodução.

Por "situação traumática" devemos entender um afluxo incontrollável de excitações muito numerosas e intensas: é uma idéia antiga de Freud, encontrada já em seus primeiros escritos sobre a angústia, onde é definida como resultante de uma tensão libidinal acumulada e não descarregada.

O termo "angústia automática" indica um tipo de reação independente do caráter interno ou externo da origem das excitações traumáticas.

Angústia ante um perigo real

Termo (*Realangst*) usado por Freud no quadro de sua teoria da angústia: a angústia frente a um perigo externo que constitui para o sujeito uma ameaça real.

O termo alemão *Realangst* é introduzido em *Inibição, sintoma e angústia* (Hemming, *Symptom und Angst*, 1926). Pode prestar-se a vários mal-entendidos que o equivalente italiano por nós proposto procura eliminar. (*)

Em *Realangst*, *Real* é substantivo e não qualifica a própria angústia, mas sim indica o que a motiva. A angústia frente a um perigo real opõe-se à angústia frente à pulsão.

Para alguns autores, especialmente para Anna Freud, a pulsão só seria causadora de angústia na medida em que ameaça suscitar um perigo real, enquanto a maioria dos psicanalistas acreditam na existência de uma ameaça pulsional geradora de angústia.

Sem examinar a teoria freudiana da angústia, percebe-se que o termo *Angst* em alemão e em seu uso freudiano não corresponde exatamente ao termo "angústia".

Expressões correntes como *Ich habe Angst vor...* são traduzidas por "tenho medo de...". A contraposição muitas vezes admitida entre medo, que teria um objeto determinado, e angústia, que seria definida pela ausência de objeto, não corresponde exatamente às distinções freudianas.

* Mesmo caso do português (italiano: "angoscia"; português: "angústia"), N. da T.

Atividade - Passividade

Uma das duplas de opostos fundamentais da vida psíquica. Ela especifica determinados tipos de alvos pulsionais. Considerada do ponto de vista genético, a posição ativo-passivo teria prioridade com relação às posições posteriores em que será articulada: fálico-castrado e masculino-feminino.

Embora para Freud a atividade e a passividade sejam principalmente modalidades da vida pulsional, isso não significa que se possam opor pulsões ativas e pulsões passivas. Pelo contrário, Freud enfatizou, especialmente em sua polêmica com Adler, que a pulsão é ativa por definição: "... toda pulsão é um fragmento de atividade; quando se fala, sem o devido cuidado, em pulsões passivas, só se pode querer dizer pulsões com alvo passivo".

Os psicanalistas observam essa passividade do alvo nos exemplos privilegiados em que o sujeito quer ser maltratado (masoquismo) ou quer ser visto (exibicionismo). O que deve-se entender aqui por passividade? É necessário distinguir dois níveis: o comportamento manifesto e os fantasmas subjacentes. No comportamento, é claro que o masoquista, por exemplo, responde à reivindicação pulsional com uma atividade a fim de se colocar na situação de satisfação.

Mas a última fase do seu comportamento só é alcançada se o sujeito puder encontrar-se numa posição que o coloque à mercê do outro.

No nível dos fantasmas, pode-se mostrar que qualquer posição passiva é inseparável de seu oposto; no masoquismo, por exemplo, "... o ego passivo reconduz-se, com a fantasia, ao lugar (...) agora entregue ao sujeito estranho? Nesse sentido poderíamos encontrar, no nível do fantasma, a presença simultânea ou alternada dos dois termos: atividade e passividade.

Conflito psíquico

Fala-se de conflito na psicanálise quando contrapõem-se no sujeito exigências internas contrastantes. O conflito pode ser manifesto (entre um desejo e uma exigência moral, por exemplo, ou entre dois sentimentos contraditórios) ou latente; este pode exprimir-se de maneira deformada no conflito manifesto e concretizar-se em sintomas, desordens da conduta, distúrbios do caráter, etc. A psicanálise considera o conflito constitutivo do ser humano sob vários aspectos: conflito entre desejo, conflito entre os vários sistemas ou instâncias, conflitos entre as pulsões e, enfim, o conflito edipiano, em que não só enfrentam-se desejos contrastantes, mas estes também se opõem à proibição.

Se examinarmos em sua totalidade a evolução das idéias de Freud sobre o conflito psíquico, notaremos que ele procura sempre reduzir o conflito a um dualismo irreduzível, fundado, em última análise, num antagonismo quase mítico entre duas grandes forças contrastantes, e que um dos pó-

los do conflito é sempre a sexualidade, enquanto o outro muda nas várias fases do pensamento freudiano ("ego", "pulsões do ego", "pulsões de morte").

Desamparo. Estado de desamparo

Termo da linguagem comum que assume na teoria freudiana um sentido específico: estado do lactente que depende completamente dos outros para a satisfação de suas necessidades (sede, fome), sendo incapaz de realizar a ação específica para pôr fim à tensão interna.

Para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia.

A palavra *Hilfslosigkeit* (= estado de extrema necessidade de ajuda), referência constante em Freud, merece ser colocada em evidência e traduzida com um termo único. Propomos "estado de desamparo", ao invés de "desamparo" simplesmente, a fim de enfatizar o aspecto objetivo da incapacidade do recém-nascido humano, que não é capaz de empreender uma ação coordenada e eficaz; é essa incapacidade que Freud denomina *motorische Hilfslosigkeit*.

A idéia de um estado de desamparo inicial é a base de considerações de várias ordens.

1) No plano genético, permite compreender o valor fundamental da "experiência de satisfação", sua reprodução alucinatória e a diferenciação entre processo primário e secundário.

2) O estado de desamparo, do qual deriva a total dependência da criança da mãe, determina a onipotência desta e influencia de maneira determinante, assim, a estruturação do psiquismo, destinado a constituir-se completamente na relação com o outro.

3) No quadro de uma teoria da angústia, o estado de desamparo torna-se o protótipo da situação traumática; em *Inibição, sintoma e angústia* (*Hemmung, Symptom und Angst*, 1926), por exemplo, Freud reconhece um caráter comum nos "perigos internos": perda ou separação que provoca um aumento gradual da tensão, até que o sujeito se sente incapaz de dominar as excitações e é por elas atropelado -- é esse estado que gera o sentimento de desamparo.

4) Note-se, enfim, que Freud liga explicitamente o estado de desamparo à prematuração do ser humano: sua "... existência intra-uterina parece relativamente abreviada em comparação à da maioria dos animais; ele é mantido ao mundo menos preparado. A influência do mundo externo, portanto, é reforçada, a diferenciação do ego do id desenvolve-se precocemente, a importância dos perigos do mundo externo aumenta, e o valor do objeto que é capaz de proteger sozinho contra esses perigos e de substituir a vida intra-uterina cresce enormemente. Esse fator biológico, então, estabelece as pri-

meiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que nunca mais abandonará o homem."

Desejo

Antes de mais nada, observe-se que o termo "desejo" não tem o mesmo valor de uso do termo alemão *Wunsch*, ou do termo inglês *wish Wunsch*, está mais próximo da aspiração, do voto formulado, enquanto o desejo evoca um movimento de concupiscência ou de cobiça, que em alemão chamamos de *Begierde* ou *Lust*.

Freud não identifica a necessidade com o desejo: a necessidade, pronunciada por um estado de tensão interna, encontra sua satisfação (*Befriedigung*) com a ação específica que fornece o objeto adequado (por exemplo, comida); o desejo está intrinsecamente ligado a "traços mnésicos" e tem sua realização (*Erfüllung*) na reprodução alucinatória das percepções que se tornaram sinais dessa satisfação. Essa diferença, porém, não é sempre tão clara na terminologia de Freud. Em alguns textos encontramos o termo composto *Wunschbefriedigung*.

J. Lacan procurou dar nova ênfase à descoberta freudiana sobre o conceito do desejo, recolocando-o em primeiro plano na teoria analítica. Nessa perspectiva, foi induzido a distingui-lo de conceitos com os quais muitas vezes é confundido, como a necessidade e a exigência.

A necessidade visa a um objeto específico e satisfaz-se com ele.

A exigência é formulada e dirigida para outros: se ainda diz respeito a um objeto, este não é essencial para ela, pois a exigência articulada é essencialmente exigência de amor. O desejo nasce do afastamento entre a necessidade e a exigência; é irreduzível à necessidade, já que não consiste numa relação com um objeto real, independente do sujeito, mas sim com o fantasma; é irreduzível à exigência, na medida em que tenta impor-se sem levar em conta a linguagem e o inconsciente do outro e exige um reconhecimento absoluto.

Defesa

A defesa em geral incide na excitação interna (pulsão) e, de preferência, numa representação (lembrança, fantasia) ligada à excitação ou numa situação capaz de provocá-la, na medida em que essa excitação é incompatível com o equilíbrio interno e, portanto, desagradável para o ego.

A defesa também pode ser dirigida contra os afetos desagradáveis, que são motivos ou sinais da defesa.

O processo defensivo utiliza determinados mecanismos de defesa mais ou menos integrados no ego.

Assinalada e permeada pela pulsão, contra a qual é dirigida em última análise, muitas vezes a defesa assume um aspecto compulsivo e atua pelos meios parcialmente de maneira inconsciente.

Quaisquer que sejam as diversas modalidades do processo defensivo na histeria, na neurose obsessiva, na paranóia, etc., os dois pólos do conflito são sempre o ego e a pulsão. É contra uma ameaça interna que o ego tenta proteger-se. Essa concepção, embora sempre revalidada pela experiência clínica, coloca um problema teórico que Freud sempre teve em mente: como é possível que a descarga pulsional destinada por definição a fornecer prazer seja percebida como desprazer ou ameaça de desprazer a ponto de provocar uma defesa?

A diferenciação tópica do aparato psíquico permite afirmar que aquilo que é prazer para um sistema é desprazer para outro (o ego), mas essa re-partição dos papéis exige que se indique os motivos que podem induzir algumas exigências pulsionais a serem contrárias ao ego.

Qual é a moia propulsora fundamental da defesa do ego? Por que o ego percebe como desprazer um movimento pulsional? Essa pergunta, fundamental na psicanálise, pode ter várias respostas, não necessariamente excludentes. Uma primeira distinção que se faz em geral diz respeito à origem do perigo iminente na satisfação pulsional: pode-se considerar a pulsão em si perigosa para o ego, como agressão interna, ou pode-se atribuir todo perigo, em última análise, à relação do indivíduo com o mundo externo e só considerar a pulsão perigosa para os danos reais que sua satisfação corria o risco de provocar.

Exame de realidade

Processo postulado por Freud que permite ao sujeito distinguir os estímulos provenientes do mundo externo dos estímulos internos e impedir a possível confusão entre aquilo que o sujeito percebe e aquilo que lhe é apenas representado, confusão essa que seria a origem da alucinação.

Fantasma. Fantasia

O termo alemão *Phantasie* designa a imaginação. Não tanto a faculdade de imaginar no sentido filosófico do termo (*Einbildungskraft*) quanto o mundo imaginário, seus conteúdos, a atividade criadora pela qual é animado (*Das Phantasieren*). Freud retomou esses usos diversos da língua alemã.

Em italiano, o termo “fantasma” foi revivido pela psicanálise, de modo que está mais carregado de ressonâncias psicanalíticas do que seu equivalente alemão. Além disso, não corresponde exatamente ao termo alemão, já que sua extensão é mais limitada; de fato, designa uma formação imaginária específica, e não o mundo dos fantasmas, a atividade imaginativa em geral. Este último sentido é melhor expresso em italiano com o termo “fantasia”.

Quando fala em *Phantasien*, Freud refere-se sobretudo a sonhos diurnos, cenas, episódios, romances, simulações que o sujeito cria e conta para si mesmo no estado de vigília. Nos *Estudos sobre a histeria (Studien über*

Hysterie, 1895) Breuer e Freud mostraram a frequência e a importância dessa atividade fantasmática no histórico, considerando-a muitas vezes “inconsciente”, ou seja, realizada no curso de estados hipnóides.

Em *A interpretação dos sonhos (Die Traumdeutung*, 1900), Freud ainda descreve os fantasmas no modelo dos sonhos diurnos. Analisa-os como formações de compromisso e mostra que sua estrutura é comparável à do sonho. Esses fantasmas ou sonhos diurnos são utilizados pela elaboração secundária, que é o fator do trabalho do sonho que mais se aproxima da atividade vigilante.

Ideal do ego

Em *Psicologia das massas e análise do Eu (Massenpsychologie und Ich-Analyse*, 1921), a função do ideal do ego é colocada em primeiro plano. Freud vê nele uma formação nitidamente diferenciada do ego que permite explicar, entre outras coisas, o fascínio amoroso, a dependência do hipnotizador e a submissão ao líder, casos em que o sujeito coloca no lugar do seu ideal do ego uma pessoa estranha.

Esse processo é básico para a constituição do grupo humano. o ideal coletivo extrai sua eficácia de uma convergência dos “ideais do ego” individuais: “... determinado número de indivíduos colocaram o mesmo objeto no lugar do seu ideal do ego, identificando-se entre si no próprio ego”; além disso, esses indivíduos, depois de identificações com os pais, os educadores, etc., são os depositários de um certo número de ideais coletivos: “Cada indivíduo faz parte de vários grupos, está ligado por identificação de vários lados e construiu seu ideal do ego segundo os mais variados modelos.”

Idealização

Processo psíquico através do qual as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição. A identificação com o objeto idealizado contribui para a formação e o enriquecimento das instâncias ideais da pessoa (ego ideal, Ideal do ego).

É com relação à noção de narcisismo que Freud é induzido a definir a idealização, que ele já havia mostrado em ação, especialmente na vida amorosa (supervalorização sexual). Distingue-a da sublimação, que “... é um processo ligado à libido objetal e consiste no fato de que a pulsão dirige-se para outro alvo distante da satisfação sexual (...). A idealização é um processo que diz respeito ao objeto, o qual é engrandecido e exaltado psiquicamente sem ter sua natureza mudada. A idealização é possível tanto no campo da libido do ego quanto no da libido objetal.”

A idealização, sobretudo a dos pais, faz necessariamente parte da constituição, dentro do sujeito, das instâncias ideais (ver ego ideal, Ideal do ego). Mas não é sinônimo da formação dos ideais da pessoa, já que pode estar li-

gada a um objeto independente, como no caso da idealização de um objeto amado.

Note-se, no entanto, que até nesse caso a idealização tem a marca do narcisismo: “Vemos que o objeto é tratado como o próprio ego e que, portanto, na paixão amorosa, uma quantidade relevante de libido narcísica volta-se para o objeto.”

Identificação

Processo psicológico através do qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo de outra pessoa e se transforma, total ou parcialmente, no modelo desta. A personalidade constitui-se e diferencia-se através de uma série de identificações.

Já que o termo “identificação” pertence tanto à linguagem corrente quanto à linguagem filosófica, convém antes precisar, de um ponto de vista semântico, os limites de seu uso no vocabulário da psicanálise.

O substantivo “identificação” pode ser tomado ora num sentido transitivo, correspondente ao verbo “identificar”, ora num sentido reflexivo, correspondente ao verbo “identificar-se”.

“A) Ação de identificar, isto é, de reconhecer como idêntico, seja numericamente, como a identificação de um bandido, ou por natureza, como quando reconhecemos um objeto como pertencente a determinada categoria (...), ou ainda quando consideramos uma categoria de fatos como assímlável a outra (...).”

“B) Ato em que um indivíduo torna-se idêntico a outro, ou em que dois seres tornam-se idênticos (no pensamento ou na realidade, totalmente ou *se-cundum quid*).”

Ambas as acepções estão presentes em Freud. Ele descreve como característico do trabalho do sonho o procedimento que traduz a relação de semelhança, o “exatamente como se”, como uma substituição de uma imagem por outra ou “identificação”.

Na psicanálise, o termo “identificação” remete principalmente ao sentido de “identificar-se”.

A exposição mais complexa que Freud tentou fazer sobre o assunto encontra-se no capítulo VII de *Psicologia das massas e análise do Eu (Massenpsychologie und Ich-Analyse, 1921)*, em que distingue três modos de identificação:

- a) como forma originária do vínculo afetivo com o objeto: trata-se de uma identificação pré-*edípica* marcada pela relação canibalésca decididamente ambivalente;
- b) mesmo sem qualquer investida sexual do outro, o sujeito pode identificar-se com ele na medida em que existe entre eles um elemento em comum (desejo de ser amado, por exemplo): pode-se ter a identificação por deslocamento em um ponto diferente (identificação histórica).

Freud também observa que, em alguns casos, a identificação não é relativa à totalidade do objeto, mas apenas a um “traço único” dele.

Identificação com o agressor

Mecanismo de defesa isolado e descrito por Anna Freud (1936): o sujeito, frente a um perigo externo (tipicamente representado por uma crítica proveniente de uma autoridade), identifica-se com seu agressor, seja assumindo a mesma função agressiva, seja imitando física ou moralmente a pessoa do agressor, seja adotando aqueles símbolos de potência que o diferenciam. Segundo Anna Freud, esse mecanismo seria dominante na constituição do estágio preliminar do superego, em que a agressão permaneceria dirigida para o exterior e ainda não seria voltada contra o sujeito sob a forma de auto-crítica.

A expressão “identificação com o agressor” não aparece nos escritos de Freud, mas observou-se que ele descreveu seu mecanismo, principalmente a respeito de algumas brincadeiras infantis, no capítulo III de *Para além do princípio de prazer (Jenseits des Lustprinzips, 1920)*.

Introjecção

Processo evidenciado pela pesquisa analítica: o sujeito introjeta de maneira fantasmática objetos e suas qualidades, fazendo com que passem de “fora” para “dentro”. A introjecção é semelhante à incorporação, que constitui seu protótipo somático, mas não implica necessariamente uma referência ao limite somático (introjecção no ego, no ideal do ego, etc.).

Tem uma relação estreita com a identificação. O termo “introjecção”, cunhado por simetria com projeção”, foi introduzido por Sandor Ferenczi, que escreveu em *Introjecção e transferência (Introjektion un Übertragung, 1909)*: “Enquanto o paranoico expelle de seu ego as tendências que se tornaram desagradáveis, o neurótico procura uma solução trazendo para seu ego a maior parte possível do mundo externo, transformando-o em objeto de fantasmas inconscientes. Podemos chamar esse processo, portanto, em oposição à projeção, de introjecção.”

Mecanismos de defesa

Depois de 1926, o estudo dos mecanismos de defesa tornou-se um tema importante da pesquisa psicanalítica, especialmente com a obra de Anna Freud dedicada a esse assunto. Essa autora procura descrever, com base em exemplos concretos, a variedade, a complexidade, a extensão dos mecanismos de defesa, mostrando particularmente que a intenção defensiva pode utilizar as atividades mais diversas (fantasmas, atividade intelectual), que a defesa pode estar ligada não só a reivindicações pulsionais, mas a tudo aqui-

lo que pode suscitar um desenvolvimento de angústia: emoções, situações, exigências do superego, etc. Note-se que Anna Freud não pretende fazer uma exposição exaustiva e sistemática, especialmente quando enumera *en passant* os mecanismos de defesa: recalco, regressão, formação reativa, isolamento, anulação retroativa, projeção, introjeção, volta sobre si mesmo, reversão da pulsão, sublimação.

Em muitos outros procedimentos defensivos puderam ser descritos.

A própria Anna Freud também lembra nesse contexto a negação mediante o fantasma, a idealização, a identificação com o agressor, etc. Melanie Klein descreve o que considera defesas muito primárias: cisão do objeto, identificação projetiva, rejeição da realidade psíquica, controle onipotente do objeto, etc.

Negação

Foi a experiência da cura que induziu Freud a evidenciar o procedimento da negação. Nos histéricos que curou ele encontrou frequentemente uma forma específica de resistência: "...quanto mais avançamos no profundo, mais dificilmente são reconhecidas as lembranças que emergem, até que, próximo ao núcleo, encontramos aquelas lembranças que o paciente, embora reproduzindo-as, renega."

O "homem dos ratos" fornece um bom exemplo de negação. Quando criança, imaginara que teria conseguido o amor de uma menina desde que lhe acontecesse uma desgraça: "...o pensamento que se impôs em sua mente foi que essa desgraça poderia ser a morte de seu pai. Imediatamente rejeitou esse pensamento, e agora também se recusava a admitir que se tratava de um verdadeiro desejo. Não passava de uma associação de idéias. Eu faço uma objeção:-- Mas se não era desejo, então por que julgou necessário combatê-lo?-- Simplesmente por causa do seu conteúdo, que era a morte necessária do meu pai?" Depois da análise mostrou que existia na realidade um desejo hostil para com o pai: "...a negação é imediatamente seguida pela confissão, de início indireta."

A idéia de que a tomada de consciência do recalco seja muitas vezes assinalada, na cura, pela negação constitui o ponto de partida do artigo que Freud dedica a esse assunto em 1925. "Não existe prova mais forte de que conseguimos descobrir o inconsciente do que ver o analisado reagir com essas palavras: não tinha pensado nisso ou nunca pensei nisso."

A negação conserva o mesmo valor de confirmação quando é oposta à interpretação do analista. Mas isso levanta uma objeção de princípio que não escapa a Freud: será que essa hipótese, ele se pergunta nas *Construções na análise (Konstruktionen in der Analyse, 1937)*, não corre o risco de garantir sempre o triunfo do analista? "...Quando o analisado nos aprova, ele está com a razão, mas quando nos contradiz, isso é só um sinal de sua resistência, ele ainda nos dá razão." Freud deu a essas críticas uma resposta pou-

co nítida, aconselhando o analista a procurar a confirmação no contexto e na evolução da cura. Em todo caso, permanece o fato de que para Freud a negação tem o valor de um índice que assinala o momento em que uma idéia ou um desejo inconscientes começam a ressurgir, seja na cura, seja fora dela.

Objeto

A noção de objeto na psicanálise é considerada sob três aspectos principais:

A) Enquanto correlato da pulsão: é aquilo em que e com que ela procura alcançar seu alvo, ou seja, determinado tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasmático.

B) Enquanto correlato do amor (ou do ódio) a relação então dá-se entre a pessoa total, ou a instância do ego, e um objeto considerado ele próprio como totalidade (pessoa, entidade, ideal, etc.); (o adjetivo correspondente é "objetal").

C) No sentido tradicional da psicologia do conhecimento, enquanto correlato do sujeito que percebe e conhece: é o que se oferece com características fixas e permanentes, reconhecível por todos os sujeitos independentemente dos desejos e das opiniões dos indivíduos (o adjetivo correspondente é "objetivo").

Objeto transicional

Termo introduzido por D.W. Winnicott para designar um objeto material que tem um valor eletivo para o lactente e a criança, especialmente na hora de dormir (por exemplo, uma extremidade do cobertor, um guardanapo que ele chupa).

Recorrer a objetos desse tipo, segundo o autor, é um fenômeno normal que permite à criança efetuar a transição entre a primeira relação oral com a mãe e a "verdadeira relação objetal".

O essencial das idéias de Winnicott sobre o objeto transicional está exposto num artigo intitulado *Objetos transicionais e fenômenos transicionais (Transitional Objects and Transitional Phenomena, 1953)*.

No plano da descrição clínica, o autor focaliza um comportamento observado com frequência na criança e designa-o como relação com o objeto transicional.

É frequente ver uma criança entre os quatro e os doze meses apegar-se a um objeto em especial, como um pompom de lã, a extremidade de um cobertor ou de uma colcha, etc., que ela chupa, aperta contra si e que revela-se indispensável no momento de dormir. Esse "objeto transicional" conserva durante muito tempo seu valor antes de perdê-lo gradativamente.

Posição depressiva

A teoria kleiniana da posição depressiva coloca-se na linha dos trabalhos de Freud, *Luto e melancolia* (Trauer und Melancholie, 1915), e de Abraham, *Esboco de uma história do desenvolvimento da libido baseada na psicanálise das perturbações psíquicas* (Versus einer Entwirk cklungs geschichte der Libido auf Grund der Psychoanalyse seelischer Störungen, 1924), Parte I, intitulada “Os estados maníaco-depressivos e os estados pré-gerais de organização da libido” (“Die manisch-depressiven Zustände und die prägenitalen Organisationsstufen der Libido”). Esses autores focalizaram, na depressão melancólica, os conceitos de perda do objeto amado e de introjeção, procuraram seus pontos de fixação no desenvolvimento psicosssexual (segunda fase oral, de acordo com Abraham) e finalmente ressaltaram a afinidade existente entre a depressão e os processos normais como luto.

A principal originalidade da contribuição kleiniana consiste em descrever uma fase do desenvolvimento infantil como profundamente análoga ao quadro clínico da depressão. A noção de posição depressiva é introduzida por M. Klein em 1924 em *Contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states). M. Klein já havia anteriormente atraído a atenção para a frequência dos sintomas depressivos na criança: “... encontra-se regularmente na criança essa passagem entre a exuberância e o abatimento que é característica dos estados depressivos”. A exposição mais sistemática que essa autora fez da posição depressiva encontra-se em *Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional da primeira infância* (Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant, 1952).

A posição depressiva se estabelece depois da posição paranoíca, em torno da metade do primeiro ano. Corresponde a uma série de mudanças relativas ao objeto e o ego, de um lado, e às pulsões, de outro.

Caracteriza-se pelos seguintes traços: a criança já consegue perceber a mãe como objeto total; a cisão entre objeto “bom” e o objeto “mau” atenua-se, enquanto as pulsões libidinais e hostis tendem a referir-se ao mesmo objeto; a angústia, chamada depressiva, é dirigida para o perigo fantasmático de destruir e perder a mãe devido ao sadismo do sujeito; essa angústia é combatida com vários modos de defesa (defesas maníacas ou defesas mais adequadas: reparação, inibição da agressividade), e é superada quando o objeto amado é introjetado de maneira estável e tranquilizante.

Posição paranoíde

Segundo Melanie Klein, é a modalidade das relações objetais que é característica dos quatro primeiros meses de vida, mas que pode voltar mais tarde no curso da infância ou no adulto, especialmente nos estados paranoíco e esquizofrênico.

Caracteriza-se pelos seguintes traços: as pulsões agressivas coexistem de imediato com as pulsões libidinais e são particularmente fortes; o objeto é parcial (principalmente o seio materno) e cortado em dois; o objeto “bom” e o objeto “mau”; os processos psíquicos dominantes são a introjeção e a projeção; a angústia, intensa, é de natureza persecutória (destruição por parte do objeto “mau”).

A descrição mais sistemática que essa autora tem a nos oferecer está em *Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional da primeira infância* (Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant, 1952).

Esquemáticamente, a posição paranoíde-esquizóide pode ser caracterizada da seguinte maneira:

- 1) Do ponto de vista pulsional, a libido e a agressividade (pulsões sádico-orais: devorar, rasgar) estão imediatamente presentes e unidas; nesse sentido, para M. Klein há ambivalência desde a primeira fase oral da sucção. As emoções ligadas à vida pulsional são intensas (avidez, angústia, etc.).
 - 2) O objeto é parcial, sendo o seio materno seu protótipo.
 - 3) Esse objeto parcial é no mesmo instante dividido em objeto “bom” e objeto “mau”, não só porque o seio materno gratifica ou frustra, mas sobretudo porque a criança projeta nele seu amor e seu ódio.
 - 4) O objeto bom e o objeto mau que resultam da cisão (*splitting*) adquirem uma relativa autonomia entre si e são ambos submetidos aos processos de projeção e introjeção.
 - 5) O objeto bom é “idealizado”: ele é capaz de oferecer “uma gratificação ilimitada, imediata, sem fim”, e sua introjeção defende a criança da ansiedade persecutória (traquilização). O objeto mau é um terrível perseguidor, e sua introjeção expõe a criança a riscos internos de destruição.
 - 6) O ego “muito pouco integrado” tem apenas uma limitada capacidade de suportar a angústia. Ele utiliza como modos de defesa, além da cisão e da idealização, a recusa (*denial*) que visa negar qualquer realidade ao objeto persecutório e controlar o objeto de maneira onipotente.
 - 7) “Esses primeiros objetos introjetados constituem o núcleo do superego.”
- Convém lembrar, enfim, que na perspectiva kleiniana todo indivíduo passa normalmente por fases em que predominam ansiedades e mecanismos psicóticos: posição paranoíde e posição depressiva. A superação da posição paranoíde depende especialmente da força relativa das pulsões libidinais com relação às pulsões agressivas.

Processo primário, processo secundário

Os dois modos de funcionamento do aparato psíquico conforme definidos por Freud. Podem ser radicalmente distintos:

- a) do ponto de vista tóxico: o processo primário caracteriza o sistema

inconsciente; o processo secundário caracteriza o sistema pré-consciente-consciente;

b) do ponto de vista econômico-dinâmico: no caso do processo primário, a energia psíquica flui livremente, passando sem obstáculos de uma apresentação à outra segundo os mecanismos de deslocamento e de condensação; tende a atingir plenamente as representações inerentes às experiências de satisfação que constituem o desejo (alucinação primitiva). No caso do processo secundário, a energia é “amarrada” antes de fluir de maneira controlada; as representações são atingidas de modo mais estável, a satisfação é adiada, permitindo assim a execução de experimentos mentais que provam os diversos caminhos possíveis de satisfação.

A oposição entre processo primário e processo secundário corresponde àquela entre princípio de prazer e princípio de realidade.

Projeção

No sentido propriamente psicanalítico, operação através da qual o sujeito expõe de si e coloca no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos e até “objetos” que não reconhece ou rejeita em si. Trata-se de uma defesa de origem muito arcaica que funciona especialmente na paranoia, mas também em modos de pensamento “normais” como a superstição.

Psicanálise

Disciplina fundada por Freud, na qual podemos distinguir três níveis:

A) Método de pesquisa que consiste essencialmente em explicitar o significado inconsciente dos discursos, ações, produções imaginárias (sonhos, fantasmas, delírios) de um sujeito. Esse método fundamenta-se principalmente nas livres associações do sujeito, que são a garantia de validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se para produções humanas para as quais não dispomos de associações livres.

B) Método psicoterápico fundado nessa pesquisa e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. Refere-se a esse sentido o uso de psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico; por exemplo, começar uma psicanálise (ou uma análise).

C) Complexo de teorias psicológicas e psicopatológicas no qual são sistematizados os dados trazidos do método psicanalítico de pesquisa e tratamento.

Recusa da realidade

Termo usado por Freud num sentido específico: modo de defesa que consiste na recusa por parte do sujeito em reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante, essencialmente a da ausência do pênis na mulher. Esse

mecanismo é evocado por Freud principalmente para explicar o feticchismo e as psicoses.

Em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (*Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechtsunterschieds*, 1925), a recusa é descrita tanto para a menina quanto para o menino; note-se que Freud liga esse processo ao mecanismo psicótico: “... intervem um processo que eu gostaria de designar com o termo recusa (Verleugnung), processo que não parece ser nem raro nem muito perigoso na vida psíquica da criança, mas que no adulto seria o ponto de partida de uma psicose.”

Na medida em que a recusa refere-se à realidade externa, Freud considera-a, em oposição ao recalcanço, a primeira fase da psicose. Enquanto o neurótico começa recalcanço as exigências do id, o ego psicótico começa recusando a realidade.

Regressão

Num processo psíquico com o sentido de percurso ou desenvolvimento, entende-se por regressão uma volta em sentido contrário, partindo de um ponto já alcançado em direção a um ponto anterior a ele.

No sentido tópico, segundo Freud, a regressão atua ao longo de uma sucessão de sistemas psíquicos que a excitação percorre normalmente em dado sentido.

No sentido temporal, a regressão supõe uma sucessão genética e designa a volta do sujeito para fases superadas do seu desenvolvimento (estados libidinais, relações objetais, identificações, etc.).

No sentido formal, finalmente, a regressão designa a passagem para modos de expressão e comportamento de um nível inferior do ponto de vista da complexidade, da estruturação e da diferenciação.

Sinal de angústia

Termo introduzido por Freud na revisão de sua teoria da angústia (1926) para designar um dispositivo acionado pelo ego frente a uma situação de perigo de maneira a evitar ser dominado pelo afluxo de excitações. O sinal de angústia reproduz de forma atenuada a reação de angústia vivida originalmente numa situação traumática, permitindo assim que as operações de defesa entrem em ação.

Trauma ou Traumatismo

Evento da vida do sujeito por sua intensidade, pela incapacidade do sujeito em responder-lhe adequadamente, pela viva agitação e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica.

Em termos econômicos, o trauma caracteriza-se por um fluxo de excitações que é excessivo para a tolerância do sujeito e sua capacidade de dominar e elaborar psiquicamente essas excitações.

Trauma é um termo usado há muito tempo em medicina e cirurgia. Provém do grego *τραυμα* = ferida, deriva de *τιτρωσθ* = perfurar, e designa uma ferida com laceração. Em certos contextos refere-se mais às consequências a totalidade do organismo de uma lesão resultante de uma violência externa, a noção de laceração do revestimento cutâneo, porém, nem sempre é encontrada; fala-se, por exemplo, em "traumatismos" crânio-cerebrais fechados".

A psicanálise retomou esse termo, transpondo para o plano psíquico seus três significados: o de choque violento, o de laceração e o de consequências em todo o organismo.

A noção de trauma, como o próprio Freud observou, remete principalmente a uma concepção econômica. "Assim chamamos uma experiência vivida que provoca, no espaço de pouco tempo, um aumento tão forte de excitação na vida psíquica que não se consegue ter sua liquidação ou elaboração com os meios normais e habituais; isso não pode deixar de provocar distúrbios duradouros no funcionamento energético." O fluxo de excitações é excessivo para a tolerância do aparato psíquico e pode ser devido seja a um só evento muito violento (uma emoção forte), seja a um acúmulo de excitações individualmente toleráveis; o princípio de constância é logo violado, já que o aparato é incapaz de descartar a excitação.

Em *Para além do princípio de prazer (Yenselts des Lustprinzips, 1920)* Freud fez uma representação metafórica dessa situação, considerando-o no nível de uma relação elementar entre um organismo e seu ambiente: "a vesícula viva" é mantida ao abrigo das excitações externas mediante uma camada protetora ou um reparo antiesímulo que só deixa passar a quantidade de excitação tolerável. Se essa camada sofrer uma grande laceração, ocorrerá o trauma: o aparato, então, assume a tarefa de mobilizar todas as forças disponíveis para produzir o contra-ataque, fixar no lugar a quantidade de excitação excedente e permitir assim a restauração das condições de funcionamento do princípio de prazer.



MG, Juiz de Fora
(36013) R. Espírito Santo, 963
Tel.: (032)215-8061

RS, Porto Alegre
(90210) R. Ramiro Barcelos, 390
Tel.: (051)21-6522

(90010) R. Riachuelo, 1280
Tel.: (051)25-3911

RS, Novo Hamburgo
(93310) R. Joaquim Nabuco, 543
Tel.: (051)293-8143

DF, Brasília
CLN/Norte, Q. 704
(70730) Bl. A, n. 15
Tel.: (061)223-2436

GO, Goiânia
(74000) R. S, n. 291
Tel.: (062)225-3077

PE, Recife
(50070) R. dos Coelhos, 485
Tel.: (081)221-4100

(50020) R. da Conceição, 167
Tel.: (081)224-3924

PR, Curitiba
(60230) R. Aleres Póll, 52
Tel.: (041)233-1392

(80020) R. Vol. da Pátria, 39
Tel.: (041)223-6059

SC, Blumenau
(89010) R. 15 de novembro, 963
Tel.: (047)322-3471

CE, Fortaleza
(60015) Av. Trisâo Gonçalves, 1158
Tel.: (085)231-9321

(60025) R. Major Facundo, 730
Tel.: (085)221-4877

BA, Salvador
(40110) R. Carlos Gomes, 698-A
Corn. Bela Center, loja 02
Tel.: (071)241-8666

MT, Cuiabá
(78025) Av. Getúlio Vargas, 381
Tel.: (065)322-6809
e 322-6967

MS, Campo Grande
(79013) R. Barão do R. Branco, 1231
Tel.: (067)384-1535
e 384-1593

(30140) R. Almorás, 1583
Tel.: (031)222-4152
e 222-4482

(12900) R. Teófilo Leme, 1055
Tel.: (011)433-3675

MG, Belo Horizonte
(30190) R. Tupis, 85 loja 10
Tel.: (031)226-5383

(30190) R. Tupis, 114
(Ao lado da Igreja São José)
Tel.: (031)273-2538

SP, Bagança Paulista
(12900) Av. S. Fr. de Assis, 218
Tel.: (011)433-3675

(01414) R. Haddock Lobo, 360
Tel.: (011)256-0611

Rua Thiers, 310
(03031) Pari
Tel.: (011)229-9578

SP, Jicema Angélica, 63
(22420) Ipanema
Tel.: (021)267-5397

SP, São Paulo
(01006) R. Sen. Feiló, 158
e 168
Tel.: (011)935-7144
36-2288

R. Joaquim Palhares, 227
(20260) Estado de Sá
Tel.: (021)273-3196

R. Jucana Angélica, 63
(22420) Ipanema
Tel.: (021)267-5397

RJ, Rio de Janeiro
(20031) R. Sen. Dantas, 118-1
Tel.: (021)220-6445

MATRIZ
RJ, Petrópolis
(25689) R. Frei Luís, 100
Calva Postal 90023
Tel.: (0242)43-5112

FILIAIS